

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante encontro com a Delegação de Atletas Paraolímpicos

Brasília-DF, 02 de agosto de 2013

Queria cumprimentar o nosso ministro do Esporte, Aldo Rebelo; a ministra da Secretaria dos Direitos Humanos, Maria do Rosário; a ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social.

Queria dirigir um cumprimento muito especial ao presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro, o Andrew Parsons, e toda a comissão técnica que está aqui representada.

Queria também cumprimentar o Antonio José, nosso secretário nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência.

Queria cumprimentar cada um dos atletas aqui presentes. Cumprimentar cada um pelo imenso esforço e pela imensa superação e pelas vitórias que obtiveram ao longo dessa trajetória lá na França, em Lyon.

Quero dizer que a cada vez que vocês vêm aqui nesse Palácio, em que a gente comemora as vitórias de vocês, como aconteceu em 2011 e agora em 2013, nós vemos que vocês conseguem ampliar, conseguem se superar e apresentar aqui um resultado - por todos os critérios, se a gente avaliar de acordo com quaisquer padrões internacionais - mostra um excepcional desempenho. São 40 medalhas e um terceiro lugar que nos honra muito. Honra o nosso país e que mostra que o ser humano tem uma imensa capacidade de superação. É necessário que haja cooperação da família, é necessário que a comunidade participe, é necessário que as diferentes confederações de esporte tenham um papel, é necessário essa política ativa feita pela Confederação Paraolímpica e é necessário o papel do governo. Mas nada disso funciona se não tiver essa garra que a gente vê em cada um de vocês, essa garra que vocês demonstram lá na hora, e a inconformidade, né, aquela inconformidade de você ficar brava porque seria um milésimo, sem isso, a gente sabe, você não conquista vitórias. Então, a mim me orgulha muito estar aqui com vocês. Me orgulho porque é o momento em que a gente sente que as pessoas foram capazes de se superar. A gente sabe de situações extremamente difíceis que vocês enfrentaram ao longo da vida. Vocês chegaram ao pódio, vocês chegaram ao pódio, vocês tiveram essa vitória e essa vitória representa muito para o Brasil. Representa muito para o Brasil pelo que ela tem de capacidade e pelo que ela tem de demonstração de capacidade, de superação, pelo que ela tem, também, daquele momento em que as pessoas estão sozinhas consigo mesma e é naquela hora que a força depende de você, tudo que você mobiliza de recursos para poder vencer.

Cada um, cada brasileiro e cada brasileira, olha para vocês e olha para vocês com carinho, admiração e respeito e também como um padrão de comportamento, um padrão de desempenho. Vocês demonstram que existem valores que nós devemos cultivar e cultivar. Esses valores são os valores do empenho, o valor da determinação, o valor do trabalho árduo e, sobretudo, também o valor da alegria de vencer. Essa alegria de vencer, eu acho que vocês hoje transmitiram um pouquinho para cada um de nós. Para mim, vocês transmitiram uma imensa alegria naquele abraço, e eu agradeço o abraço. O abraço foi o melhor presente que eu recebi. E agradeço e espero que das próximas vezes

vocês continuem com o abraço, porque ele transmite, ele compartilha, vocês compartilharam comigo o momento dessa vitória.

Eu queria dizer que o Brasil está empenhado em desenvolver o esporte paraolímpico. E faz isso com a convicção de que o esporte paraolímpico representa um momento, um caminho de superação, mas, sobretudo, um caminho simbólico. Nós temos esse centro de treinamento em São Paulo. Ele nada tem de simbólico, ele tem de concreto. Lá nós vamos treinar, nós vamos nos capacitar cada vez mais, e um dia a nossa meta vai ser chegar em primeiro lugar. Como em qualquer esporte essa será a nossa meta. Não sei quando, mas um dia será. Um dos passos para isso é essa parceria do governo federal com o governo de São Paulo nesse centro de treinamento, que eu considero que tem que ser um dos melhores do mundo.

Além disso, eu me sinto muito orgulhosa com essa questão da Bolsa Atleta Pódio. São 160 bolsas e nós começamos aqui hoje pelos atletas paraolímpicos. Essas 44 bolsas que hoje estão sendo concedidas, e simbolicamente a Terezinha recebeu e o Alan, elas tem um sentido muito concreto. Qual é o sentido? Nós, através dessa bolsa, queremos ajudar na profissionalização, o acesso às melhores práticas, à condições adequadas de trabalho e, sobretudo, viabilizar uma certa tranquilidade na vida do atleta. Que ele não tenha de se preocupar também com as questões tanto da sobrevivência, mas também das condições nas quais ele treina e se desenvolve.

Nesse sentido eu considero que o Plano, todo esse Plano Brasil Medalha, do Ministério do Esporte, ele tem esse sentido. E muito me orgulha começar, no que se refere ao esporte de alto rendimento, começar pelos atletas paraolímpico. Eu acho que é um símbolo, inclusive, de quanto os atletas paraolímpicos alcançaram no Brasil. É o reconhecimento da nossa parte também a todas as conquistas, que ao longo desses anos, vocês vêm tendo.

Eu estive e vi e participei de alguns momentos no passado, eu estive em Londres com vocês, eu vi em alguns momentos vocês comovendo o Brasil inteiro, e eu tenho certeza que esse ciclo que se abre hoje vocês vão comover muito mais. Vocês ainda vão dar muita alegria para nós, você vai correr, e vai demonstrar, depois que você casou, né, agora que você casou, você vai demonstrar a nossa imensa capacidade de ganhar. E eu fico aqui e quero dizer para vocês que hoje vocês, além disso, me comoveram pessoalmente com o abraço. Mais uma vez eu agradeço o abraço porque você compartilhou isso comigo, eu te agradeço muito. Como presidenta da República eu fico muito feliz e em nome de todos os brasileiros e brasileiras eu quero agradecer a vocês e dizer que a gente tem em vocês um grande motivo de orgulho.

Muito obrigada e um beijo no coração de cada um.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de sanção da lei que institui o Estatuto da Juventude

Palácio do Planalto, 05 de agosto de 2013

Queria iniciar cumprimentando a todos os presentes, em especial, as brasileiras e os brasileiros jovens.

Cumprimentar o nosso vice-presidente da República, Michel Temer,

Cumprimentar os deputados Henrique Eduardo Alves, presidente da Câmara dos Deputados,

Cumprimentar, aqui, os chefes de missão diplomática acreditados junto ao meu governo, Cumprimentar as senhoras e os senhores ministros de Estado aqui presentes, saudando o ministro Gilberto Carvalho, da Secretaria-Geral,

Cumprimentar o senhor governador do Amapá, Camilo Capiberibe,

Cumprimentar os senhores senadores José Pimentel, líder do governo no Congresso; Paulo Paim e Randolfe Rodrigues, relatores do Estatuto da Juventude; Gim Argello, Vanessa Grazziotin e Wellington Dias.

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes, cumprimentando Manuela D'Ávila, relatora do Estatuto da Juventude. Cumprimento também Alice Portugal, André Figueiredo, Domingos Dutra, Henrique Fontana, Ilário Marques, Janete Rocha Pietá, José Guimarães, Nilmário Miranda, Reginaldo Lopes, Weverton Rocha, Zezéu Ribeiro.

Cumprimentar a secretária nacional de Juventude, senhora Severine Carmem Macedo, Cumprimentar e agradecer o diretor Guilherme Lacerda, do BNDES, pela parceria com a Secretaria-Geral, a respeito de financiamento para a juventude, tanto na área cultural quanto na área produtiva.

Cumprimentar a Virgínia Barros, presidente da UNE. Ao cumprimentar a Virgínia, eu quero cumprimentar todos os jovens aqui presentes.

Cumprimentar o presidente do Conselho Nacional da Juventude, Alessandro Melchior, por intermédio de quem saúdo todos os integrantes do Conjuve.

Quero saudar também os artistas. Quero saudar o Wellington Braz, o Genival Oliveira e Rapadura Xique Chico. E dizer que vocês também conseguem comunicar, de uma forma muito profunda, o sentimento de vocês. E, nesse sentido, além de artistas são poetas também. E queria cumprimentar a classe artística que apoiou a tramitação e a aprovação do Estatuto da Juventude.

Cumprimentar as senhoras jornalistas, os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas.

Queridos companheiros, hoje, sem dúvida nenhuma, como todos que me antecederam destacaram, é um dia de celebração para a juventude brasileira. Um dia de celebração em toda a sua diversidade de crenças, em toda a sua diversidade de etnia e de origem social. Ao sancionar o Estatuto da Juventude, nós, com a participação de vocês, demos mais um passo para, de fato, construir uma história da juventude brasileira baseada em direitos. Como disse um dos artistas que me antecedeu: a arquitetura humana é aquela que a gente carrega pela vida inteira.

Portanto, os direitos sociais são aqueles que uma sociedade carrega para a vida inteira, e, por isso, eu queria dizer que este mês, este mês de agosto se torna, assim, um mês histórico, o mês do Estatuto da Juventude depois de dez anos de luta. Portanto, um Estatuto que foi conquistado através do esforço, da participação, da disputa – porque a disputa é democrática, tem dois lados –, foi conquistado através de visões distintas, mas que conseguiram se convergir e criar esse leito que é o Estatuto da Juventude. A partir de hoje, portanto, 51 milhões de brasileiros possuem sua carta de direitos.

Nós sabemos que é com base nessa carta de direitos que nós sabemos que esse Estatuto é só um começo. A partir de agora nós teremos de aprofundar esses direitos, de

desdobrá-los, de transformar esses direitos não só em conquistas concretas, mas também de saber que eles irão levar a novas propostas e a novos caminhos.

Nós, na verdade, firmamos hoje um pacto, um pacto pela juventude brasileira, e esse pacto, como todos os pactos importantes neste país, é um pacto baseado numa visão que o que compromete qualquer processo no Brasil, qualquer iniciativa no Brasil é a desigualdade. Então, é um pacto pela igualdade, é um pacto por mais oportunidades, por garantir maior participação e, portanto, é um pacto também fundado em valores, em valores e em valores éticos, mas, sobretudo, na certeza de que o nosso país tem como célula mater, como local principal as suas crianças e seus jovens, porque nas suas crianças e nos seus jovens está não só o presente, mas o futuro também.

Esse é um compromisso do meu governo e nós – vocês podem ter certeza – queremos, com a participação de vocês, com a presença democrática das diferentes opiniões que reportam à juventude brasileira, como não podia deixar de ser, construir um caminho que leve à consolidação dos direitos de cidadania, dos direitos civis, dos direitos econômicos, dos direitos sociais dos jovens brasileiros.

Quase todos os jovens aqui nasceram em um Brasil democrático, um Brasil muito diferente do Brasil da minha juventude. Receberam o legado da liberdade de expressão, da liberdade de organização, do direito de greve, do direito de opinião, do direito de manifestação política, de eleições livres como resultado da luta de várias gerações que antecederam esse momento, várias gerações de jovens.

Vocês representam o que há de melhor na nossa história e isso é uma grande vantagem para nós porque estamos num momento especial. As pessoas no Brasil hoje, elas têm o direito e tem de ter esse direito de livre expressão.

Muitos de vocês contribuíram e têm contribuído para consolidar, fortalecer e ampliar a democracia, nos conselhos, nas suas organizações estudantis, nas organizações negras, enfim, em várias entidades, ou até individualmente, que essas conquistas sociais eu tenho certeza que não vão retroceder.

Vocês também, em sua grande maioria, viveram parte da infância e da juventude nos governos do presidente Lula e no meu governo. Muitos cresceram convivendo com o novo Brasil, um Brasil em transformação. Nele há muita coisa para ser feita, mas também há algumas conquistas que nós realizamos nesses últimos anos.

Escolhas políticas levaram à retomada do desenvolvimento e a considerar absurda e inadmissível a desigualdade que recortava o nosso país. Por isso vocês cresceram, por exemplo, vendo, alguns vendo seus pais com carteira assinada, trabalhando; outros viveram com orgulho o irmão mais velho, ou até ele mesmo, entrando pela primeira vez na universidade; muitos foram contemporâneos do início do combate à miséria do Brasil, através do Bolsa Família; viram o Brasil fazer um grande programa habitacional, como o Minha Casa, Minha Vida; nós assistimos também a melhora do salário mínimo. Foram, sobretudo, contemporâneos de um grande esforço por acesso ao ensino superior, com a criação de mais universidades federais, também do ensino técnico, com mais escolas técnicas, com o ProUni, com o Fies, sobretudo, recentemente, com a Lei de Cotas, que é algo importante para o nosso país. A Lei de Cotas é, sem dúvida, uma lei de democratização e de combate ao racismo no nosso país. Com o Ciência sem Fronteiras também.

Para muitos de vocês, principalmente os mais jovens, tudo isso parece natural, como se sempre tivesse sido assim. Nós sabemos que nem sempre foi assim. Essa talvez seja uma das características de viver um pouco mais: saber que nem sempre foi assim. Mas o que é importante é saber que tudo isso foi fruto de decisões, decisões que o nosso povo participou. Não é uma decisão de alguns grupos pequenos que resolveram que seria assim. Não. Foi através da participação democrática dos jovens e do povo brasileiro que as coisas mudaram.

Por isso é que esse Estatuto ganha ainda mais importância porque ele é uma condição para nós continuarmos mudando, para nós continuarmos e lutarmos por um Brasil que seja um Brasil no qual o grande ganho seja na arquitetura humana, ou seja, aquele que a gente carrega com a gente.

Daí por que eu queria dizer para vocês. Quando a gente reconhece conquistas não significa que nós devemos nos acomodar, fixar o nosso olhar no passado e achar que conseguimos tudo. Quando nós reconhecemos conquistas é para perceber que nós, como conseguimos, temos capacidade de conseguir mais e, mais uma vez, eu repito: o Estatuto é isso, é a capacidade dos jovens brasileiros de sempre conseguir mais.

Eu queria dizer umas palavras para vocês a respeito dos acontecimentos mais recentes. Eu acredito que fazer mais em nosso país passa, necessariamente, por construir e aprimorar, cada vez mais, o nosso sistema político. O nosso sistema político, como tudo que nós construímos, tem de ser aperfeiçoado, e o que nós queremos é que cada vez mais ele seja pautado por valores públicos, valores de ética, valores de transparência e que nós tenhamos o compromisso de assegurar que este país, o seu estado, a União, os estados e os municípios e todos os seus poderes sejam governados de forma absolutamente ética. Falo aqui também da necessidade de uma reforma política, como já disse outras vezes. Como tudo na vida, a reforma política também diz respeito à melhoria e ao aperfeiçoamento do sistema político.

Quando eu propus a reforma política, propus antecedida por um plebiscito, por meio do qual a população definiria as linhas centrais do novo sistema de representação que deseja ver instalado no Brasil. Eu considero que, consultar o povo, nunca é demais. Consultar o povo é democrático e é necessário para que as nossas instituições se tornem cada vez mais permeáveis às demandas da sociedade, às demandas das redes e das ruas, mais abertas ao controle e, sobretudo, mais eficazes.

Aliás, nenhum país, nenhum país do mundo se transformou numa nação desenvolvida sem aperfeiçoar suas estruturas de governança. Não estou falando aqui só em reforma política. Estou falando em aperfeiçoamento da governança do Estado. E eu queria também afirmar aqui que o Brasil precisa que nós olhemos o trabalho cotidiano como um trabalho que tem de ser feito tanto assegurando as melhores práticas de gerência, mas também com o combate sistemático aos malfeitos e à corrupção.

Nós hoje temos instituições fortes, nós não somos um país qualquer. Este país, se você comparar ele com vários outros, tem uma estrutura judiciária, tem um Ministério Público dentro do governo federal, tem o Portal da Transparência e a Controladoria-Geral da União. Todas essas estruturas, elas estão capacitadas para coibir o desvio de recursos públicos.

Queria, no entanto, me referir aqui a algo que aconteceu nessa semana que passou, que é o fato de que combater isso exige e requer o envolvimento e a participação da sociedade, por isso nós não podemos descuidar do combate aos corruptores. E eu queria, aqui, me referir à lei que eu sancionei na semana passada, que pune, de forma mais efetiva, os corruptores.

Portanto, eu quero dizer que a juventude brasileira, com bandeiras as mais diversificadas e com muita disposição para discutir os rumos do país – e ela tem demonstrado isso –, ela tem se manifestado no sentido do avanço de todas as mudanças que beneficiam o país. E é isso que mais uma vez nós estamos fazendo aqui hoje. O Estatuto da Juventude tem 48 artigos, e eles vão nos dar a baliza para implementar as políticas que assegurem participação à juventude, trabalho decente, educação, saúde, segurança, transporte coletivo.

Eu queria dizer e me referir aqui a uma questão que eu considero extremamente relevante para o país e que diz respeito diretamente aos jovens, porque eles são os mais interessados nisso: é a questão relativa aos royalties do petróleo. Os royalties do petróleo são originários de uma riqueza finita, uma riqueza que a gente começa a explorar e ela, um dia, acaba. Portanto, desde o início, o governo considerou fundamental que esses royalties do petróleo fossem destinados à educação.

Nós, inclusive, considerávamos que essa destinação, ela tinha um sentido que é talvez o sentido mais forte dentro do país. A gente sabe que o caminho para sair da desigualdade, na verdade, ele é constituído de duas partes, uma parte são os adultos, que saem da desigualdade ou melhorar de emprego, a ter acesso a emprego. Mas o grande caminho para a gente sair da desigualdade é a educação. Por isso que era tão importante pegar a maior riqueza física que o Brasil tinha e dedicá-la à educação. Era uma riqueza finita se transformando no que a gente pode dizer numa riqueza infinita, que é aquela que as pessoas carregam pela vida toda, mas ela fica também, porque as pessoas transmitem isso para a sociedade através da cultura, da ciência. Enfim, a educação, ela tem um poder de permanecer para sempre dentro de uma nação.

Por isso, eu considero muito importante esse pacto, um dos cinco pactos que eu fiz, que eu propus, que é o pacto pelos royalties, e considero também os outros, os demais pactos, muito importantes. Mas me refiro a esse, especificamente, diante da importância que tem para o país, diante da relevância que tem para o país, e também pelo fato de que nós hoje estamos numa situação que permite descortinar um horizonte em que o petróleo no Brasil, foi descoberto o pré-sal, e que nós temos um horizonte em que essa riqueza será uma riqueza constante e permanente, portanto, destinada às crianças e aos jovens deste país.

Eu queria cumprimentar, apesar de achar um nome muito feio – “participatório”, eu acho feio isso, eu acho. Apesar de achar um nome muito feio, eu quero cumprimentar o Gilberto pela iniciativa, que é o observatório participativo, que ele botou o nome de “participatório”. Não sou só eu, várias pessoas acham feio. Mas ele insistiu, entendeu? Como nós somos um governo democrático, ele pôs “participatório”. E eu não estou falando nenhuma novidade para ele, não, ele sabe disso. Bom, então eu queria cumprimentar pelo “participatório”, porque ele abre o diálogo direto e ele utiliza as redes, e um governo tem de ... diante da juventude não há o que fazer, ele tem de ficar digital, não

é? Por isso eu quero dizer para vocês que nós vamos ficar cada vez mais conectados, não só com a voz das ruas, mas das redes também.

Eu quero também dizer para vocês que um outro grande problema do Brasil é o acesso à banda larga, a exclusão digital é uma forma de exclusão. E nós atualmente temos o empenho de construir um programa de acesso à banda larga, com qualidade e, sobretudo, custo acessível, para todos os brasileiros, mesmo aqueles que vivem nas regiões mais longínquas do país onde está, de fato, a dificuldade em garantir acesso.

Eu quero dizer que eu considero outra questão muito importante é o incentivo à criatividade, à capacidade empreendedora e a todas as atividades que são possíveis de ser financiadas pelo BNDES em parceria com a Secretaria-Geral.

Finalmente, eu quero dizer para vocês uma coisa: eu, em outros momentos da minha vida, eu também estive nas ruas lutando por mais democracia e mais direito. Naquela época você ia uma vez, ou duas ou três vezes para a rua, mas depois você acabava na cadeia. Eu não sou uma pessoa que deixei meus compromissos democráticos quando assumi a Presidência.

Por isso, uma das coisas que eu considero mais grave no Brasil, hoje, é a violência contra a juventude, negro e pobre. É o lado mais perverso... Eu considero que essa talvez seja a questão mais grave que a juventude brasileira passa, de todas as questões, porque ela mostra um lado, um lado da nossa sociedade que nós não podemos conviver com ele, conviver pacificamente com ele. Nós temos – contra esse lado, que é o lado da violência contra a juventude negra e pobre –, eu acho que nós temos de ter um pacto. Eu considero que nós temos de construir, dentro desse novo Estatuto da Juventude, nós temos de construir as trincheiras para lutar contra essa questão: a questão da violência indiscriminada contra jovens, mulheres e homens negros e pobres, mais homens, mas não deixa de ter mulheres também sofrendo essa violência.

Por isso, Gilberto, nós aqui hoje estamos criando um conjunto de órgãos, de conselhos e de sistemas, para tratar da questão da juventude. Eu considero que esse é o nosso tema prioritário e queria propor ele como sendo o centro da questão da nossa discussão nesse setor, porque se a gente pode chamar de setor, vocês... nesse universo, é muito melhor que setor, nesse universo que abrange a juventude do nosso país, e ele recorta este país de norte a sul, de leste a oeste. Essa é uma questão que está em todas as periferias e está em todas as regiões. Por isso eu considero que esse é um dos principais, um dos principais assuntos a serem tratados pela juventude e pelo conselho, por todas essas esferas. Obviamente eu não estou eliminando os outros democráticos e todas as outras discussões de reivindicação, mas eu considero que essa questão é, talvez, a manifestação mais forte da desigualdade em nosso país.

Eu, finalmente, quero dizer para vocês que eu vou e o meu governo também vai continuar, com diálogo e participação, garantindo um Brasil à altura dos jovens brasileiros, um Brasil à altura das aspirações, sobretudo à altura daquilo que nós sonhamos de melhor para este país.

Eu conto com vocês! Vocês podem contar comigo!

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a cerimônia de inauguração do campus avançado da Universidade Federal de Alfenas Varginha-MG, 07 de agosto de 2013

Boa tarde a todos.

Queria cumprimentar o prefeito de Varginha, senhor Antônio Silva.

E queria cumprimentar cada prefeito e cada prefeita aqui, que me honraram com a sua presença, prefeitos e prefeitas do sul de Minas.

Queria cumprimentar os ministros de Estado que me acompanham hoje, aqui, nessa visita a Varginha: Aloizio Mercadante, ministro da Educação; Fernando Pimentel, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; ministro Antonio Andrade, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; e ministra Helena Chagas, da Comunicação Social.

Cumprimentar os deputados federais Diego Andrade, Geraldo Tadeu, Odair Cunha, Silas Brasileiro, Walter Tosta.

Cumprimentar o senhor Narcio Rodrigues, secretário estadual de Ciência e Tecnologia, representando o governo de Minas.

Cumprimentar o vereador Leonardo Vinhas Ciacci, presidente da Câmara de Vereadores de Varginha.

Cumprimentar o magnífico reitor Paulo Márcio de Faria e Silva, da Universidade Federal de Alfenas, por intermédio de quem cumprimento as senhoras e os senhores reitores aqui presentes.

Cumprimentar o senhor Paulo Roberto Rodrigues de Souza, diretor do Campus Avançado de Varginha.

Minha cara Rafaela Rodrigues da Silva Carvalho, que representa aqui o Centro Acadêmico do Campus de Varginha. E queria também, por meio dela, cumprimentar todas as estudantes e os estudantes aqui presentes. Queria dizer para a Rafaela que a coisa tem de ser assim mesmo, ela tem de reivindicar. E acho que a reivindicação sempre esclarece as questões. Nós, de fato, temos uma grande preocupação com essa questão da assistência universitária, ela é um elemento fundamental para garantir que pessoas com origens sociais diferentes tenham as mesmas oportunidades.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores produtores de café, agricultores rurais, aqui, do setor cafeeiro.

Cumprimentar os senhores jornalistas, as senhoras jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Essa visita minha aqui, a Varginha, ela está associada a esse grande evento para nós que é, sempre quando você coloca o campus à disposição dos alunos e dos professores, e ao mesmo tempo, quando se faz isso - e eu acho que essa foi uma das questões que mais nos preocupava tanto no governo Lula como no meu governo - quando se faz isso, é necessário se olhar duas coisas: primeiro, se o aumento do acesso à educação é uma realidade. Ou seja, se diferentes agentes sociais têm o mesmo acesso à educação, se diferentes segmentos sociais, se nós garantimos que as pessoas que estão nos diferentes estratos sociais da população têm acesso à essa universidade. Essa é uma questão. E a segunda questão diz respeito ao fato que não é possível manter a universidade, não era

possível fazer isso, manter a universidade fechada nos grandes centros econômicos do país. Que era necessário interiorizar a universidade. Então, dois elementos, um de ordem social e o outro de ordem regional se cruzam para assegurar a democratização da oportunidade de ter acesso ao ensino superior no Brasil. E nós sabemos que um dos fatores de desigualdade está nesses acessos diferenciados.

Daí porque, ao entregar hoje esse campus avançado em Varginha, dessa senhora centenária que é a universidade federal de Alfenas, nós temos certeza que nós estamos contribuindo para o desenvolvimento regional. E eu quero, com muita força, crer, que nós também estamos dando passos no sentido de assegurar que se amplie o acesso à educação para a população que, até hoje, os seus pais, os seus parentes não tiveram acesso a isso.

Eu lembro de uma cerimônia que eu participei em que o pessoal cantava: “que o filho da faxineira agora pode ser doutor”. Eu acredito que esse canto, que era um canto muito forte e era do pessoal do ProUni, ele tem de ser uma realidade, também, na escola pública federal brasileira. Daí porque eu queria dizer para a Rafaela que um dos elementos fundamentais disso é a assistência universitária, mas é, foi e será a lei de cotas, porque no Brasil a segmentação do acesso à educação se dá também por raça, se dá também, hoje, ao contrário do que foi na minha época, pelo fato de o aluno ser ou não ser de escola privada. Portanto, a lei de cotas, ao garantir e assegurar o acesso ao ensino público federal de universidade para aquele estudante da escola pública, ele também dá um passo no sentido dessa democratização.

Mas eu acredito que nós devemos reconhecer o imenso potencial transformador que interiorizar campus tem no nosso país. Tem na capacidade, inclusive, de atrair investimentos, de diversificar investimentos, inclusive de diminuir o grau de concentração urbana no nosso país, de melhorar as condições de vida da nossa população.

Nós, sem sombra de dúvida, mudamos radicalmente a política, em relação à rede federal de ensino superior, nós mudamos. A que vigia até 2002 era uma política restritiva, no sentido de que a interiorização não estava contemplada, nem uma taxa de expansão das universidades e das faculdades também. Nós voltamos a criar universidades federais. Agora nós temos 63, contra as 45 que existiam em 2002.

E uma das coisas mais importantes é a expansão de campus. São 321 campi, ao final do meu governo, sendo que no início de 2002 eram 148 apenas. E eu acredito que com esse aqui de Varginha, cada vez mais municípios do interior do Brasil vão sediar um campus universitário, e isso significará desenvolvimento, expansão e oportunidade para a população do município, do entorno do município, e mais oportunidade de trabalho. Eu quero dizer para vocês que junto com essa política de expansão da rede federal, que foi o Reuni, o processo pelo qual nós voltamos a valorizar as universidades. Porque, nós sabemos, toda crise pela qual passou a universidade, e principalmente a universidade pública brasileira, junto com o seu fortalecimento, junto com novos campus, junto com professores mais qualificados, nós também apostamos que o ensino privado podia dar maior número de vagas, e aí fizemos o ProUni, que hoje chega a 1 milhão e 200 mil jovens de baixa renda, que é a condição do ProUni; e o Fies, que é o programa de financiamento que nós esperamos que na metade deste mês chegue a 1 milhão de beneficiários.

Tudo isso faz parte de uma nova visão do ensino universitário no nosso país. Eu tenho absoluta certeza que muito falta por fazer. Tanto tenho essa certeza que quando nós contemplamos a possibilidade de, de fato, chegar a gastar os 10% do Produto Interno Bruto, nós tomamos uma medida. Porque no Brasil tem algumas coisas que são engraçadas: o pessoal quer aumentar o gasto, mas não diz de onde sai o dinheiro. Vocês são prefeitos e prefeitas. Nós sabemos que para você aumentar, você tem de dizer de onde sai. E a grande fonte de recursos para a educação, no nosso país, é a maior receita que este país tem para utilizar e comercializar agora, que é o petróleo, tanto o petróleo do chamado pós-sal como do pré-sal. E por isso nós defendemos que o *royalty* do petróleo fosse usado para a educação. Por quê? Porque o *royalty* do petróleo é uma riqueza finita, ela acaba. A única riqueza que não é finita e não sofre turbulência é aquela que a gente carrega com a gente, que é a educação.

E é essa a forma pela qual um país vira uma grande nação, porque uma coisa é um grande país, outra coisa é uma grande nação. Uma grande nação é grande porque a sua população é grande. E nós só podemos ser de fato um país desenvolvido, não é se o nosso PIB crescesse – é também –, não é só se nós descobrimos mais riquezas, é também, mas é, sobretudo, se nós mudarmos radicalmente a qualidade da educação prestada às crianças e aos jovens deste país, e também aos adultos, porque também adulto não pode para de estudar, não.

Então, colocar a riqueza do pré-sal, do pós-sal, os *royalties* do petróleo para garantir que nós pudéssemos mudar a qualidade da educação, é crucial. É importante saber o que é que nós temos de riqueza do petróleo. Nós temos bastante riqueza e eu queria só dar uma ideia para vocês: em outubro, dia 21 de outubro, nós vamos abrir um processo de licitação. Esse processo de licitação será sobre o campo de Libra. O que é o campo de Libra? É um dos campos que a Petrobras foi lá, desde 2006, furou, viu que tinha petróleo. Onde que tinha petróleo? Tinha petróleo abaixo da camada do sal. Por isso que chama pré-sal. Lá em baixo tem uma camada de sal, abaixo tinha petróleo em boa quantidade e qualidade. Para vocês terem uma ideia, esse campo de Libra, ele tem entre oito a doze bilhões de barris equivalentes de petróleo. Pois bem, quanto de reserva que o Brasil tem hoje depois de 100 anos de exploração de petróleo? – porque você mede a riqueza pela quantidade reserva que você tem – quanto que nós temos? Nós temos 15 bilhões de barris equivalentes de petróleo acumulados ao longo dos 100 anos. Só esse campo pode ter entre oito a doze. A gente fala de oito a doze porque tem de ter uma avaliação conservadora, mas tudo indica que está mais para doze do que para oito. Significa que nós vamos ter num campo de petróleo o equivalente a 100 anos de exploração e prospecção de petróleo de toda a nossa história. Por isso que tem de destinar para a educação, porque a educação vai exigir muito dinheiro. Por que exige dinheiro? Porque nós temos de pagar professores bem, nós temos de assegurar que professor passe a ter uma profissão disputada. Só vai ser disputada se a gente pagar bem, e só vai ter educação de qualidade se tiver bom professor. Então, não tem saída, tem de pagar bem professor.

Nós não podemos olhar só o ensino superior. O Brasil tem problemas seriíssimos na base. Primeiro problema: nós não podemos esquecer que acabamos de tirar da miséria –

só da miséria, linha da miséria –, nós conseguimos fazer um esforço muito grande e tiramos 22 milhões de brasileiros da miséria nos últimos dois anos e meio.

Porém, nós sabemos que as crianças, elas são impactadas por oportunidades diferenciadas. Por que nós temos de fazer creche? E aqui eu queria cumprimentar os prefeitos. Uma porção de prefeitos chegou para mim e disse: “Presidenta, inaugura a minha creche que está pronta. Presidenta, inaugura a minha creche que está pronta”. É um imenso orgulho, eu vou dar um jeito. Eu não tenho como ir em todos os municípios aqui, mas ... Eu sei que falou, Cambuquira. Falou, que você falou, você falou. Mas eu vou ter de dar um jeito de ver como é que a gente faz isso.

Mas eu queria só falar a importância da creche. A creche não é só porque a mãe precisa de trabalhar não, viu, gente? A creche não é por causa disso. Pode até ser um *plus*, pode ser um *plus*, esse, mas a creche é para a criança. A gente sabe que mexer na creche, você mexe na raiz da desigualdade. Você dá... Você tem de dar, no Brasil, as mesmas condições e oportunidades para os brasileirinhos e para as brasileirinhas terem os mesmos estímulos pedagógicos. Por isso que tem de ter creche, porque eles têm de ter acesso a brinquedos, eles têm de começar a ter acesso a todas as formas de expressão, à arte, eles têm de ter acesso aos primeiros livros. Então, tem de ter dinheiro para fazer isso, porque uma professora crecheira, ela vai ter de ser uma professora especializada.

Nós temos de alfabetizar a meninada deste país na idade certa, porque se a gente não faz isso, a criança passa a ter um déficit ao longo da vida, e isso é gravíssimo no Brasil. O ministro Mercadante falou um dado que eu não sei se vocês prestaram atenção: 35%, num estado do Nordeste, das crianças, não se alfabetizam na idade certa, ou seja, até os 8 anos ela não sabe ler um texto, interpretar, não sabe fazer as contas elementares da aritmética, somar, subtrair, dividir. Além disso, nós temos... aí eu estou na creche, passei para a alfabetização na idade certa. Então, o professor e a professora alfabetizadora vão ter de ser valorizados por nós. Por isso precisa de dinheiro.

Depois nós temos de fazer a educação em tempo integral. Nenhum país do mundo se transformou numa nação desenvolvida se os seus jovens e as suas crianças não ficam tempo na escola, e eu sempre brinco com o pessoal do MEC: não é o segundo turno, não é para aprender a fazer bolo, não é para fazer tricô, nem crochê. É para estudar matemática, português, uma língua e ciências. É para isso. Senão nós não chegamos na altura educacional dos países desenvolvidos. Estudar significa isso, significa tempo de dedicação da criança e do jovem.

Então eu estou indo, aí cheguei lá no Pronatec, cheguei lá no curso do ensino técnico profissionalizante. Não é possível só, né, que tenha neste país só universitários. Terão de ter técnicos de nível, formados. Em todos os países do mundo, em todos os países desenvolvidos, a relação, em alguns, é de um para dez. Para cada um engenheiro, tem de ter dez técnicos de alta qualidade. Essa é uma relação da Alemanha. Tem outras, mas o que eu quero dizer é que o ensino técnico profissionalizante é um elemento crucial de um país como o Brasil. Há algumas profissões técnicas sem as quais o país não avançará. E o que é avançar? É emprego de melhor qualidade, agregação de valor nos nossos produtos, é nós termos, de fato, um país desenvolvido.

Continuando, se não tiver educação, não tem pesquisa, ciência, nem tecnologia porque não tem universidade, não tem pós-graduação, não tem um projeto de desenvolvimento

científico e tecnológico para o nosso país. Eu não sei se vocês viram que os Estados Unidos fizeram uma revisão no seu cálculo do Produto Interno Bruto. Eles, junto com máquinas, equipamentos, tudo o que é considerado investimento pesado, eles colocaram um fator que é aquele intangível. Sabe como é que ele chama? Inovação. Então eles calculam hoje no PIB como fator de crescimento econômico a inovação. Sem a universidade, sem a educação, sem investimento, nós também não temos. E aí – estão aqui os cafeicultores, e a gente já aproveita e fala para eles – também a nossa agricultura não cresce, nós não controlamos pragas, nós não modificamos sementes, enfim, o que nós estamos fazendo aqui hoje em Varginha é perceber que aqui é como se tivesse o centro do que é fundamental para este país, que é a educação. Por isso eu fico muito feliz de estar aqui hoje fazendo essa inauguração. Ela é simbólica e ela faz parte daquilo que é, eu tenho absoluta certeza, tanto o fator da tecnologia mais avançada que nós precisamos, quanto o único caminho para sair definitiva e completamente da pobreza, que é educação, educação e mais educação.

Por isso, eu tenho certeza que aqui hoje nós estamos dando um grande passo, mais um grande passo. São a soma desses vários passos que fazem com que a gente tenha que dizer sempre: nós não resolvemos os problemas todos não, isso é só um começo. Muita coisa tem que ser feita, por nós e por vocês, mas eu vou pedir licença a vocês para dar aqui uma informação, pedir licença para a comunidade acadêmica, para os prefeitos, para me dirigir aos produtores de café de toda a região, os produtores de café aqui de Varginha, do sul de Minas, de Minas e do Brasil inteiro.

Eu estive aqui em 2010 ainda como candidata à Presidência da República. E eu sei a importância, sei perfeitamente a importância da cafeicultura para a economia do nosso país. Eu tenho recebido através do ministro Antonio Andrade, os pleitos dos cafeicultores e foram analisados exaustivamente, tanto lá pela Agricultura como pelos órgãos de governo, como o Banco do Brasil, e todos os demais que tratam da questão da agricultura no país.

Com o espírito de lembrar sempre a importância desse segmento, nós avaliamos essas demandas e eu quero aproveitar minha visita aqui a Varginha para fazer alguns anúncios. Primeiro anúncio: nós estamos autorizando o lançamento de contrato de opção de venda para 3 milhões de sacas, ao preço de R\$ 343,00 a saca, com vencimento para março de 2014. Nós também vamos oferecer crédito para financiar a estocagem do café. Os cafeicultores que estão começando a colher, não precisam comercializar imediatamente sua produção, pois vão dispor de recursos para manter os seus produtos estocados, na expectativa de elevação do preço da saca no mercado, nos próximos meses. Além desses dois, tem um terceiro: nós vamos oferecer recursos para começar imediatamente a compra de café pelo preço mínimo. Evitamos com isso que os pequenos produtores, que precisam do recurso no curto prazo, vendam sua produção a um preço vil.

Com essas três medidas, qual é o nosso interesse? O nosso interesse é que os cafeicultores tenham condições mais adequadas para tanto produzir como comercializar a sua safra. É esse o sentido desse anúncio que eu pedi licença para a comunidade acadêmica para fazer. Acredito que com isso a gente tenha atendido esses pleitos dos produtores do café.

Mas eu queria voltar e, antes de encerrar, mais uma vez dizer para vocês que eu tenho certeza que o Brasil mudou de patamar. E por que eu tenho certeza disso? Eu acho que nós vimos, por exemplo, nesse mês de junho que passou – é, de junho –, nós vimos manifestações no Brasil, várias manifestações. Nós vimos as pessoas pedindo mais, nós não vimos as pessoas querendo voltar para trás, nós vimos elas quererem ir para frente.

Eu acho que tem uma característica importante em tudo isso, que é a seguinte: no Brasil, nós, nos últimos 10 anos, passamos por uma grande transformação. Aliás, nós viemos passando, o Brasil vem passando por transformações há bastante tempo. Eu sou da época que não existia liberdade de expressão, não existia liberdade de opinião, qualquer reivindicação era vista com maus olhos, as pessoas não podiam reivindicar, e ninguém aceitava nenhuma observação crítica sobre nada.

Eu acho que nós mudamos em muitas coisas no Brasil, mas, sobretudo, nós mudamos em uma, uma coisa: é perceber que nós hoje somos um grande país democrático, um país em que não se luta por direitos perdidos. Aqui no Brasil se luta por mais direitos. Na Europa, por exemplo, se luta contra o desemprego e por direitos perdidos, tanto trabalhistas como previdenciários. Em outros países se luta por maior democracia, em outros se luta contra a crise do sistema financeiro que lá começou, como é o caso do “Ocupe Wall Street”.

Aqui nós lutamos para ampliar e fazer avançar conquistas que tivemos nos últimos dez anos, na certeza de que nós temos um modelo diferente. Para nós, brasileiros, toda conquista é apenas um começo. Eu usei isso para falar da superação da pobreza, eu dizia: a superação da pobreza é só um começo. Você começa superando a pobreza. Depois de superar a pobreza, você tem de garantir serviços de qualidade na educação, na saúde, no transporte e, portanto, é fundamental que a gente perceba que o Brasil vai ter de avançar a passos rápidos.

Por isso eu quero pedir, mais uma vez, a atenção dos senhores para esse momento especial, que é de aprovação do pré-sal e do pós-sal, dos recursos do petróleo para a educação. A gente avança se a gente tiver recursos suficientes para apostar na educação e isso vai passar por esses recursos. Daí por que nós estamos nesse momento que é especial. Algumas coisas, às vezes, vêm para o bem, e vieram para o bem essas manifestações no sentido de acelerar, por exemplo, esse processo.

Agradeço a todos vocês e tenho certeza que nós ainda vamos ter muito, mas muito mesmo, orgulho com este campus aqui de Varginha.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de apresentação dos novos oficiais-generais e oficiais-generais promovidos
Palácio do Planalto, 08 de agosto de 2013**

Embaixador Celso Amorim, ministro da Defesa,

General-de-Exército José Elito Carvalho Siqueira, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, e senhora Maria das Graças Cintra Siqueira.

Senhores comandantes militares: Almirante-de-Esquadra Júlio Soares de Moura Neto, da Marinha, e senhora Sheila Royo Soares de Moura; General-de-Exército Enzo Martins Peres, do Exército; Tenente-Brigadeiro-do-Ar Juniti Saito, da Aeronáutica, e senhora Vera

Regina Saito; General-de-Exército José Carlos De Nardi, do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, e senhora Romari de Carvalho De Nardi.

Senhores oficiais-generais,

Senhoras e senhores familiares,

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas,

Senhoras e senhores,

É com grande satisfação que recebo a nova geração de oficiais-generais das Forças Armadas brasileiras. Os senhores espelham as melhores tradições de suas Forças: lealdade, disciplina, profissionalismo e, sobretudo, patriotismo. A ascensão ao mais alto círculo do oficialato brasileiro é fruto de carreiras marcadas pela dedicação à nobre causa da defesa do Brasil, carreiras que hoje são coroadas com a promoção que lhes é conferida.

Os senhores são generais num novo país, um Brasil democrático, plural, respeitador dos direitos humanos e ocupantes de posição muito destacada no cenário internacional. Esse nosso Brasil que nele a sociedade confia nas Forças Armadas para garantir a nossa soberania, para garantir a segurança e o respeito a nossos recursos humanos, aos nossos recursos naturais e, sobretudo, à nossa população. E as nossas Forças Armadas contam com a competência profissional dos senhores para liderá-las no desenvolvimento de sua missão constitucional.

Senhores oficiais-generais,

As Forças Armadas brasileiras são elemento fundamental para o êxito da nossa política externa pacífica, por meio da relação de confiança mútua que é estabelecida com os países com os quais nos relacionamos.

A cooperação militar que temos com os nossos vizinhos sul-americanos é a base para a manutenção do ambiente de paz e segurança existente hoje na América do Sul. Construímos, sim, um cinturão de paz, em que não há espaço para guerras e conflitos entre as nações e devemos muito nos orgulhar disso, num mundo que está dividido por conflitos de todas as naturezas.

Esse cinturão terrestre de paz é complementado pelas ações no Atlântico Sul. Nossas Forças Armadas desempenham um relevante papel na preservação de nossas águas oceânicas como uma zona pacífica, livre de armas de destruição em massa. Isso requer a presença militar brasileira e parcerias com os países africanos, que compartilham conosco esse gigantesco espaço marítimo.

Muito nos orgulha também a confiança atribuída aos militares brasileiros na chamada “exportação da paz”. A nossa presença é ilustrada pelas destacadas posições ocupadas nas missões de paz, sob a égide da Organização das Nações Unidas.

No Haiti já serviram, desde 2004, milhares de soldados brasileiros sob o contínuo comando de generais brasileiros. Nossas Forças Armadas estão presentes em regiões estratégicas para a segurança internacional, como é o Oriente Médio e a África. Cito o comando, por sucessivos almirantes brasileiros, da Força Tarefa Marítima da Força Interina das Nações Unidas no Líbano, a Unifil. Menciono ainda a escolha de um general brasileiro para comandar a maior operação de paz em curso das Nações Unidas, a Monusco, na República Democrática do Congo. Sempre que acionada, nossas Forças

Armadas tem demonstrado seu empenho e competência e nos orgulhado com sua dedicação.

Aproveito para parabenizar todos os membros das Forças Armadas pela exitosa participação nas ações de segurança realizadas durante a Copa das Confederações e na visita do Papa, durante a Jornada Mundial da Juventude. Muito nos conforta saber que o Brasil poderá contar, em todos os grandes eventos internacionais que sediaremos nos próximos anos, com o trabalho de nossas Forças militares, em parceria com as Forças civis de segurança.

Senhores generais,

A cerimônia de hoje representa significativa conquista profissional, significativa, árdua conquista profissional e pessoal para cada um dos senhores. Estou certa que os senhores e suas famílias muito orgulham-se deste momento. Tenho consciência da importância da base familiar para a conquista do sucesso profissional. Por isso, congratulo-me com os familiares aqui presentes pelo apoio prestado aos militares promovidos. Esta conquista também é uma conquista de todas as senhoras e de todos os senhores.

Desejo aos oficiais-generais muito sucesso em suas novas funções. Sejam todos muito felizes nessa nova etapa. E o Brasil sempre ficará agradecido.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração do Campus Osório e formatura do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec)
Osório-RS, 09 de agosto de 2013**

Eu queria iniciar dirigindo um cumprimento especial aos formandos do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e ao Emprego (Pronatec). Pedir uma salva de palmas para eles que se formam hoje e que merecem todo o nosso reconhecimento.

Quero também cumprimentar os alunos e os professores do Campus Osório do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

Dirigir um cumprimento especial ao nosso governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro.

Cumprimentar o prefeito de Osório, Eduardo Aluísio Cardoso Abrahão e senhora Zoraia Guadalupe Abrahão.

Cumprimentar nossa reitora do Campus Osório do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, a reitora Cláudia Schiedeck Soares de Souza, e cumprimentá-la também pelas palavras.

Agradecer e cumprimentar todos os professores do Instituto.

Queria cumprimentar também os ministros que me acompanham nessa viagem ao Rio Grande do Sul: o ministro Aloizio Mercadante, da Educação; o ministro Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário, e a ministra Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos.

Queria cumprimentar os deputados federais aqui presentes: Alceu Moreira, *Dionilso Marcon*; Henrique Fontana; Manuela d'Ávila; Mendes Ribeiro. Um cumprimento especial ao Mendes Ribeiro, meu ex-ministro da Agricultura; o deputado Paulo Ferreira, o

deputado Renato Molling; o deputado Ronaldo Zulque e o deputado Vieirinha da Cunha. O Vieira da Cunha, eu chamo de Vieirinha por compulsão - comecei chamando de Vieirinha, vai ser difícil, né Vieira?

Queria cumprimentar o secretário estadual do Trabalho e Desenvolvimento Social, Luís Augusto Lara.

Cumprimentar o vereador Rossano Teixeira, presidente da Câmara dos Vereadores.

Cumprimentar o diretor do Campus Osório do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, o Roberto Saouaya.

Queria saudar os prefeitos e as prefeitas municipais aqui presentes: de Mampituba, o prefeito Dirceu Selau; de Tramandaí, o prefeito Edegar Rapach; de Terra de Areia, Joelcir Jacob; de Arroio do Sal, Luciano Pinto; de Capivari do Sul, Marco Antônio Cardoso; de Torres, a Nílvia Pinto; de Palmares do Sul, Paulo Lang; de Imbé, o Pierre Emerim; e de Viamão, o Valdir Bonatto. Queria cumprimentar os parceiros do Sistema S: o Leonardo Schreiner, presidente nacional do Conselho do Senac, e o José Paulo da Rosa, diretor regional do Senac.

Queria cumprimentar a Márcia Cristina, que falou em nome dos formandos, e a Maria Elisabete da Cruz, que teve sua carteira de trabalho assinada. Ao cumprimentá-la, cumprimento todos aqueles que estão participando desta formatura, inclusive também os parentes e amigos.

Cumprimentar os professores, técnicos e profissionais de educação aqui presentes.

Dirigir um cumprimento aos senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Antes de começar o meu discurso, eu queria fazer uma homenagem a um gaúcho de Osório, que eu tive a honra de conviver – pai do Romildinho –, o Romildo Bolzan. Peço a ele uma salva de palmas. Romildinho, eu sou da época do Romildão.

Eu queria iniciar dizendo para vocês, primeiro: acho que para vocês, que estão tendo essa formatura hoje, hoje é um momento de conquista e, portanto, é um momento que, com certeza, eu tenho de começar por vocês. É um momento de conquista pessoal dos estudantes do Pronatec que se formam em várias profissões hoje aqui.

E eu queria dizer que eu começo falando de vocês porque nós todos aqui presentes temos de ter muito orgulho de vocês. São, uma grande parte, mulheres – também tem vários homens presentes –, mas eu queria saudar e dizer o seguinte: essa é uma opção correta que vocês fizeram, uma opção por fazer um curso, por se especializar, por se aprimorar. E aqui são vários cursos que foram feitos, todos eles em parceria entre o governo federal e o Sistema S, o Senac.

Vocês sabem que nós, ao fazermos o Pronatec, nós procuramos justamente qualificar ao máximo os nossos cursos, tanto através dos Institutos Federais Tecnológicos, como é esse aqui de Osório, esse Campus de Osório. Como também através de parceria com o Sistema S. E isso porque nós queríamos a qualidade dos cursos do Pronatec. E construímos o Pronatec baseado em três eixos: O primeiro eixo é a formação complementar – ou alguns falam suplementar - do ensino médio. Transformar o ensino médio brasileiro em ensino médio com profissionalização associado; o segundo é a formação de trabalhadores em geral, que é o caso dos senhores. Um curso um pouco mais curto do que o ensino médio, mas um curso importantíssimo para o Brasil; e o terceiro é um curso que eu também considero muito importante, que é o chamado

Pronatec, Programa Brasil sem Miséria, que é dado para as pessoas, especificamente, que estão cadastradas no Bolsa Família e querem uma profissão e que são importantíssimas para o país também.

Hoje, aqui, nós estamos formando o curso técnico profissionalizante, que é o de vocês. Então, estamos formando vendedores, manicures, auxiliares de recursos humanos, auxiliares administrativos, padeiros, confeitadores, montadores de computador, recepcionistas, auxiliar de crédito e cobrança, cursos de informática, curso de inglês. Eu considero que o Brasil, nessa área de serviços, precisa muito também de formação profissional. O Pronatec forma em várias áreas: forma tanto na área de serviços e comércio quanto na área industrial, quanto também na área agrícola, do agronegócio. Em todas elas, o que nós buscamos? A capacitação profissional dos senhores. E essa capacitação, ela é fundamental para o Brasil. Nós precisamos de ter uma ênfase na educação por todos os motivos. Hoje eu vou falar de um dos motivos que é a chamada competitividade da economia brasileira. Por que é importante que na área de serviço, que é hoje uma das que mais cresce - e isso não é característica do Brasil, isso é característico do mundo - por que nós temos de dar essa relevância e essa importância para a formação de serviços porque nós temos sempre de procurar aumentar, tanto a competitividade, mas, sobretudo, a produtividade da nossa economia, e a gente sabe que um profissional melhor formado, ele é um profissional que vai ser capaz de, primeiro, atender melhor a nossa população, mas vai também produzir mais valor, vai ser capaz de ter um salário melhor. Tudo isso vai contribuir para o crescimento do Brasil.

Por isso, eu quero dizer que, além de um dia de festa para vocês, para a família de vocês, é um dia de festa para nós, e eu queria dizer uma coisa para vocês: eu acho que a gente não pode parar de estudar. Estudar é algo que vocês vão ter de buscar sempre, porque sempre que você tiver um curso, fizer uma especialização, você melhora a sua capacidade. E é aquilo que se falou aqui.

Outro dia, um brasileiro que tem uma grande capacidade poética, e ele faz belíssimos raps, o Gog, disse o seguinte: “da arquitetura da vida, a melhor arquitetura é aquela da educação, é aquela que é a obra mais perene que cada um de nós pode ter para si mesmo”. A gente sabe que é um gosto ver este Instituto muito bem construído, com ótimos equipamentos. Agora, este Instituto, ele foi construído para construir essa arquitetura de cada um de nós, que é a educação.

Por isso, eu queria saudar vocês, cumprimentar e dizer: comemorem porque hoje vocês conquistaram mais uma meta na vida de vocês. O presidente Lula dizia para mim uma coisa muito importante. Me dizia o seguinte: “eu tive dois diplomas na minha vida, e desses dois diplomas eu me orgulho dos dois. O primeiro foi um diploma de torneiro mecânico do Senai, e o segundo foi o diploma de presidente da República”. Vocês vejam que são dois diplomas que caracterizam a vida de uma pessoa.

E aí, então, eu quero saudar a todos e dizer que muito me orgulho de estar aqui também inaugurando o campus de Osório. A reitora lembrou um fato que eu considero muito importante. A reitora lembrou o fato de que nós tivemos, no passado, uma lei que impedia o governo federal de investir num instituto desses. Na época em que o ministro Tarso era o ministro da Educação e eu era ministra-chefe da Casa Civil do governo do presidente Lula, era, no início, quando nós chegamos no governo, era proibido fazer um instituto

como esse, o governo federal não podia fazer, não, era proibido por lei. Nós tivemos de ir na Justiça derrubar essa proibição para poder investir em ensino técnico profissionalizante no Brasil.

Aqui nós temos um instituto que tem a capacidade de formar tanto tecnólogos quanto o ensino técnico de nível médio, quanto também dar apoio e suporte para a formação profissional dos trabalhadores do nosso país. Então vocês percebem que não é uma instituição qualquer, é uma instituição estratégica para este país virar um grande país como nós todos queremos. Nós queremos, como muito bem disse o governador Tarso, um país que, quando cresce, significa que a população do país melhorou de vida, porque esse é o sinônimo de crescimento. O sinônimo de crescimento não é uma medida econômica, cresceu fisicamente o Produto Interno Bruto, não é isso. Tem de crescer a qualidade de vida da população, tem de melhorar os serviços públicos para que haja também melhoria de vida na renda, no emprego, na qualidade do trabalho de cada um dos brasileiros e das brasileiras.

Então, eu fico muito feliz de estar aqui hoje, porque esse é um dos caminhos do nosso futuro e do nosso presente. E vocês percorreram ele, vários estudantes que eu vi aqui estão percorrendo ele nos laboratórios importantíssimos que este Instituto tem.

Eu tenho uma grande alegria de estar aqui em Osório, entregando esse campus aos gaúchos e às gaúchas. Aqui em Osório, que o Romildinho me disse uma vez que era a terra dos bons ventos, quando nós estávamos inaugurando o Parque Eólico aqui, de Osório, que eu tenho muito orgulho de ter iniciado a minha vida na Secretaria de Energia, Minas e Comunicação do Estado do Rio Grande do Sul, medindo o vento aqui. Tem um assessor meu, que deve estar aqui, que era responsável por subir no poste e botar o medidor de vento, para a gente ver, Romildinho, onde que a gente ia botar as torres, ou se tinha viabilidade. E hoje a gente olha aqui, daqui, sentada, eu estava vendo as pás girando, as pás das usinas eólicas girando ali, ao longe. Então, fico muito feliz de estar aqui, também, por isso.

E queria dizer para vocês que, nos últimos anos, nós conseguimos várias conquistas nesta área, justamente nesta área do ensino profissional. Nós fizemos um grande empenho para que a gente tivesse uma qualidade de ensino profissional no Brasil que fosse compatível com as necessidades das pessoas, com a necessidade das empresas e com a necessidade do mercado de trabalho, e hoje eu tenho o orgulho de ter quatro milhões... diziam que a gente não conseguiria fazer, mas nós temos hoje, já, dos oito milhões, nós já temos, em menos de dois anos de funcionamento, nós temos, já, quatro milhões de vagas no Pronatec, na formação profissional.

Queria dizer também para vocês que o Brasil... hoje eu tive o prazer de chegar aqui ao Rio Grande do Sul para dois dias. Nós vamos hoje fazer justamente este... entregar justamente este Instituto Federal de Tecnologia. Amanhã nós iremos participar do início de um projeto que há muitos anos está parado no Rio Grande do Sul, e quem morava em Porto Alegre, como eu, sabia disso, que é o aeromóvel, que ficava parado justamente ali, ali na altura da... na altura daquela escola... não do Gasômetro... ficava mais para cá, né? No Gasômetro, tá bom. Ali no Parobé, eu lembro dele é no Parobé, não é no Gasômetro. Eu lembro dele parado na frente do Parobé, e ele ficou parado, eu acho que ficou parado

uns 20 anos ali. Amanhã nós vamos inaugurar o aeromóvel. O aeromóvel vai funcionar do aeroporto ao Trensurb, e eu fico muito feliz de estar lá vendo isso ocorrer.

E além disso, eu queria dizer para vocês que o governo federal está tendo um esforço... fazendo um esforço muito grande nessa questão da educação, com os royalties do petróleo, e eu tenho dito que esse é um dos compromissos do meu governo e uma das prioridades do meu governo: assegurar recursos para investir em educação.

Nós sabemos que professor tem que ser bem pago no Brasil. O prefeito tem razão: se exigir dele ou exigir do governo estadual ou do governo federal que nós ampliemos e melhoremos a educação, tem uma pré-condição, não é, prefeito? Que a gente pague direito os professores, que a gente remunere os professores direito. Essa é uma pré-condição. Aí o senhor pergunta para mim: “De onde eu tiro dinheiro, presidenta?” Aí eu respondo para você: “Prefeito, nós vamos usar todos os royalties do petróleo para financiar a educação no Brasil”. Por que do Petróleo? Ah, prefeito, porque pagar a educação, no Brasil, não é só fazer prédio, é o custeio, ele tem razão, é pagar o professor e manter a qualidade e o funcionamento do curso, é ter as melhores bibliotecas, é ter os melhores laboratórios, é ter os melhores recursos humanos qualificados e valorizados, porque nós temos de atrair professor não como é hoje, mas atrair os melhores professores possíveis.

Assim sendo, por que tem de ser o dinheiro do petróleo? É porque lá tem dinheiro. Porque aquela mania que existe também, no Brasil, de falar o seguinte: “Olha, vamos gastar dinheiro nisso, agora, você não diz de onde você tira”. Nesse caso tem de onde tirar. De onde nós vamos tirar? Nós vamos tirar dos royalties do petróleo.

E aí é importante que vocês saibam por quê. Porque o Brasil é um país que, a partir deste ano, começa a explorar uma grande quantidade de petróleo quando o primeiro campo, o primeiro campo de petróleo, numa camada que é lá no fundo do oceano, chamada pré-sal começa a ser explorada. E esses campos têm muito petróleo, portanto, essa riqueza finita vai ser transformada na riqueza permanente de cada um dos brasileiros, que é ter um investimento em cada um, em cada uma, um investimento na qualidade da educação neste país. Nós vamos ter de fazer um grande esforço para melhorar a educação, para garantir melhores professores, melhores salas de aula, melhores equipamentos, utilizar a informática.

A outra coisa que eu queria dizer para vocês diz respeito também à situação do país. Vocês, nos últimos tempos, têm visto uma discussão muito forte no Brasil a respeito da inflação. Eu queria dizer para vocês: primeiro, a inflação no Brasil está completamente sob controle; a inflação de maio foi menor que a inflação de abril; a de junho, menor que a de maio; e a de julho foi das menores de todos os Julhos passados no Brasil, foi 0,03.

E aí eu queria dar um outro número. É muito chato ficar falando em número, mas eu queria dar um outro número. Queria dar um número que é um número que é o mais importante, que é o número da cesta básica. A cesta básica, o valor dela é medido em 18 capitais brasileiras. Sabe quanto foi a redução do valor da cesta básica em Porto Alegre, que é onde é medido? Não tenho o de Osório, mas eu tenho o número de Porto Alegre. A cesta básica caiu -7%, ou seja, houve uma redução do valor da cesta básica medida em Porto Alegre de, no mínimo, 7%, o que mostra a redução e o controle da inflação que nós não abrimos mão de fazer.

Uma outra segunda questão que eu acho importante é saber que nós temos tido, no Brasil, uma situação muito diferente do resto do mundo. Nos primeiros seis meses deste ano, nós criamos 826 mil novas vagas. Esse número, 826 mil, equivale a quatro anos, à criação em quatro anos no último governo antes do Lula, portanto, no governo FHC, no primeiro governo FHC, durante os quatro anos, criaram menos emprego do que nós criamos em seis meses.

Por que eu digo isso? Vão falar para mim: “Ah, mas a situação naquela época era diferente”. Mas o ponto é justamente esse: a situação era diferente. É diferente, e este governo é um governo que tem compromisso com o emprego, tem compromisso com a redução da inflação e tem compromisso com o bem-estar da sua população.

Por isso, eu acabo dizendo para vocês que hoje é um dia especial, um dia em que nós comemoramos uma alteração importante no Brasil, que é o fato de que nós temos governos federal, estadual e municipal, claramente comprometidos com o caminho para o desenvolvimento e a transformação deste país num grande país de classe média, que é a educação.

Um abraço para vocês. Parabéns para os formandos e parabéns para todos vocês.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de início de operação do Aeromóvel
Porto Alegre-RS, 10 de agosto de 2013**

Bom dia a todos aqui presentes. Eu vou quebrar o protocolo e iniciar saudando o criador do Aeromóvel, o senhor Oskar Coester. Um país sempre vai precisar reconhecer, saudar e engrandecer os seus heróis, porque os nossos heróis modernos são aqueles que mostram uma crença muito forte no país e que, a partir dessa crença, às vezes por 30 anos, se empenham em buscar, em perseguir e em realizar um sonho feito com base no conhecimento científico e numa visão de país em desenvolvimento, de um país que tem a capacidade de realização. Então, eu saúdo o nosso Oskar Coester, criador do Aeromóvel.

Cumprimento também o governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro,

O nosso prefeito de Porto Alegre, José Fortunati,

Os ministros de Estado que me acompanham aqui, nesse dia de hoje: ministro Aguinaldo Ribeiro, das Cidades; ministro Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário; e ministra Maria do Rosário, da Secretaria dos Direitos Humanos.

Cumprimento o deputado federal Fernando Marroni, o Henrique Fontana, o Marco Maia, o Paulo Ferreira, o Renato Molling, o Ronaldo Zulke.

Cumprimento também o ex-deputado, meu companheiro de algumas caminhadas, o Aguinaldo Streck, aqui presente... O Adroaldo Streck aqui presente. Desculpe, eu confundi o seu nome com o do ministro.

Cumprimento o presidente do Trensurb, Humberto Kasper,

Cumprimento também o Carlos Alberto da Silva Souza, superintendente regional sul da Infraero,

Cumprimento os senhores jornalistas, os senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas... Obrigada. Sempre saúdo vocês, não é?

Eu queria dizer para vocês que, para mim, tem um significado muito especial participar dessa cerimônia do Aeromóvel. Primeiro porque para quem morou durante mais de 30 anos aqui em Porto Alegre, não de forma a deixar de perceber que compunha o horizonte da minha cidade um Aeromóvel, e que ele sempre me intrigou, sempre acendeu todas as esperanças que nós temos, ao ver a possibilidade de um empreendimento não usual, não comum, revolucionário. Porque conviver com o Aeromóvel, ali em frente do Parobé e sabendo que se tratava de uma tecnologia diferenciada, despertou, ao longo desse tempo, um certo parentesco, eu acho, entre os moradores de Porto Alegre e o Aeromóvel. O Aeromóvel é um pouco de cada um de nós, e ele tem aquela familiaridade que as coisas com as quais você convive durante muito tempo despertam em uma pessoa.

Então, quando eu chego aqui, hoje, e participo da inauguração desse projeto, que leva e vai transportar concretamente milhares de pessoas do aeroporto para a estação do Trensurb, e da estação do Trensurb para o aeroporto, eu vejo que hoje eu participo da inauguração de um símbolo que está sendo implantado, um símbolo do espírito inovador, da capacidade de gerar tecnologia, de criar os meios para vencer novos desafios, e de mostrar que nós somos, sim, capazes de gerar tecnologia nova, de inovar.

Recentemente, eu não sei se os senhores viram, mas a contabilidade do PIB americano, quando se trata de investimento, foi ampliada. Ampliada não só para máquinas e equipamentos, não só para a construção pesada, não só para a utilização de toda a estrutura digitalizada e informatizada, mas foi ampliada para incorporar inovação. É tão importante a inovação num país que hoje a inovação se estrutura como um dos elementos principais do investimento.

E o que nós estamos vendo aqui é, justamente, a concretização de um projeto que é um projeto, primeiro, de conhecimento científico, é um projeto de solução tecnológica, é um projeto empresarial. A empresa Ttrans, que também deve ser saudada hoje, e todas as empresas que participam desse arranjo, se reuniram e se articularam com um cientista inovador. E, de fato, o ministro Aguinaldo tem razão: mostraram um projeto concreto, na área de mobilidade urbana e, mais do que isso, um projeto – e vocês me permitam ler –, um projeto de tecnologia limpa, com motores elétricos e sem emissão de poluentes gasosos; um projeto com estruturas elevadas, estruturas extremamente limpas, com design moderno e sem poluição visual, uma tecnologia de construção e operação 100% nacional; veículos leves, com capacidade para 150 a 300 passageiros; baixo consumo de energia, 50 Kw por hora de operação; sistema modular que permite construção rápida, limpa e com possibilidade de expansão.

Eu li algumas das características desse projeto. E fico muito feliz pela nossa parceria, a nossa participação, a participação do governo federal nesse arranjo a partir da Trensurb, assegura também uma coisa muito importante, que é o efeito de representação para o conjunto das cidades médias e grandes do nosso país, e mostra que é possível concretamente, porque está aqui, em Porto Alegre, realizado, concretizado, algo que até então parecia um sonho. Não só concretizado, mas quando se utiliza o Aeromóvel – e eu acabei de utilizar o Aeromóvel, eu queria dizer para os brasileiros e para as brasileiras de todos os demais estados, eu utilizei – e, de fato, é silencioso, rápido, com uma economia, em um momento em que nós sabemos que essa é uma preocupação internacional, que é

a questão da geração de gases de Efeito Estufa, que aumentam a temperatura. Esse é, de fato, um transporte que tem todas as características da sustentabilidade.

Então, como uma mercadora ambulante, eu quero dizer para o país que nós temos aqui, no Rio Grande do Sul, uma alternativa de transporte público coletivo, de transporte de massa, de alta qualidade. Ela vai ser testada agora, de forma assistida, por três meses, como todo transporte inicialmente faz, não é específico nem característico do nosso Aeromóvel, mas você vê isso em metrô, em VLTs, em todos os sistemas de transportes, o período inicial é, obviamente, assistido.

Quero dizer aos senhores, então, e às senhoras, quero dizer a todos os brasileiros, que hoje é um dia muito especial, porque nós mostramos que além de outras áreas, o Coester mesmo citou aqui esse casamento entre o ITA e o CTA, que gerou a Embraer, gerou também, não é, Coester?, toda uma certa capacidade que o Brasil tem, na área de eólica, de energia eólica. É derivado, ali, daquela região e também do CTA e do ITA, por exemplo, as melhores pás, foram feitas por egressos do ITA, as melhores pás dos geradores eólicos. E eu acredito que nós estamos diante de uma proposta bastante revolucionária, nessa área.

Sem sombra de dúvida, quando se tem uma oportunidade dessas, é muito importante que o governo federal, o governo do estado, a prefeitura, as empresas e a comunidade, a comunidade científica se unam, no sentido de tentar viabilizar, de forma bastante robusta, um projeto como este.

Eu queria dizer a vocês que nós temos todo interesse em construir e viabilizar projetos de mobilidade urbana no transporte público. Concordo em gênero e número com o prefeito Fortunati. O Brasil teve uma fase, e ainda esta fase diz respeito à nossa própria melhoria de renda, em que o transporte privado ocupou um papel muito importante no imaginário das pessoas. A variação de renda no Brasil, a melhoria de renda, significava o acesso ao transporte individual, à família querer um carro.

Acho que isso não tem nada demais, desde que todos os agentes públicos se preocupem com o transporte coletivo público, o transporte de massa. Por quê? O transporte público é um transporte para todas as classes sociais, e é um transporte que tem por objetivo viabilizar os espaços urbanos, sem o que, sem um transporte público, nós não teremos algo que não seja crise urbana nas cidades. Porque o transporte é a base através da qual as pessoas vão para o trabalho, as pessoas vão para as escolas, as pessoas vão para o lazer. Enfim, não pode ser o transporte privado que estruture a vida em um espaço urbano.

Por isso, o governo federal se preocupou desde o início, desde 2011, nós viemos com um programa que foi o Programa Mobilidade Urbana. Neste programa, nós priorizamos nas cidades, nos chamados centros, grandes centros, que ainda não são megalópoles, como é o caso, por exemplo, de São Paulo, com 11 milhões, do Rio, com oito, e de Belo Horizonte, da Grande Belo Horizonte, pelo menos, com mais de cinco. São estruturas ainda que nós podemos ter uma influência muito virtuosa.

Nos anos 80, nos anos 70, final de 70 e início de 80, e até uma parte dos 90 era considerado que o Brasil não tinha renda suficiente para investir em metrô. O metrô foi considerado uma alternativa incompatível com a renda do país, o que é uma verdadeira

sandice, porque é impossível cidades com a proporção populacional que nós temos, sem metrô. É impossível, não é consistente.

Por isso que o governo federal investiu em metrôs desde 2011. Nós fizemos primeiro uma parceria aqui em Porto Alegre, com o prefeito Fortunati, no projeto de metrô que nos foi apresentado naquela ocasião, fizemos também com Curitiba, com Belo Horizonte, fizemos com Brasília, com Salvador, com Fortaleza, com o Ceará, além dos investimentos que tradicionalmente o governo federal fez, no Rio e em São Paulo.

Nós, agora, voltamos a nos preocupar mais uma vez com essa questão. Esses R\$ 89 bilhões que nós colocamos nesses projetos de metrô, nos projetos de VLT, nos projetos de BRT e nesse projeto do Aeromóvel, agora serão completados com mais R\$ 50 bilhões. Desses R\$ 50 bilhões nós estamos em discussão, com o prefeito Fortunati, a complementação do metrô de Porto Alegre, e também foi apresentado, via o Estado, outros projetos. Um deles, que eu achei muito importante e queria destacar, é com Canoas, e usa justamente o Aeromóvel. E o prefeito me mostrou um projeto muito interessante, porque ele contempla duas coisas: a mobilidade urbana e também um forte conteúdo social, porque ele irá transportar, tanto de Guajubira, como de Matias Velho, vai transportar, segundo o prefeito, 150 mil pessoas em 12 quilômetros de Aeromóvel, na fase um e na fase dois, e terá ainda uma fase três, que será a conexão com o avião, mas não será neste projeto, nessa etapa, primeiro vocês farão a um e a dois.

Pois muito bem, eu considero que, com esse investimento, nós vamos mostrar uma coisa importantíssima: que o Aeromóvel é uma ótima solução para justamente algo que é fundamental quando se trata de mobilidade urbana, que é a gente fazer as conexões entre todos os modais, ele é estratégico para isso, para essas conexões entre os modais. E há algo que nós temos sistematicamente nos preocupado, porque a conexão entre os modais é que é a alma da coisa. Não é só fazer o metrô aqui, o BRT ali, o VLT lá, é articular todo o sistema urbano de transporte, de tal forma que cada um de nós saiba que é possível ir muito mais rápido de um lugar a outro do que pegando o seu próprio carro ou utilizando o carro de alguém. Ou seja, a articulação entre os modais é que dá ao sistema público de transporte aquilo que é a atração dele no resto do mundo: é mais rápido de chegar, mais seguro de chegar. E o carro privado fica para os dias, para os momentos de lazer e não aquele uso sistemático que tem hoje, ainda, no nosso país. Então, eu estou muito feliz de estar aqui.

Queria também completar dizendo que nós temos tido aqui, com o estado e com a prefeitura, e com as prefeituras – não é? Prefeito Fortunati, me referi agora ao Jairo Jorge – com as prefeituras, eu acho que uma amostra de relação extremamente republicana.

E eu não podia deixar e terminar sem falar sobre o nosso Mercado Público de Porto Alegre, que também é outra coisa que nós convivemos e que faz parte da vida de cada um de nós, que moraram e que hoje moram ainda no Rio Grande do Sul. Logo depois do evento com o Mercado Público, com o incêndio no Mercado Público, o prefeito Fortunati e o governo federal, através da minha pessoa, nós nos comunicamos. E eu quero dizer para vocês que eu assumi, de forma imediata, o compromisso de ajudar a reconstruir todos os efeitos desse incêndio, e não só isso, mas eu tenho certeza que cada morador do Rio Grande do Sul – não precisa ser só de Porto Alegre – tem uma especial ligação

com o Mercado Público. Por isso, essa é uma reconstrução também que aponta no sentido da nossa sensibilidade pessoal de cada um daqueles que moram aqui.

Mas eu queria dizer que o Mercado Público também é um dado do patrimônio histórico aqui do Rio Grande do Sul. E por isso nós iremos usar os recursos do PAC Cidades Históricas para essa reconstrução. Nós iremos destinar, como o prefeito sabe, R\$ 19,5 milhões para essa reconstrução. Tenho certeza que nós vamos trabalhar rápido, não é, prefeito Fortunati? Todos nós, para devolvermos à cidade de Porto Alegre e ao estado do Rio Grande do Sul esse patrimônio.

Finalmente, eu não podia deixar de concluir sem reafirmar, aqui, o papel do Coester. Acho que o Brasil precisa reconhecer que nós temos pessoas que são capazes de lutar uma vida inteira por algo que consideram fundamental. E essa capacidade é uma capacidade que tem de servir de exemplo para os nossos jovens, porque valores, um deles é, de fato, essa determinação de vida. E aí, Coester, eu queria pedir uma salva de palmas para você.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de retroescavadeiras a prefeitos do Rio Grande do Sul
Porto Alegre-RS, 10 de agosto de 2013**

Boa tarde a todos.

Eu queria começar cumprimentando o nosso governador, Tarso Genro,

Queria cumprimentar também o prefeito de Porto Alegre, José Fortunati,

Queria dirigir um cumprimento muito especial ao presidente da Fiergs, Heitor Müller,

Queria cumprimentar também o senhor Sérgio Munhoz, prefeito de Eldorado do Sul, e por intermédio do Sérgio, eu cumprimento todas as prefeitas e todos os prefeitos que hoje receberam aqui as retroescavadeiras.

Queria cumprimentar o ministro de Estado Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário; Aguinaldo Ribeiro, das Cidades; Maria do Rosário, da Secretaria dos Direitos Humanos.

Cumprimentar o Miguel Rossetto, ex-ministro do Desenvolvimento Agrário e hoje presidente da Petrobras Biocombustíveis,

Queria cumprimentar os deputados federais Dionísio Marcon, Fernando Marrone, Henrique Fontana, Marco Maia, Paulo Ferreira, Renato Molling e Ronaldo Zulke.

Queria cumprimentar o presidente da Fetag do Rio Grande do Sul, Elton Weber,

Cumprimentar o secretário-geral da Fetraf no Rio Grande do Sul, Tiago Klug,

Cumprimentar o Romário Rossetto, coordenador da Via Campesina,

Cumprimentar os senhores jornalistas, as senhoras jornalistas, os senhores fotógrafos e cinegrafistas,

Cumprimentar a todos que aqui comparecem e nos honram com a sua presença.

Eu venho mais uma vez aqui, em Porto Alegre, reforçar os laços federativos entre o governo federal e as prefeituras. Essas retroescavadeiras para os municípios menores, aliás, que têm até 50 mil habitantes de população, representam dois movimentos. Primeiro, a importância dos pequenos municípios, com até 50 mil habitantes no nosso país. Eles são mais de 90% de todos os municípios. Ao mesmo tempo, eles se espalham pelo Brasil, principalmente até em grandes extensões de territórios nas zonas rurais.

Uma prefeita disse para mim, num dos lançamentos de retroescavadeira, que no município dela tinha três mil quilômetros de estrada vicinal. Três mil quilômetros de estrada vicinal para ser mantido é algo desafiador em qualquer dimensão que a gente pensar.

Por isso, nós estamos falando de municípios que estão e representam o Brasil profundo, o Brasil que vai do Oiapoque ao Chuí e de leste a oeste. E o fato do governo federal procurar, em relação aos pequenos municípios, aos chamados municípios até 50 mil habitantes, procurado definir políticas específicas para eles, é o reconhecimento que nós temos que ter políticas diferentes para situações diferentes.

Esse chamado kit, que é uma retroescavadeira, uma motoniveladora e um caminhão-caçamba, ele faz parte também de uma iniciativa, no sentido de aumentar a autonomia administrativa do município e garantir que ele possa interferir diretamente na realidade que o cerca, na realidade econômica e na realidade social, porque pelas estradas vicinais não só escoam a nossa produção, mas passa também o Samu, como disse o Pepe, se eu não me engano, passa... Se ele não disse nessa, ele disse em outra, das muitas que nós participamos juntos, mas passam os ônibus, os ônibus do Caminho da Escola, enfim, transitam as pessoas, que são aquilo que é mais caro para todos nós, presidente e prefeitos.

Então, eu considero fundamental esse Programa, assim como o Minha Casa, Minha Vida, porque até então o Minha Casa, Minha Vida tinha sido aprovado com um tratamento diferente para os municípios, eram pequenas instituições que faziam o investimento. Nós alteramos isso e agora – não é, ministro Aguinaldo? – os municípios até 50 mil habitantes têm as mesmas condições dos municípios grandes: são atendidos pela Caixa Econômica e pelo Banco do Brasil, e têm a possibilidade de ter um limite, como todo município, para fazer suas casas, o que também é muito importante. Obviamente essa é uma distribuição que visa a aumentar a quantidade de moradias à disposição dos municípios menores do nosso país.

Além disso, eu acredito que um outro elemento fundamental – e eu entendo perfeitamente a situação dos municípios, e foi por isso que o governo federal fez um grande esforço - e nós vamos transferir, então, R\$ 1,5 bilhão agora, até o final do mês, estamos dependendo da aprovação do Congresso, mas tão logo o Congresso aprove, e acredito que o faça até antes do final do mês, nós repassaremos imediatamente R\$ 1,5 bilhão, proporcionalmente, da mesma forma que se faz com o Fundo de Participação dos Municípios. E também, até vai ser um pouco... dá um pouco mais quando você somar os dois, porque não tem um certo desconto. E também até o mês de abril, no máximo, nós iremos repassar o restante dos R\$ 1,5 bilhão que nós prometemos na Marcha dos Prefeitos.

Mas hoje eu queria, uma vez que o Pepe se estendeu longamente e de forma muito correta, a respeito da questão das retroescavadeiras, das motoniveladoras, e qual é o sentido desse programa, inclusive salientou uma coisa que eu acho muito importante: que ele é basicamente centrado também no fato de que nós privilegiamos a indústria fornecedora de máquinas e equipamentos nacional, uma vez que se trata de um programa de compras públicas, e nada mais justo que nesse programa de compras públicas nós também tenhamos o critério do aumento do emprego como um critério

correlato para que se dê, para que se tenha essa demanda estruturada por retroescavadeira, motoniveladora e caminhão-caçamba.

Mas eu queria falar para vocês, aproveitar e falar para vocês sobre um programa que eu acho muito importante para os municípios, para os estados e para a União, que é o Programa Mais Médicos. Eu estive em todas as Marchas, em todas as Marchas dos Prefeitos, e havia uma unânime, uma unânime avaliação sobre um problema central em todos os estados da Federação, que era a falta de médicos. Eu sei perfeitamente que não é só a falta de médicos que explica os problemas da saúde no Brasil, mas eu tenho também certeza que um dos problemas mais sérios é a falta de médicos.

O Brasil, hoje, é um país que tem uma cobertura de 1,8 médico por mil habitantes. Esse é um dado que não há como questionar: é 1,8 médico por mil habitantes. Se a gente olhar no entorno, e o entorno que eu digo é a América do Sul, nós veremos que a Argentina tem 3,2 médicos por mil habitantes, o Uruguai tem 3,7 médicos por mil habitantes. Eu não estou me comparando com nenhum país desenvolvido, eu estou me comparando com os meus vizinhos.

Se a gente for olhar os países europeus, Portugal e Espanha, Portugal tem 3,9 médicos e a Espanha tem 4. A Itália tem 3,5, a Alemanha 3,6, a Austrália tem 3. Portanto, o Brasil tem 1,8 médico por mil habitantes. Além disso, esses 1,8 médico por mil habitantes são distribuídos desigualmente pelo território nacional: 700 municípios brasileiros não têm nenhum médico. É nenhum; 1.900 municípios brasileiros têm menos de um médico por três mil habitantes. Portanto, nós temos um problema de acesso ao médico.

Daí porque o governo federal resolveu fazer o Programa Mais Médicos em consonância, inclusive, com o pleito dos senhores prefeitos. Por esse Programa nós temos a seguinte avaliação: nós queremos aumentar o número de médicos, melhorar a distribuição. Para vocês terem uma ideia, por exemplo, o Maranhão, o Maranhão, hoje, tem 0,58 médico por mil habitantes; Pará, tem 0,77; Amazonas, 1,06, e por aí vai. Cidades, estados, inclusive, do Sudeste, também não têm uma situação melhor. Mas mesmo um estado com maior número de médicos, ele tem uma distribuição muito desigual. O próprio prefeito Fortunati, falando a respeito, dizia que aqui, aqui em Porto Alegre, a Vila Tronco não tem médico, que, além disso, a Bom Jesus não tinha médico, e outras vilas que ele nomeava.

É algo muito similar no Brasil. O que se verifica no Brasil? Você tem uma concentração de médicos nas zonas urbanas principais das capitais, as mais desenvolvidas, digamos assim; você não tem médicos nas periferias das grandes cidades brasileiras; você não tem médicos na mesma proporção no interior. No Norte e no Nordeste e em algumas regiões do país não existe médico. Ponto.

Nesse sentido, nós olhamos também uma outra situação e vimos que tinham certas deficiências nas diferentes especialidades. Por exemplo, nós hoje precisamos de médicos pediatras, tem falta de médico pediatra, e outras especialidades que eu não vou ficar aqui citando.

Além disso, além da distribuição ser desigual, o Brasil também possui uma distribuição, também não muito adequada, de leitos no SUS. A distribuição também é bem desigual. Então você tem uma distribuição desigual de médicos, você tem uma distribuição desigual de leitos e nós estamos fazendo um grande esforço para chegar à recomendação da

Organização Mundial de Saúde, que diz que tem que ter entre dois a três leitos por mil habitantes. Dez estados no Brasil estão abaixo dessa média.

Então, esse esforço tem um sentido muito claro. Eu vou, inclusive, me referir a uma tabela que foi divulgada pelo jornal O Estado de São Paulo e não pelo governo, mas é uma tabela que mostra o seguinte: que nos últimos cinco anos, mesmo considerando toda a distribuição desigual, os equipamentos de saúde cresceram 72,3%, os estabelecimentos médicos, 44,5%, os leitos hospitalares, 17,3%. Agora, os médicos cresceram apenas 13%.

Então, o que se vê é uma dessincronia entre o crescimento entre o crescimento dos equipamentos e do número de médicos disponíveis. Isso motivou o governo a fazer um programa. Este programa era um programa baseado em três eixos: primeiro, o Mais Médicos bem emergencial; segundo, Mais Médicos no médio prazo e no longo prazo, que é basicamente a formação através de residência e de formação acadêmica na graduação; e um terceiro nível, considerando, então, o primeiro Mais Médicos e o segundo, formação acadêmica, um terceiro nível que é a expansão dos equipamentos da rede básica da saúde, basicamente reforma e ampliação de unidades básicas de saúde existentes, construção de algumas, e unidades de pronto atendimento. Com isso, nós olhamos para a Saúde no médio prazo e no curtíssimo prazo.

No curtíssimo prazo o governo abriu, como todos vocês sabem, uma chamada pública, dando preferência, prioridade, em todos os casos, a médicos brasileiros. Quando eu chamo de médicos brasileiros são médicos formados no Brasil, porque tem muito médico brasileiro formado no exterior. A prioridade, então, é médico com diploma no Brasil. Esses médicos teriam prioridade, nós pagaríamos, o governo federal paga para os municípios R\$ 10 mil/mês para cada médico. Se ele vai se localizar na Amazônia nós pagamos, além disso, R\$ 30 mil para gastos com a sua recolocação naquela região, na Amazônia. Se ele vai para o interior do Nordeste ou interior do país, em zona de difícil acesso, nós pagamos uma ajuda de custo de R\$ 20 mil.

Bom, além disso, o que nós estamos dizendo? Não havendo médicos para preencher essas vagas, nós a preencheremos com médicos estrangeiros. O que são médicos estrangeiros? São médicos cujo diploma não é do Brasil. Para vocês terem uma ideia, não há, no mundo, uma atitude de preconceito contra este fato. Na Inglaterra, 37% dos médicos que lá trabalham graduaram-se no exterior; nos Estados Unidos, 25%; na Austrália, 22%; no Canadá, 17. No Brasil é 1,79%. O que é que nós estamos falando? Nós não queremos comprometer empregos de médicos formados no Brasil, por isso é que eles têm prioridade. Mas não aparecendo médicos para cumprirem este papel, nós iremos preencher as vagas com médicos trazidos do exterior.

Isso significa que este edital, ele vai privilegiar, como local de trabalho para esses médicos, periferias de grandes cidades, municípios do interior, regiões de difícil acesso, em especial Norte e Nordeste. Será uma bolsa de R\$ 10 mil, como eu disse, com ajuda de custo. A duração é de três anos, findo os quais ele pode se submeter a um concurso e aí ganhar um diploma, um diploma equivalente ao brasileiro e, portanto, atuar aqui dentro. Neste período de três anos, ele não pode atuar aqui dentro onde ele quiser, só pode atuar nessas regiões onde faltam médicos.

Eu acredito que isso é muito importante. Nós abrimos as inscrições, vamos reabri-las novamente, vai ficar permanentemente reaberta. Nessa que nós abrimos foram 3.511 municípios inscritos, cerca de 63% dos municípios se inscreveram. Noventa e dois por cento desses municípios, desses 3.511, são municípios que nós chamamos municípios prioritários, onde não tem médico, onde tem menos de um médico por três mil habitantes. Noventa e dois por cento tinha uma característica: eles já contrataram os recursos que o governo federal disponibilizou para UPAs e UBS. Portanto, eles já tinham se credenciado para ter equipamentos adequados para o médico poder trabalhar, 92%. Além disso, 90% deles estão no Programa Nacional de Melhoria do Acesso à Saúde e de Qualidade da Saúde. Foram solicitadas 15.460 vagas, esses 3.411 [3.511] municípios solicitaram 15.460 vagas. Essas 15.460 vagas, elas começaram a ser preenchidas pelos médicos, os médicos brasileiros.

No início de todo o processo, 18.450 médicos se inscreveram. Desses, sete mil e poucos tinham um problema no seu CRM, o CRM não era, não estava preenchido integralmente, e outros tinham vários problemas. Alguns se inscreveram e, ao mesmo tempo, estavam em programas de residência, 1.200 aproximadamente. Quando solicitados “opte por entre o programa de residência e essa bolsa”, 31 optaram pela bolsa, por esse Programa Mais Médicos, o resto ficou no programa de residência.

Portanto, somando e diminuindo, em torno de mil médicos brasileiros preencheram, cumpriram todos os requisitos, selecionaram o município para onde irão. Na seleção do município para onde irão, tirando Manaus e Brasília, o resto tudo escolheu o litoral. Assim sendo, assim sendo, nós... A parte verde é a seleção e a parte vermelha são os municípios, o resto do Brasil. Assim sendo, nós iremos continuar o processo de seleção, após a seleção dos médicos brasileiros, formados aqui, nós passaremos para a seleção dos médicos com diploma no exterior.

O critério para os médicos com diploma do exterior é: ter habilitação para o exercício da medicina no país de origem; possuir conhecimento da língua portuguesa e ser proveniente de um país com mais médicos por mil habitantes que o Brasil, porque também nós não podemos querer “desvestir” um santo para vestir o outro, não é um critério decente de um país civilizado como o nosso.

Assim sendo, nós vamos recebê-los e eles terão um acolhimento e uma avaliação por três semanas, em universidades públicas brasileiras, que farão a tutoria permanente deles. Essa avaliação e essa supervisão vão ser feitas por universidades federais públicas ou por universidades estaduais públicas, ou por universidades municipais públicas, também por secretarias estaduais e municipais de saúde, acompanharão e darão suporte. É uma autorização para exercer a medicina exclusivamente na atenção básica, portanto, esses médicos não fazem cirurgia, esses médicos não atendem especialidades, eles atendem serviço básico e rede básica de saúde.

Bom, no que se refere à rede básica de saúde, nós tomamos uma série de medidas e colocamos hoje, temos hoje em execução, R\$ 7,4 bilhões em: Hospitais, são 818 obras, R\$ 1,4 bilhão; UPAs 24 horas são 877, R\$1,4 bilhão; e 16 mil unidades básicas de saúde, representando R\$ 2,4 bilhões. E, além disso, nós colocamos ainda mais R\$ 7,5 bilhões para a sustentação só desse Programa, em UBS mais 17.800 UBSs; em UPA 24 horas, a

construção de mais 225; 14 hospitais universitários mantidos pelo MEC, e algumas parcerias público-privadas.

É importante sinalizar o seguinte: obviamente uma parte muito importante, em que pese o governo federal monitorar integralmente esses médicos, em que pese o governo federal estruturar, inclusive usando todos os equipamentos que dispõe, a recepção, a chegada e a localização dos médicos, muito desse controle também caberá aos senhores prefeitos. É óbvio que esse médico tem que trabalhar de segunda a sexta, e tem que cumprir horário. Ele não pode trabalhar um dia... Porque, muitas vezes, o prefeito se queixou para mim: “Está ótimo, eu estou pagando R\$ 17 mil, só que o médico se compromete a trabalhar a semana e só aparece segunda, às vezes aparece quinta-feira, e tal”. Nesse caso, nós teremos que fazer esse controle, porque significa a necessidade de nós garantirmos e assegurarmos que seja um programa que garanta um nível de atendimento ao usuário da saúde pública, ao cidadão e à cidadã brasileira, compatível com o que nós estamos pensando.

E obviamente esse é um programa de parceria. Nós temos clareza que não tem cabimento os municípios arcarem com o custo. Por quê? Porque teria, se a gente falasse: “Não, é o município que paga”, aí um pagava X, outro pagava Y, já começava uma disputa e uma concorrência. Nós, então, assumimos o pagamento, asseguramos o pagamento, são médicos estrangeiros, o governo federal garante esse pagamento, garante o transporte, garante a localização. Agora, os senhores serão parceiros para nós garantirmos juntos a qualidade do serviço.

Eu perdi esse... ou ganhei, melhor dizendo, esse tempo aqui falando com os senhores, porque eu considero que esse é um programa que pode fazer a diferença no curto prazo. A gente precisa de ações emergenciais e estruturantes. A ação estruturante vai ser a nossa disposição em aumentar a formação de médicos brasileiros no Brasil. Nós aumentaremos 11 mil vagas na graduação e 12 mil vagas na residência.

Além disso, passou uma legislação no Congresso que permite que os médicos, principalmente, no caso, médicos das Forças Armadas, que não estavam, que não eram, não tinha permissão para exercer, de forma privada, fora das Forças Armadas, a sua atividade, agora ele pode exercer.

Então, nós estamos fazendo um grande esforço para lidar com essa, que é uma questão seriíssima do serviço público brasileiro. Você vai olhar uma pesquisa qualitativa no Brasil, as pessoas vão te dizer: Qual é o principal problema? Saúde. Dentro da Saúde, qual é o principal problema? Atendimento médico e humanidade no atendimento. Eu acho que é isso que nós temos que garantir.

Muito obrigada a todos.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração do primeiro trecho do Sistema Logístico de Etanol Ribeirão Preto-Paulínia

Ribeirão Preto-SP, 12 de agosto de 2013

Boa tarde a todos.

Queria cumprimentar o governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin.

Cumprimentar a prefeita municipal de Ribeirão Preto, Dárcy Vera.

Cumprimentar o Roberto Gonçalves, diretor-presidente da Logum Logística S.A.

Cumprimentar também os ministros que me acompanham hoje: Edison Lobão, de Minas e Energia, e Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social.

Dirigir um cumprimento aos senhores deputados federais: o líder do governo na Câmara dos Deputados, deputado Arlindo Chinaglia; o doutor Ubiali; o deputado Duarte Nogueira; o deputado José Mentor; o deputado Nilton Lima.

Cumprimentar o presidente da Câmara de Ribeirão Preto, o vereador Cícero Gomes da Silva.

Cumprimentar os prefeitos Antonio da Rocha Marmo Cezar, de Santana de Parnaíba; e o prefeito Zezinho Ximenes, de Sertãozinho, em nome de quem cumprimento todos os prefeitos.

Cumprimentar o *Welson Gasparini*, ex-prefeito de Ribeirão Preto e o deputado Edinho Silva, por meio de quem cumprimento os deputados estaduais presentes nesta cerimônia.

Cumprimentar a presidente da Petrobrás, Graças Foster, por intermédio de quem cumprimento todos os funcionários da Petrobrás.

Cumprimentar o Narciso Bertoldi, o Rubens Ometto, da Raízen; Marcelo Odebrecht, da Odebrecht S.A; Luís Roberto Pogueti, da Copersucar; Luis Nascimento, da Camargo Corrêa.

Cumprimentar o Sérgio Machado, presidente da Transpetro.

Cumprimentar a presidente da Única, senhora Elizabeth Farina.

Cumprimentar o José Monteiro da Silva. Por intermédio do José Monteiro eu cumprimento todos os trabalhadores deste empreendimento.

Queria dirigir um cumprimento especial aos moradores dos bairros que não estão mais sofrendo com os alagamentos, cumprimentando a Aparecida Batista Ferreira e todos os moradores que vieram aqui, que me presentearam com o bolo, todos os moradores da Vila Virgínia.

E queria agradecer mais uma vez essa parceria que tivemos com a prefeita Dárcy porque essa parceria, Dárcy, foi algo fundamental para que isso pudesse ocorrer. Então, eu agradeço à prefeitura a disposição, o fato de estar sempre atenta para todos os problemas que possam ocorrer, inclusive pelo fato de que há uma grande sinergia entre as suas equipes e a minha equipe. Agradeço a sua colaboração.

Queria cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu considero essa inauguração um marco na questão do segmento do etanol no Brasil. É um marco porque, sem sombra de dúvida, o Brasil é uma referência internacional na produção de etanol de cana-de-açúcar. E esse sistema Logum, ele mostra a pujança do setor de etanol no Brasil. Por quê? Porque se une aqui algumas empresas importantes que atuam nessa área: a Raízen, a Copersucar, a Petrobrás, a Camargo, a Odebrecht e a Uniduto. Essas empresas se unem e fazem e constroem e projetam e planejam uma infraestrutura de transporte de etanol de padrão, sem sombra de dúvida, internacional. Isso é muito importante porque, sem sombra de dúvida, o etanol de cana tem uma série de vantagens competitivas em relação ao etanol de milho, por exemplo. E essas vantagens nós temos de aprofundar e desenvolver porque os produtores de etanol de milho estão também atuando no sentido de melhorar a sua competitividade e a sua

produtividade. Daí porque esse é o momento especial, porque nós estamos com uma moderna estrutura de transportes que moduladamente começa com essa primeira fase que são esses 200 quilômetros que vão aqui de Ribeirão Preto até Paulínia. Mas na verdade, por trás de todo esse projeto está uma desafiadora perspectiva de estabelecimento de uma rede de captação de etanol e de distribuição nos mercados consumidores. Então, é a primeira fase de um projeto extremamente desafiador, mas justamente por isso, extremamente promissor.

Eu quero dizer que nós temos tomado uma série de medidas para estimular o setor, tanto na produção cana quanto na questão da energia. É muito importante esse leilão específico – mencionado pelo governador Alckmin – para fornecimento de energia com base na biomassa, justamente o bagaço da cana. Porque necessariamente essa parceria entre produção de etanol combustível e o uso do bagaço na produção de energia elétrica gera uma matriz energética extremamente competitiva, muito mais barata e torna essa unidade produtiva uma unidade, do ponto de vista da energia, extremamente consistente. Mas nós lançamos também várias medidas. Quando eu estive aqui no lançamento do Plano Safra 2011/2012, foi lançado aqui em Ribeirão Preto uma linha de crédito de R\$ 1 milhão por produtor independente. Essa linha de crédito foi completada agora na safra de 2013/2014 por um programa que é o ProRenova, que é a renovação de canaviais, algo fundamental para garantir a produtividade do nosso etanol, no que se refere à área agrícola, renovar os canaviais, e colocamos R\$ 4 bilhões para que a gente possa recuperar 1 milhão de hectares de produção de cana-de-açúcar. Criamos também um programa de financiamento de estoques do etano para assegurar uma certa garantia de preço não tem grandes flutuações da entressafra, aliás, da safra, e o BNDES tem hoje R\$ 2 bilhões a uma taxa de juros de 7,7% ao ano, que permite que esse preço entre a safra e a entressafra não tenha grandes flutuações.

Além disso, nós novamente elevamos a mistura do etanol para 25%. E em maio nós editamos uma medida provisória que está em vigor, esperamos que ela seja votada ainda este mês, que reduz o Pis/Cofins da comercialização do etanol, o que vai dar uma redução da ordem de 12 centavos o litro, que tem impacto sobre o custo e torna também mais competitiva a produção.

E isso deságua agora nesse momento especial, porque de fato é um momento especial: nós estamos apostando muito que o Brasil precisa de uma nova logística. Esta planta, ela mostra o potencial real desta nova logística, é um projeto inovador. Ele envolve a integração de duto e hidrovias, mostra que o Brasil tem, na integração de diferentes modais de transporte, um dos elementos essenciais para garantir a sua competitividade.

E aí eu queria destacar aqui alguns elementos. Eu tenho, desde o início do governo, adotado medidas para enfrentar um dos grandes desafios do nosso país, que é expandir e modernizar a nossa infraestrutura logística. O Brasil precisa, sim, de um sistema de transporte integrando modais eficiente e compatível com a extensão territorial continental do nosso território e a diversidade da nossa economia.

Por isso, nós construímos um programa de logística que tem em concessões rodoviárias e ferroviárias um dos seus eixos. Através dessas concessões, nós pretendemos expandir em 10 mil quilômetros as ferrovias e duplicar outros 7.500 quilômetros de estradas. As ferrovias, sobretudo, são elementos essenciais. O Brasil não tem um sistema ferroviário

compatível com a sua dimensão, ao contrário de vários países do mundo de extensão continental similar à nossa. Nós estamos dando um passo ousado na busca de um sistema ferroviário, e chegamos na fase de licitação. E essas licitações ocorrerão agora de agosto até abril. O leilão dos primeiros trechos de rodovias, a BR 262 e a BR 050, eles ocorrerão no dia 18. Os leilões para os outros cinco grupos de rodovias vão ocorrer até dezembro deste ano. No caso das ferrovias nós começamos a licitar o trecho Açailândia-Barcarena, lá no Norte. Que é importante para escoar os nossos grãos e para o fortalecimento do sistema portuário da região norte. Seguirão a esse trecho mais 17 trechos de ferrovias cujos estudos estão em processo de consulta pública, e começamos a licitar entre dezembro e março de 2014 – dezembro deste ano e março de 2014.

Nós iniciamos a licitação da estrutura aeroportuária do país por Brasília, Guarulhos e Campinas. E agora vamos licitar, já está quase concluído, São Gonçalo do Amarante, no Rio Grande do Norte, e agora no dia 31 nós vamos licitar as concessões do Galeão, no Rio de Janeiro, e de Confins. Como o Brasil é um país de dimensões continentais nós também vamos realizar um grande esforço de investimento em 270 aeroportos regionais. Os primeiros 55 desses aeroportos – desses 270 – vão ser licitados agora em outubro, e os demais, até abril serão concluídos.

Como vocês sabem, nós alteramos a legislação portuária para criar também condições mais adequadas ao investimento privado. Em pouco mais de um mês nós anunciamos já 46 terminais de uso privativo, chegando a R\$ 2,5 bilhões, e mais 12 serão ainda anunciadas este mês, porque os investidores já manifestaram seus interesses.

Além disso, nós, e aí eu queria falar especificamente da Hidrovia Tietê, porque nós também temos de investir na estrutura hidroviária brasileira. Em setembro de 2011 nós iniciamos investimento para a expansão do trecho navegável. Vamos acelerar tanto o processo de melhoria nas eclusas e amplificação e retificação de canais e de dragagem. Esses investimentos todos vão transformar o Tietê numa malha navegável de 2.400 quilômetros de expansão. E todos eles mostram que esta é uma estrutura logística fundamental para o país, porque é uma das mais baratas estruturas de transporte do mundo.

Eu faço esse balanço para mostrar para vocês que esse trecho que nós estamos inaugurando hoje faz parte de um grande esforço do país para modernizar a sua estrutura logística e para assegurar que essa estrutura logística seja, de fato, um elemento de desenvolvimento do país. Nós precisamos disso não só para escoar os produtos, não só porque essa é a forma mais competitiva, mas porque esse é um elemento fundamental para o país crescer. O nosso país precisa desses investimentos para crescer.

E aí eu não podia deixar de falar aqui nessa liderança que nós temos, há mais de 40 anos, na área do etanol. E essa liderança de mais de 40 anos da área do etanol, ela representa um avanço que o país não tem mais como abrir mão. Nós criamos os carros *flex-fuel*, a nossa matriz de combustível é das mais renováveis, nós temos, hoje, uma vantagem comparativa quando se olha a questão por qualquer ótica, tanto a social, como já foi dito aqui, pelo número de empregos, mas há uma vantagem competitiva estratégica nessa questão ambiental. É óbvio que, muitas vezes, como disse o presidente Lula no passado, apontaram o dedo para nós, dizendo que nós estávamos produzindo etanol na Amazônia, quando a distância daqui, de Ribeirão Preto, para a Amazônia é a mesma de

Lisboa para Moscou, e era isso que a gente sempre destacou e, ao contrário, denunciou, e foi um processo de esclarecimento e de empenho que levou ao fato de hoje o etanol brasileiro ser reconhecido internacionalmente como sendo um combustível que não compromete o meio ambiente, pelo contrário, ele poupa gases de efeito estufa, na medida em que é um combustível limpo e renovável.

Tudo isso mostra que nós estamos em condições de utilizar essa estrutura para garantir não só que o etanol chegue aos mercados consumidores, mas também que ele possa ser exportado a um custo menor. E obviamente o objetivo disso é assegurar que o Brasil mantenha a sua liderança nessa questão também, que é a geração de emprego. Nós hoje temos uma das menores taxas de desemprego da nossa história. Além disso, nós temos uma das menores taxas de desemprego do mundo. Nós estamos com 6%, na verdade oscilando entre 5,8 a 6%, há mais ou menos uns 5 meses.

É essa característica do Brasil que explica porque nós também temos de olhar cada uma das atividades pelo que ela é, de geração de emprego. E, sem sombra de dúvida, o setor do etanol é um setor intensivo em trabalho, também intensivo em capital, mas é muito intensivo em trabalho na medida em que tem a ver com a questão agrícola e tem também uma parte desse segmento que é baseada em uma integração, como nós vimos, entre energia elétrica e combustível renovável.

Eu não podia deixar de falar em uma ocasião em que nós estamos aqui inaugurando uma logística de energia, uma logística baseada no etanolduto da Logum, aliás, da Lógum, não sei por que que vocês não botam Logum que é muito mais fácil falar, mas Lógum, o acento está ali, a gente não pode esquecer-lo, Lógum, nós não podemos deixar de lembrar que nós também vamos fazer uma licitação do pré-sal. E no Brasil há uma característica importante: a gasolina e o etanol são dois combustíveis que mantêm uma relação. Para nós essa reserva gigantesca que é a Reserva do Campo de Libra, ela vai ser muito importante ao país. Ela, em momento algum, significa que nós iremos reduzir o nosso empenho na área de etanol, nem pode ser diferente.

Aliás, é sempre bom lembrar que isso sempre atrai a atenção dos investidores internacionais e dos dirigentes de diferentes países, que é o seguinte: não existe um carro no Brasil que seja movido sem o componente do etanol, seja na mistura, seja na mistura na gasolina, a mistura básica de 25%, seja porque nós adotamos o carro flex fuel, que permite que ocorra isso. Então, o Brasil é hoje um país com condições de ter uma diversidade muito grande na área de energia e da sua matriz de combustível.

E eu queria finalizar dizendo para vocês o seguinte: eu vi a briga por esse etanolduto desde 2007, final de 2007, início de 2008. Naquela época apareceram três etanoldutos que entraram no PAC 1, no Plano de Aceleração do Crescimento 1. Todos eles, todos eles eram muito incipientes.

O que eu vejo de extremamente qualificado nesse projeto? Primeiro, ele é um projeto ousado, ele implica em uma rede de 1.200 km de dutos, mas ao mesmo tempo ele é um projeto modular. Começaram fazendo 200 km. Entre o que? Entre Ribeirão Preto e Paulínia. Ribeirão Preto, a maior região produtora de etanol. Paulínia, uma das maiores refinarias do Brasil. Então ele foi feito, ao mesmo tempo em que ele é ousado, ele tem a característica de ser modular e de poder ser autorizado, as fases, na medida em que haja retorno do projeto. É muito importante isso porque esse é um projeto, que eu quero dizer

a vocês, é consistente. Eu vi várias tentativas. Essa é uma tentativa para dar certo, portanto, é aquela que nós temos sempre de escolher, a tentativa da realidade.

Portanto eu queria cumprimentar mais uma vez os diretores da Logum, os diretores, esses que vão ser responsáveis por aprovar as novas fases. E queria dizer para vocês, não esqueçam da hidrovía, porque a hidrovía também vai ter um bom efeito representação. Nós vamos provar que o preço da hidrovía ligado ao etanolduto mostra a grande cooperação possível entre um etanolduto e uma hidrovía. E os custos vão ser bem menores. No total, eu acredito que nós vamos sempre nos orgulhar desse projeto de 1.200 km. Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de inauguração da nova fábrica de biotecnologia e de citostáticos e ampliação da farmoquímica do Complexo Industrial Cristália Itapira-SP, 13 de agosto de 2013

Boa tarde a todos. Eu queria começar saudando os trabalhadores e as trabalhadoras do Cristália e seus diretores e todos os funcionários. Esta é uma festa, uma comemoração que a gente deve a vocês, e uma coisa que é impressionante, como a maioria de vocês... Eu vou dizer, como todos vocês são jovens, é algo que é muito importante quando a gente vê que essa força de vocês, que é a juventude com a água do Cristália, que o Ogari falou, cria, de fato, essa capacidade de realizar sonhos.

Eu queria primeiro, começar saudando o nosso governador, Geraldo Alckmin, o nosso governador de São Paulo,

Cumprimentar o prefeito de Itapira, o José Natalino Paganini e, em nome dele, eu cumprimento todos os prefeitos que estão aqui presentes,

Queria dirigir um cumprimento especial à viúva do cofundador do Cristália, João Stevanato, a senhora Íris Stevanato,

Queria cumprimentar o senhor Ogari de Castro Pacheco, presidente do Complexo Industrial Cristália, e também a sua senhora, a senhora Maria Adelaide Pacheco,

Cumprimentar os ministros de Estado que me acompanham aqui nesta viagem, todos os três ministros envolvidos com esse processo de desenvolvimento produtivo que nós estamos acompanhando aqui, que é o Cristália. Primeiro, o ministro Alexandre Padilha, da Saúde; depois o ministro Fernando Pimentel, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, responsável pelo Plano Brasil Maior; e o nosso ministro da Ciência, Tecnologia e Inovação, Marco Antonio Raupp, que tem sob sua responsabilidade o desenvolvimento científico e tecnológico e a inovação em nosso país.

Cumprimentar os deputados federais: o Nilton Lima e o Paulo Freire.

Cumprimentar o secretário de Ciência e Tecnologia do Ministério da Saúde, Carlos Gadelha.

Cumprimentar o senhor secretário de Estado da Saúde, Giovanni Guido Cerri.

Cumprimentar os deputados estaduais Antônio Mentor e Barros Munhoz.

Cumprimentar o vereador Carlos Sartori, presidente da Câmara Municipal de Itapira.

Cumprimentar os parceiros neste empreendimento: Glauco Arbix, presidente da Finep; Paulo Gadelha, presidente da Fiocruz; Dirceu Barbano, diretor-presidente da Anvisa; Luiz Santini, diretor-geral do Instituto Nacional do Câncer (INCA).

Cumprimentar o senhor Odair Antonio Bortolozzo, presidente do Sindicato dos Químicos. E cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

As minhas primeiras palavras são para parabenizar a Cristália por essa planta de expansão da farmoquímica e essa planta de biotecnologia, de biofármacos. E com isso constatar que o Brasil possui um complexo industrial deste porte que nós vemos aqui, deste complexo industrial do Cristália, em uma área que é estratégica para o nosso país, que é a área de medicamentos, e que exige, nós sabemos, tanta tecnologia. E isso significa que nós damos um passo em direção à criação, no Brasil, de fato, de um pólo no complexo industrial da saúde.

A Cristália é esse complexo industrial, e eu acho que tem de dizer isso “complexo industrial”, eu aprendi isso ao visitar a planta. De fato, a Cristália é um complexo industrial 100% brasileiro, e isso nos enche de orgulho. Nos enche de orgulho porque ela vai fornecer medicamentos e matérias-primas para o nosso país, e também vai exportar medicamentos e matérias-primas.

Essa nova planta da divisão de biotecnologia, ela demonstra a capacidade do nosso país de atuar na fronteira do conhecimento. E ao mesmo tempo, essa afirmação da expansão da farmoquímica mostra que nós temos todas as condições de nos credenciarmos para ser grandes países produtores.

Eu considero muito importante um fato que eu vou sublinhar, que é que a Cristália investe parte de sua receita em pesquisas em parcerias com universidades e centros de pesquisas. Por que é que eu enfatizo isso? Porque em todo o mundo as empresas que crescem fazem isso, investem uma parte da sua receita em pesquisa e desenvolvimento. E eu queria lembrar aqui que recentemente os órgãos estatísticos americanos mudaram, mudaram o conceito de investimento do PIB, incorporando inovação como um item tão importante para configurar a formação bruta de capital fixo ou bem, ou melhor, a taxa de investimento, com base em duas coisas: construção civil pesada e não pesada, máquinas e equipamentos; e inovação. Ou seja, atribui-se valor a patentes, atribui-se valor à inovação, porque de fato é esse, é essa, aliás, a fronteira, tanto econômica quanto do conhecimento, do que há de novo nesse século 21.

Eu fiquei extremamente impressionada com o fato de que enquanto nós, como país, dependemos 14% ainda, aliás, só produzimos 14% e o restante dependemos de importação, com o fato de a Cristália produzir 50% dos princípios ativos que usa na cadeia produtiva aqui desse complexo. É exatamente por isso que eu considero que a Cristália é uma das empresas que se demonstra como sendo uma grande parceira dessa nossa política de desenvolvimento produtivo na área da saúde definida no Plano Brasil Maior, lançado no início do governo pelo Ministério da Indústria e Comércio. Nós consideramos que hoje o Brasil tem que dar este passo.

Então, política de desenvolvimento produtivo, significa que nós temos que nos capacitar para produzir no Brasil aquilo que nós somos capazes de produzir. Isso não implica em nenhuma xenofobia ou em uma política de não importação *stricto sensu* ou uma política ‘simplesmente não importamos mais’. Mas implica na capacidade do Brasil de combinar a

suas condições de produção interna, local, com a importação de parte do que nos interessa. Não porque isso nos foi imposto, não porque nos submetemos a ser uma parte subalterna da cadeia produtiva. Mas porque optamos por isso quando nos convier. Eu considero, portanto, essa parceria muito importante. E reconhecer que a Cristália possui 31, vejam bem, 31 parcerias, com o Ministério da Saúde e os laboratórios públicos, também me enchem de orgulho.

A minha presença nesta inauguração tem um objetivo, que é reafirmar que a parceria com a Cristália é estratégica para o Brasil; reafirmar o compromisso do governo com todas as empresas, muitas aqui presentes, da área do complexo da Saúde, empresas que pesquisam, que geram inovação, que investem, que criam emprego e criam renda no Brasil.

Queremos, senhores empresários, ampliar essas parcerias com todas as empresas nacionais e internacionais que aceitem o desafio de produzir aqui no Brasil. Essa é uma escolha política estratégica. Nós estamos usando o poder de compra do Estado brasileiro para estimular a indústria nacional. Vejam bem, nós estamos utilizando o poder de compra do Estado brasileiro, que é um dos maiores compradores de medicamentos, para estimular a indústria nacional, para apoiar a transferência de tecnologia e ampliar a geração de inovações.

A Finep – a Finep, aqui está o nosso presidente da Finep – e o BNDES, também aqui presente, participam também desse esforço, de forma também estratégica. A Finep, de um lado, por meio da subvenção à pesquisa – isso é importante que se diga –, a subvenção à pesquisa, ao desenvolvimento tecnológico e à inovação, porque a Finep subvenciona a pesquisa, assegura que a pesquisa no Brasil pode se desenvolver, vai se desenvolver e deve se desenvolver, e o Estado é parceiro disso subvencionando, fazendo uma subvenção a essa pesquisa. O BNDES, por sua vez, com as suas linhas de financiamento, ajuda a desenvolver a produção, viabiliza recursos para que se desenvolva a produção.

Já o Ministério da Saúde tem a vantagem de, com isso, ver aumentada a capacidade de distribuir os medicamentos necessários à atenção à saúde da população, sejam aqueles de uso contínuo, como se combate a diabetes, hipertensão e asma, sejam aqueles de alto custo, como os antiretrovirais e os oncológicos.

Eu gostaria, inclusive, aqui, de destacar que o fortalecimento da política de atenção oncológica é um compromisso que temos perseguido desde o início do meu governo. Nós, aliás, lançamos, ainda em 2011, programas para ampliar o enfrentamento ao câncer de mama e do colo do útero, e diminuir o sofrimento que essas doenças trazem a milhares de mulheres brasileiras. A partir do próximo ano nós vamos – como o Padilha disse – vacinar as meninas de 10 e 11 anos contra o vírus do HPV, o principal causador do câncer do colo de útero.

Eu queria, aqui, meus amigos e minhas amigas, dizer que apoiada no compromisso de compra do SUS, de compra pelo SUS, as empresas dessa área – e aqui eu falo, em especial, a Cristália –, elas podem priorizar a fabricação de medicamentos oncológicos necessários ao tratamento da leucemia, dos cânceres de colo de útero e de mama, dos tumores gastrointestinais, para dar alguns exemplos.

E eu acredito que a gente pode afirmar uma coisa. Com essas políticas todos ganham. As empresas ganham, por exemplo, porque passam a ter um horizonte com menor risco para fazer seus investimentos. Nós, povo brasileiro, o Brasil fica menos dependente do mercado externo em relação a medicamentos estratégicos. O SUS pode oferecer medicamentos a mais brasileiros.

Sim, eu ganhei, vocês viram, e eu acho extremamente simbólico, eu ganhei aqui de um escultor, se eu não me engano, alemão, uma representação do que é parceria, e aqui nós temos uma parceria. Temos uma parceria com o governo do estado, temos uma parceria com as empresas, entra a Finep, entra o BNDES e entra o Ministério da Saúde. E essa é o tipo da ação em que todos cooperam, todos ganham e quem sai ganhando mais é o nosso povo, é o nosso país.

E eu queria dizer para vocês: a inovação é algo, aqui nesses prédios, é algo diferente das outras inovações porque aqui nesta área a inovação no setor saúde, ela pode representar a cura de uma doença, pode representar um ganho de vida, um ganho de tempo de vida, uma benesse para milhões de famílias que se preocupam, com seus parentes, seus amigos, e isso significa muito na vida das pessoas. Eu tenho certeza que esse fato sensibiliza a todos nós, quando vemos o padrão de qualidade adotado aqui. Nos dá a certeza que o Brasil está no rumo certo. E, sobretudo, nos dá outra certeza: dá a certeza de que quando você tem a aplicação da tecnologia a favor do conjunto do povo brasileiro, todos nós saímos ganhando.

Eu queria dizer também, porque nós vivemos nesse momento, que saúde de qualidade requer também, requer também a existência não só de medicamentos, de medicamentos de qualidade, de última geração, mas também a importância de termos equipamentos de saúde, hospitais, postos de saúde, UPAs e também médicos para fazer o diagnóstico e dar a prescrição. Sem médicos não há saúde de qualidade. E esse é o desafio que temos de enfrentar com o Programa Mais Médicos.

Eu falo dele porque é muito oportuno que se fale dessa questão quando nós estamos aqui, inaugurando esse Sistema. Nós temos o desafio urgente de eliminar os vazios assistenciais que existem no Brasil. Em 700 municípios, vocês sabem, não há um único médico; em 1.900 há menos de um médico por três mil habitantes. E o governo federal tem consciência que nós precisamos aumentar o número de profissionais nas periferias das grandes cidades, no interior do país e nas regiões do Norte e do Nordeste.

Nós estamos agindo em duas frentes em simultâneo. Primeira frente, aumentar a formação de profissionais em nosso país. Nós já havíamos autorizado a criação de 2.400 novas vagas em cursos de Medicina. E agora nós estamos abrindo, de agora até 2017, mais 11.400 vagas para médicos na graduação, e 12.000 para residências, notadamente naquelas áreas mais necessárias, como a pediatria, o tratamento do câncer, o tratamento do coração, para citar algumas.

Hoje nós temos uma realidade: é preciso esperar um tempo até que esses profissionais se formem. Mas, nós sabemos que é necessário agora esses médicos no Brasil. Por isso nós, em que pese darmos prioridade para os médicos formados aqui no Brasil, os médicos que têm a sua formação nas escolas de medicina deste nosso país, quando houver vagas que não sejam preenchidas por nenhum médico formado aqui, nós iremos

contratar profissionais formados fora daqui, que estarão atuando só no Sistema Único de Saúde monitorados pelas universidades federais.

Eu quero citar para vocês alguns números. No primeiro mês de adesão a esse projeto, 3.511 municípios se inscreveram e demandaram 15.470 médicos. Aqui no estado de São Paulo, 309 municípios aderiram, de um total de 645 municípios, e pediram 2.197 médicos. Esses números mostram que a falta de médico é um problema nacional que afeta até mesmo o estado mais rico do nosso país. Eu quero deixar claro para todos vocês, para a população brasileira, que não faltará vontade política de meu governo para enfrentar este problema.

Finalmente, eu gostaria de enfatizar que nós temos que valorizar as nossas histórias vencedoras, como é o caso desse sistema aqui do Cristália. Eu queria finalizar, primeiro dando um parabéns a todos vocês que fazem o dia a dia desse complexo industrial. Mas queria, e acho que isso sempre, o Brasil tem que ter o hábito de fazer, que é valorizar experiências e homens e mulheres que têm uma contribuição fundamental em diferentes setores no nosso país. E agora eu queria homenagear um brasileiro valoroso que mostra e que prova que sempre acreditou em nosso país. Eu queria homenagear o doutor Ogari Pacheco.

Muito obrigada a vocês. E um beijo a cada um dos jovens, dos homens e das mulheres que fazem esse Sistema que é o Sistema Cristália. E de fato, doutor Ogari, eu acredito que as águas fazem sonhar e realizar os sonhos.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de anúncio de investimentos do PAC para cidades do ABC e entrega de 100 máquinas retroescavadeiras a municípios de São Paulo
São Bernardo do Campo-SP, 19 de agosto de 2013**

Eu queria iniciar cumprimentando os prefeitos que compõem o consórcio municipal do ABC. Cumprimentar o prefeito de São Bernardo do Campo, Luiz Marinho; Santo André, Carlos Alberto Grana; Donisete Braga, de Mauá; Luis Gabriel da Silveira, de Rio Grande da Serra; Lauro Michels Sobrinho, de Diadema; Paulo Pinheiro, de São Caetano do Sul; e Saulo Benevides, de Ribeirão Pires.

Queria cumprimentar também cada um dos cem prefeitos e das prefeitas que aqui comparecem.

Queria cumprimentar os ministros de Estado que me acompanham nesta viagem: a ministra do Planejamento, Orçamento e Gestão, aqui de Santo André, Miriam Belchior; o ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro; e o ministro Pepe Vargas, do Desenvolvimento Agrário.

Queria cumprimentar cada um dos deputados federais aqui presentes, cumprimentando, inicialmente, o líder do governo no Congresso... na Câmara, Arlindo Chinaglia; o deputado Carlos Zarattini; o deputado Francisco Chagas; o deputado José Mentor; o deputado José Olímpio; o deputado Paulo Teixeira; o deputado Vicentinho; o deputado Vanderlei Siraque. Cumprimentar os deputados estaduais presentes: Ana do Carmo, Antonio Mentor, Edinho Silva e Rodrigo Moraes.

Queria cumprimentar o presidente da Associação Brasileira de Municípios, o Eduardo Tadeu Pereira.

Queria cumprimentar o senhor Frank Aguiar, vice-prefeito de São Bernardo do Campo.

Queria cumprimentar o vereador Tião Mateus, presidente da Câmara Municipal de São Bernardo do Campo.

Cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas, os senhores fotógrafos e cinegrafistas.

Ao iniciar a minha fala, aqui, eu queria, primeiro, parabenizar a população aqui de São Bernardo do Campo pelos 460 anos da cidade, que serão comemorados amanhã. E queria dizer para vocês que esta cidade é uma cidade especial para todos os brasileiros e brasileiras, diante do simbolismo que ela representa, quando a gente considera não só a luta pelas Diretas Já e pela redemocratização do país, mas também o fato de que aqui nasceram as modernas lutas pelos direitos sociais no nosso país, pelos direitos dos trabalhadores. E eu queria desejar a vocês nestes 460 anos um grande abraço da presidenta e do meu governo.

Eu estive aqui, aqui em São Bernardo, em setembro de 2010, e na porta de uma fábrica, e às 6 horas da manhã, fazendo a minha campanha para Presidente. E naquele momento eu firmei um compromisso com os trabalhadores e as trabalhadoras do nosso país, de não descuidar dos seus interesses, porque a gente é eleito presidente de todos os brasileiros. Mas a gente tem que olhar aqueles que mais precisam, dentro de um país. E por isso, eu me comprometi em lutar, em honrar as mulheres brasileiras, pelo fato de ser a primeira mulher eleita. E também de honrar o povo deste país, principalmente o povo mais pobre e os trabalhadores. E tenho muita honra de ter sucedido um nordestino são-bernardense, que é o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Nesse período todo, nós avançamos muito, mas temos sempre que enfrentar novos desafios. E por isso eu volto aqui em São Bernardo para, com muito prazer, para anunciar mais investimentos do governo federal, tanto no Grande ABCDMRR, sete cidades aqui da região, e também, aproveitando esse evento anunciar esse kit de retroescavadeira, motoniveladora e caminhão-caçamba para os prefeitos dos municípios menores – até 50 mil habitantes – do nosso país.

Nesse dia de hoje nós estamos anunciando em torno de R\$ 2,1 bilhões de investimentos, que compõem, uma parte você viram, para a mobilidade urbana, para urbanização e construção de moradias, e contenção de encostas. Na verdade, para construção de infraestrutura em 15 favelas aqui da região. E todos esses investimentos, eles fazem parte dessa visão de que é muito importante - principalmente nas grandes regiões metropolitanas do nosso país onde tem grande adensamento populacional e onde a cidade se desenvolveu sem investimentos, durante muitos anos, em mobilidade urbana - é muito importante essa questão da mobilidade.

E aí eu queria dizer para vocês uma coisa: nós viemos fazendo esses investimentos, e eu gosto muito de olhar o que é que significa em quilômetros. Por exemplo, os corredores. No período anterior, que nós anunciamos um investimento em mobilidade urbana de R\$ 2 bilhões, agora nós estamos investindo na mobilidade R\$ 795 [milhões], mas anteriormente nós tínhamos anunciado R\$ 2 bilhões. O que eu quero dizer é que esses números, a gente não fica com muita noção do que eles significam. Esses dois números

significam que nós iremos aqui fazer 84 quilômetros de corredores, 84 quilômetros de corredores de ônibus em uma cidade, uma região, em um conjunto de cidades da região mais populosa do nosso país. Aqui circulam em torno e vivem em torno de 20 milhões de pessoas. É a região com o maior número de habitantes do nosso país. E aí vejam vocês, nós temos que correr atrás. Correr atrás significa que a gente, além desses 84, vai ter que fazer mais quilômetros, mais quilômetros. Daí porque nós estamos financiando projetos, dando recursos para projetos, mesmo aqueles municípios que desta vez levaram só recursos para projetos, qual é o nosso objetivo? É fazer investimento de mobilidade na próxima fase de mais 85 quilômetros.

Então todo mundo vai ser contemplado, todo mundo vai ser contemplado. Mas, mais importante, é que a população, essa população que vive e trabalha aqui, que estuda, vai receber mais 85 quilômetros. Então, façam as contas comigo: vão ser quase 170 quilômetros de corredores, além dos 14 quilômetros de mon trilho. Mas isso mudará a qualidade, mudará a qualidade da mobilidade urbana. E nós temos que correr. Por quê? Porque aqui, no passado, não se investia, o governo federal não investia em mobilidade urbana. No final do governo Lula nós começamos a fazer, e a partir daí nós continuamos fazendo. Já investimos uma parte expressiva em metrô, VLT e corredores, BRTs, e estamos com esse desafio enorme, que é garantir que a qualidade de vida das pessoas seja aprimorada com esses investimentos e estas obras.

Eu acho que também tem um investimento, aqui, muito expressivo, que é um centro de operações. Por que esse investimento é expressivo? E aí eu quero cumprimentar os sete municípios pela iniciativa de fazer um consórcio, um consórcio racionaliza um espaço em regiões que, na verdade, é difícil a gente saber onde acaba um município e onde começa o outro. Daí por que o Grana tem medo de financiar todo mundo. É uma brincadeira, Grana, senão seu secretário da Fazenda tem uma síncope ali, e como eu não quero ver um município sem secretário da Fazenda, estou adiantando que é uma brincadeira.

Mas voltando: é mais racional pensar áreas com essa característica de interligação, de interconexão, onde você não tem noção dos limites, é muito mais racional fazer obras conjuntas. Então, eu queria cumprimentar os prefeitos aqui, dizer que eles têm... hoje eles dão um padrão diferenciado para o conjunto do Brasil mostrando: sim, é possível ter um consórcio; sim, é possível que esse consórcio seja um fator de planejamento; e é possível que essa ação conjunta beneficie a todos.

Nós também estamos falando aqui de obras de infraestrutura, saneamento, água e esgoto, e 8.500 moradias do Minha Casa Minha Vida, que também é algo fundamental, porque aqui nós estamos numa região de contrastes, de contrastes. Porque aqui nós temos o maior IDH do mundo, que é São Caetano e, ao mesmo tempo, temos regiões que são regiões com grandes problemas. De fato, São Caetano tem o maior IDH, mas tem comunidades pobres também em outros municípios, como é o caso do Areião, aqui em São Bernardo, do Pintassilgo, em Santo André, e do Chafik/Macuco, em Mauá. Daí por que é importante esses investimentos também se darem nessas comunidades, que são as comunidades carentes do nosso país.

Além disso, eu queria dizer para vocês que nós temos certeza de que obras desse tipo, elas se completam com um conjunto de investimentos. Eu, em junho, fiz e propus cinco pactos, cinco pactos. Um deles é com a mobilidade urbana a que eu me referi aqui.

Esqueci de falar da contenção de encostas, que é muito importante e faz parte da questão da mobilidade urbana. Em cidades ambientadas, quando você tem problemas tanto de alagamento como de queda de barreiras e encostas, você tem problemas muito graves no município. Então, eu tratei da questão da mobilidade urbana.

Fiz um pacto também pela educação, e queria aproveitar e dizer para vocês que essa questão, no Brasil, é muito importante. Nós só seremos uma nação desenvolvida se nós utilizarmos os recursos finitos que nós temos, as riquezas finitas – por exemplo, os *royalties* do petróleo e do Fundo... e os recursos do Fundo Social do pré-sal –, usarmos na educação. Um país do porte do Brasil só se transforma em uma nação desenvolvida se investir em educação. E aí eu queria dizer que nós tivemos a sorte, o empenho, o trabalho para conseguir recursos para essa área. A sorte porque, em 2006, a Petrobras descobriu, lá no fundo do oceano, o pré-sal. E nós viemos nesse esforço imenso de descobrir recursos do petróleo, e isso mostra que nós temos que usar esses recursos e gastá-los naquilo que é permanente, que é a educação que cada um carrega. Então, o Congresso aprovou o projeto que nós enviamos, de destinar os *royalties* e metade do Fundo Social para a educação. Aprovou, e mais: destinou 75 [%] para a educação e 25 [%] para a saúde. Mas eu quero falar primeiro da educação.

Nós precisamos, para nos transformar em um país desenvolvido, gastar em quê? Nós temos que gastar em creche, para garantir que as crianças, no Brasil, partam das mesmas oportunidades. Não é só porque nós, mães, temos que trabalhar e temos que ter onde deixar nossos filhos, não é por isso, não. É que para as crianças mais pobres deste país ter acesso, até os três anos de idade, de estímulos adequados, contribui para desenvolver sua capacidade de conhecimento, a sua capacidade de percepção e a sua capacidade de aprendizado. Por isso que creche de qualidade é fundamental.

Temos que garantir que neste país, como um todo, até os oito anos de idade, as crianças se alfabetizem, as crianças tenham o que nós chamamos de alfabetização na idade certa, que elas saibam interpretar um texto simples, ler um texto simples, fazer as quatro operações. Se ela perde essa data, ela perde em capacidade de aprendizado ao longo da vida, e nós temos que assegurar que o nosso país não tenha os percentuais de crianças sem se alfabetizar na idade certa que nós temos, são dos mais elevados.

Nós precisamos de educação em dois turnos. E eu repito aqui o que eu sempre digo: educação em dois turnos, o segundo turno é para estudar português, matemática, uma língua e ciências. Pode fazer uma aula de artes e ter um período de futebol, ou de qualquer esporte, mas o segundo turno é para saber português e matemática. Sem isso, nenhum país, nenhum país, nenhum país deu o salto, deu o salto, se transformou em um país sustentavelmente desenvolvido. Por isso é muito importante aprovar esses recursos. Eu não vou continuar falando da necessidade do ensino técnico, da pós-graduação, de aumentar o número de universidades. Aqui, inclusive, nós temos uma das universidades que mais deu certo, criada em um período anterior ao meu governo, que é o período do Lula, a Universidade do ABC.

Mas eu quero dizer para vocês uma coisa: esses recursos vão ser importantíssimos, porque nós temos o quê? Que pagar bem o professor. Nós não conseguimos fazer alfabetização se a professora alfabetizadora não for bem paga. Os municípios, o estado e a União, para pagar bem professor, tem que ter dinheiro de algum lugar.

Então, o que é que o governo federal fez? Propôs que a parte dele – não conversou sobre a parte nem de município, nem de estado – a parte dele, dele, a parte do governo federal, dos *royalties* do pré-sal, aliás, do petróleo, que, para vocês terem uma ideia, já no ano que vem é R\$ 1,8 bilhão, e sucessivamente vai aumentando, chegando, por exemplo, em 2018, a R\$ 13 bilhões, essa parte do governo federal, que é só os *royalties* daquilo que já foi descoberto, daquilo que já está produzindo, sem contar com o que ainda vai ser descoberto e vai produzir, só a parte que nós temos absoluta certeza dela, ela monta a esses valores. Com isso, progressivamente, nós vamos melhorar e assegurar que seja possível dar educação de primeiro mundo para as nossas crianças e para os nossos jovens e para os nossos adultos, porque adulto também... a educação é algo que se faz ao longo da vida, sem cessar, adulto também tem direito a uma boa educação.

Eu queria explicar também para vocês – eu não vou falar de todos os pactos, senão a gente fica aqui muito tempo, mas eu vou falar, pelo menos, de mobilidade, educação e saúde. O pacto da Saúde é um pacto que visa a melhorar a saúde no Brasil, e isso nós pretendemos fazer aumentando os investimentos, até o final de [20]14, colocando mais R\$ 15 bilhões para postos de saúde, unidades de pronto atendimento e hospitais, e aumentando também o número de médicos formados no Brasil. Nós, até 2017, iremos formar mais 11 mil médicos e iremos aumentar em 12 mil as residências, naquilo que é mais importante no Brasil, que é pediatria, ginecologia, cardiologia, doenças do câncer e todas aquelas que são as mais necessárias para o país.

Ainda, nós também definimos uma política de assegurar que nos locais onde não tenham médicos, quais sejam, as periferias das grandes regiões metropolitanas, não os bairros centrais, mas os bairros periféricos, as regiões do interior deste país, notadamente a Amazônia, notadamente as regiões de fronteira, o Norte como um todo, o Nordeste e o interior do país, tenham acesso a médicos.

Nós vamos chamar em prioridade médicos brasileiros. O que é que é médico brasileiro? É médico formado no Brasil, porque tem médico nascido brasileiro que se formou fora do Brasil. Esses são considerados médicos estrangeiros, pelo diploma, não pela nacionalidade. Então, primeiro nós chamamos médicos brasileiros, eles escolhem para onde vão, se não se preencher todas as vagas, entram os médicos formados no exterior. Esses médicos formados no exterior, eles vão... Nós vamos dar todo o empenho para ter dois atos: primeiro, não sei se vocês sabem, mas tem 700 municípios no Brasil que não têm nenhum médico, nenhum. Então, nós iremos garantir que esses municípios tenham médicos, esses 700; e tem 1.900 que têm menos de um médico por cada três mil habitantes. Então, qual é a estratégia? Nós iremos também assegurar que nesse período, enquanto nós não formamos médicos em número suficiente, nós tenhamos acesso a médicos que venham do resto do mundo.

E é sempre bom lembrar que, progressivamente, nós temos tido, nós temos tido, no Brasil, um desafio, que é compatibilizar, nós temos que garantir que seja compatível a melhoria de vida da população, em termos de renda, de acesso ao emprego, com a qualidade dos serviços públicos. E eu estou falando aqui para prefeitos, prefeitos tanto de regiões populosas como de pequenos municípios. E nós sabemos como é difícil assegurar serviços públicos de qualidade sem recursos, para tudo tem que ter recursos.

Por isso que eu saúdo, mais uma vez, o fato de nós termos dado um grande passo, porque esse passo da educação não é só para a nossa geração. Esse passo da educação vai garantir dinheiro, pelo menos nos próximos 30, 40, 50 anos, para a educação do nosso país, o que é, talvez, a mais importante medida de todas, porque nós vamos assegurar sustentabilidade para o desenvolvimento do nosso país.

Finalmente, eu queria falar para os prefeitos aqui, das retroescavadeiras, agora, da motoniveladora e do caminhão-caçamba. Eu perguntei para vários prefeitos: quantos quilômetros de estradas de terra o senhor tem? E a resposta era: de 300 a 700. Então vejam vocês que essa medida da retroescavadeira, da motoniveladora e do caminhão-caçamba, ela tem um objetivo: é reconhecer que o Brasil profundo, o Brasil dos pequenos municípios, no nosso país, ele é essencial para a gente dar um passo, um salto, também no desenvolvimento. É por isso que nós temos olhado com interesse especial para esses pequenos municípios, para garantir a eles, primeiro, que eles tenham mais autonomia. Por isso que nós estamos fornecendo esse kit, é porque o prefeito, ele sabe o que ele tem que fazer, e é ele que vai, a partir daí, equacionar esse problema.

Segundo, eu queria dizer para os prefeitos que nós temos também consciência das dificuldades dos prefeitos com o custeio. Por isso que, no caso dos médicos, nós pagamos a bolsa, os R\$ 100 [10] mil da bolsa, mais a ajuda de custo da bolsa do médico. Então ele ganha R\$ 100 mil, aliás, R\$ 10 mil reais por mês, mais uma ajuda de custo para se implantar, quando ele não é da região, ele tem uma ajuda de custo, depende do lugar. Na Amazônia é mais, é uma ajuda maior, no Nordeste também, em outras regiões da periferia é um pouco menor, varia entre R\$ 20 mil e R\$ 30 mil.

Por isso que nós estamos fazendo isso, e quem paga é o Ministério da Saúde. Mas reconhecendo que há um problema premente de custeio, eu queria lembrar que nós estamos garantindo o compromisso que assumimos com os prefeitos de, agora, repassar R\$ 1,5 bilhão para custeio, e até abril repassar os outros R\$ 1,5 bilhão, totalizando R\$ 3 bilhões para custeio, aí é para todos os prefeitos, sem exceção.

E, finalizando, eu volto ao início, porque é sempre bom a gente voltar ao início. Eu vi que aqui o pessoal está comemorando muitos anos, muitos aniversários aqui, hoje. Eu estive dando uma entrevista e me disseram o seguinte: não só o que eu já sabia, que aqui vocês estão fazendo, em São Bernardo, 460 anos, mas que também a CUT faz 30, a CUT faz 30 e, de uma certa forma, a CUT nasceu aqui.

Então, eu queria finalizar... E outro prefeito me disse também que ele estava fazendo aniversário, só que eu não lembro qual prefeito. Ah, era um prefeito de um pequeno município, que me disse que ele ia fazer aniversário, ou que ele tinha feito. Não, não é a sua filha, não é a sua filha, é o prefeito. Ele está querendo, sempre, o Grana sempre quer alguma coisa para ele. Não é você, Grana, é um prefeito de uma pequena cidade disse para mim... É ele, não é? Nosso prefeito ali também merece um Feliz Aniversário.

Então, nós estamos fechando, prefeito, fala alto o seu município. Carapuí o seu, e o dele? Eu não escutei... Natividade da Serra. Está bom, então nós unimos os pequenos municípios com o grande ABC, ABCNRR, ABCDMRR, e fazemos um aniversário só. Parabéns para vocês.

Grana... Meu filho, liga... Olha, eu pensei que era brincadeira do Grana, que a filha dele não estava fazendo aniversário, mas já que é verdade, eu queria dar os parabéns a ela também.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de anúncio da seleção de obras do PAC Cidades Históricas
São João del-Rei-MG, 20 de agosto de 2013**

Boa tarde a todos. Boa tarde, boa tarde.

Eu queria cumprimentar aqui o vice-governador de Minas Gerais, Alberto Pinto Coelho.

Dirigir um cumprimento especial ao nosso professor Helvécio, prefeito de São João del-Rei, que nos comoveu com a sua fala. E à senhora Adriana Teixeira de Carvalho, por intermédio de quem eu cumprimento os prefeitos dos municípios selecionados para as obras do PAC Cidades Históricas.

Queria cumprimentar também os prefeitos mineiros aqui presentes. Os prefeitos da região Campos das Vertentes, prefeitos da região Centro-Oeste, prefeitos da região Zona da Mata, região Alto Paranaíba, Região Metropolitana. Queria cumprimentar os prefeitos do sul de Minas.

Cumprimentar também os ministros que me acompanham aqui nessa viagem. A ministra Marta Suplicy, da Cultura; o ministro, mineiro, Antônio Andrade, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; o ministro, mineiro, Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; a ministra Helena Chagas, da Secretaria de Comunicação Social.

Dirigir um cumprimento especial aos deputados federais aqui presentes: Domingos Sávio, Luciana Santos, Nilmário Miranda, Padre João, Reginaldo Lopes.

Dirigir um cumprimento aos deputados estaduais aqui presentes. Ulysses Gomes, Pompílio Canavez, Maria Tereza Lara.

Um cumprimento ao presidente da Câmara Municipal de São João del-Rei, vereador Antônio Carlos de Jesus Fuzatto.

Cumprimentar o prefeito de Belo Horizonte, o nosso prefeito Márcio Lacerda.

Cumprimentar a presidente da Associação dos Municípios da microrregião do Campo das Vertentes, prefeita Sinara Rafaela Campos.

Agradecer e cumprimentar a Jurema de Souza Machado, presidente do Iphan, que, junto com a ministra Marta, é responsável pelo bom, com a boa conclusão desse projeto.

Queria cumprimentar também o presidente do Ibram, Ângelo Oswaldo de Araújo Santos.

Cumprimentar a magnífica reitora da Universidade Federal de São João del-Rei, a professora Valéria Kemp.

Cumprimentar aqui as senhoras e os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Meus amigos e minhas amigas,

Este evento, para mim, é uma celebração à nossa cultura, à memória do nosso povo, e nela nós expressamos nossa deferência e admiração pela própria história de nosso país. O cenário não podia ser mais adequado para que nós fizéssemos isso. Afinal, São João del-Rei, cidade histórica da minha querida Minas Gerais, é um dos berços da nossa civilização, é terra de notáveis brasileiros e de brasileiras, como o presidente Tancredo

Neves, o escritor Lara Rezende e de duas grandes mulheres, a quem eu queria me referir aqui, homenageando todas as mulheres mineiras. Primeiro, uma beata, uma mulher santificada, que é Nhá Chica. Segundo, a heroína da Independência [Inconfidência], musa da Independência [Inconfidência], Bárbara Heliodora.

Por isso, eu fico e me sinto muito feliz de estar aqui hoje, nesta linda região do meu país, para colocar em prática o PAC das Cidades Históricas, que vai apoiar a restauração e a recuperação de prédios, de praças e espaços públicos de grande relevância histórica em todo o Brasil.

Eu queria dizer que eu estive aqui em São João del-Rei no primeiro ato da minha campanha presidencial. Naquele momento, eu prometi que o Brasil teria um PAC das Cidades Históricas e estou aqui para levar a cabo esse PAC das Cidades Históricas.

As cidades históricas do nosso país, as cidades históricas de Minas Gerais, os sítios históricos de Salvador, do Recife, do Rio, de Belém, de Manaus, de São Luís, de Penedo, em Alagoas, de Poá, para citar apenas alguns exemplos, e também esses sítios são uma espécie de ponto inaugural da nacionalidade brasileira.

Esses locais são a prova viva do ambiente em que se formou o nosso povo. Ainda vive e pulsa nessas cidades parte do cenário em que foi forjada a nossa identidade como povo e como nação, onde nós aprendemos o sentido da liberdade, o sentido do desenvolvimento, da soberania e da justiça social.

Nas ruas antigas das nossas cidades históricas, os monumentos, as igrejas são locais por onde passaram os fundadores e onde está a origem mesma, o cerne da nossa nacionalidade. Conhecer, respeitar e preservar esse passado é requisito para construirmos nosso futuro como nação democrática, como nação civilizada, como nação capaz de se erguer sobre os seus próprios pés e construir o seu destino histórico.

Nós precisamos investir na preservação de nossas cidades históricas, porque fazendo isso nós estamos investindo em nós mesmos. Ao fazer isso, nós garantimos que elas possam enfrentar, que elas possam enfrentar, altivas e íntegras, o desafio da passagem “dilapidadora” [dilapidadora] dos ventos. Desculpe, dilapidadora dos ventos.

Faremos isso com o PAC Cidades Históricas. Nós vamos investir R\$ 1,6 bilhão para apoiar obras em 44 cidades de 20 estados ao longo de três anos. Em parceria com os municípios aqui presentes nós identificamos 425 imóveis, 425 imóveis e espaços públicos que vão receber investimentos. Haverá também uma linha de financiamento para a recuperação e preservação de imóveis privados em centros históricos. Sabemos que a beleza e a riqueza dos bens públicos são ampliadas se a totalidade do sítio histórico for preservada. Daí porque junto com a preservação dos bens públicos criaremos essa linha de financiamento para a recuperação de patrimônio privado de grande relevância cultural e histórica.

Nós, eu tenho certeza, nessa parceria com os senhores prefeitos, vamos agir rápido, pois 110 [119], 119, me desculpa, das obras públicas, podem ser licitadas já. E isso nós sabemos que é muito relevante. Nós sabemos a dificuldade quando não se tem projetos para realizar licitações, para colocar as obras em andamento, e finalmente, para concluí-las. Por isso, eu saúdo o fato dessas 119 obras públicas terem projetos e poderem ser imediatamente licitadas.

Eu queria citar entre elas - e peço perdão antecipado - 13 que são emblemáticas – peço perdão para não estar todas elas -, mas 13 eu gostaria de citar porque elas são emblemáticas e elas terão início rápido. Primeiro, eu cito o Palácio Gustavo Capanema, o Museu da República, o Jardim Histórico, o Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro; a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, de Antonio Dias, em Ouro Preto; o Mercado Público Municipal, lá no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre; a Catedral Basílica e a Igreja do Santíssimo Sacramento, da Rua do Passo, em Salvador; o Mosteiro de São Bento, em Olinda; o Mercado do Peixe, Ver-o-Peso, em Belém; o Complexo Ferroviário de Paranapiacaba, em Santo André; a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Purificação, em Santo Amaro; a Fortaleza Nossa Senhora dos Remédios, em Fernando de Noronha; o Forte dos Reis Magos, em Natal, para citar apenas alguns, e vocês vejam que eu não citei aqui de São João del-Rei porque eu farei uma apresentação especial sobre ela.

Esse é o maior e mais abrangente programa de preservação cultural já realizado no Brasil. Nós – municípios, governo federal – estamos unidos na realização, e a presença dos 44 municípios com essas obras demonstra a consciência da importância que, para todos nós – lá do Amazonas, lá do Pará, até o Rio Grande do Sul – damos a esses empreendimentos.

Eu queria dizer, meus amigos e minhas amigas, que as cidades históricas do Brasil e as cidades históricas de Minas, elas ecoam parte daquilo que é significativo na formação e na fundação da nossa cultura. Cada seixo, cada pedra capistrana das ruas mais antigas destas cidades é um relicário do que fizemos ao longo da nossa história. Nos honra, nos identifica, e a sua preservação será a maior homenagem possível àqueles que construíram a nossa nação.

Aqui em São João del-Rei o PAC Cidades Históricas vai patrocinar obras de recuperação e preservação em 15 monumentos históricos. Serão R\$ 41 milhões em investimentos para restaurar a Catedral Basílica Nossa Senhora do Pilar. Outras seis igrejas históricas - porque se esta é a cidade dos sinos, ela também é a cidade das igrejas -, e essas seis igrejas históricas serão recuperadas. O casarão de Bárbara Heliodora, as fontes de pedra da Cadeia e do Rosário, para citar apenas alguns. Apoiaremos também a restauração do complexo ferroviário que reúne um extraordinário acervo de locomotivas a vapor. Elas foram usadas na velha estrada de ferro Oeste de Minas, inaugurada pessoalmente pelo imperador D. Pedro II e estão inteiras até hoje.

Eu sou mineira e sei que o amor do povo de Minas e, sobretudo, do povo dessa região, por seu passado e por sua história, se reflete no carinho com que foram preservados esses nossos trens, os chamados trens dos mineiros. O Museu Ferroviário de São João del-Rei é uma das mais belas e românticas atrações culturais e turísticas do Brasil. Além de São João del-Rei, outros sete municípios mineiros receberão R\$ 216 milhões em investimento do PAC Cidades Históricas. Parte importante desse recurso será dedicada ao patrimônio cultural e religioso mineiro que tanto distingue nossas cidades históricas.

E aqui eu queria dizer para vocês que foi a intensa fusão, aliás, foi aquela fortíssima fusão entre a religiosidade em Minas Gerais e a riqueza gerada pelo ciclo do ouro que ganhou dimensão, nascendo aqui o estilo barroco característico do chamado barroco mineiro. Foi em Minas que nós tivemos dois grandes artistas: Aleijadinho e o Mestre Ataíde.

Vamos restaurar, por exemplo, a Basílica e o Adro dos profetas da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim de Matozinhos [Senhor do Bom Jesus de Matozinhos], em Congonhas; a Catedral da Sé, em Mariana; a Igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto; a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Diamantina; a Igreja de Santa Rita, no Serro; e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Sabará. Muitas outras igrejas e capelas serão restauradas nas cidades históricas mais importantes do Brasil.

E aqui eu queria fazer um agradecimento público a uma mineira, à nossa querida Angela Gutierrez, pela contribuição que ela vai dar à preservação do barroco, criando o maior acervo de Sant'Ana aqui em Minas Gerais. Parabéns, Angela.

São muitas obras em muitas cidades, escolhidas todas com um único propósito: preservar a riqueza histórica e, com ela, gerar mais riqueza para o nosso povo. Eu não tenho dúvida de que as nossas cidades históricas, todas elas, cada uma delas, são uma extraordinária afirmação do Brasil, são uma extraordinária autoafirmação do povo brasileiro, chamariz para o turismo, chamariz para viagens culturais, gerando emprego, gerando renda para a população e receitas para os municípios.

Senhoras e senhores,

Nós, de fato, aprendemos muito com a primeira versão do PAC Cidades Históricas, lançado em 2009 pelo presidente Lula, lá em Ouro Preto. Por isso, nessa nova versão, nós fizemos uma grande melhoria. Nesta seleção que anunciamos hoje passamos a garantir a esses investimentos os requisitos que se garantem às demais obras do PAC. Recursos não serão contingenciados, processos licitatórios seguem regras especiais e os municípios disporão de procedimentos mais simplificados para acessar os recursos.

Nós estamos certos que não faltará trabalho, nem faltará empenho dos municípios e do Iphan. E não faltarão recursos. E eu tenho certeza que os prefeitos dessas 44 cidades históricas vão ficar conhecidos pelo fato de darem um grande passo na preservação do patrimônio público no nosso país. Com o PAC Cidades Históricas nós vamos cumprir mais um compromisso com o Brasil. E esse compromisso é um compromisso, como eu disse, pela nossa autoafirmação.

Eu não podia encerrar sem dar uma palavra aos prefeitos aqui de Minas Gerais. Minas Gerais é um estado onde há muitos municípios. O estado com o maior número de municípios no Brasil. E desses municípios, a grande maioria é de até 50 mil habitantes. Então eu queria lembrar três coisas. Primeira questão: é o kit que nós estamos fazendo com todos os municípios de até 50 mil habitantes, de doar um caminhão-caçamba, uma motoniveladora e uma retroescavadeira. Dois: o fato que nesse mês ainda estarão liberados os recursos que nós destinamos aos prefeitos para contribuir e apoiar o pagamento do custeio de várias atividades que os senhores assumem. Que é [R\$] 1,5 bilhão agora em agosto e mais [R\$] 1,5 bilhão em abril. E, finalmente, eu queria lembrar algo que tem muito a ver com o PAC Cidades Históricas e com prefeitos, governadores e Presidenta da República, que é a destinação que nós aprovamos agora no Congresso dos *royalties* do petróleo. Parte do governo federal e dos 50% do Fundo Social do petróleo do pré-sal para educação. Por que eu digo isso? Um país que honra seu patrimônio, que honra a recuperação das suas cidades históricas, dos seus monumentos, da sua própria história e da sua memória é um país também que contribui para a civilização e para a educação. Nós temos um longo caminho a percorrer para assegurar

que o nosso país tenha educação de primeiro mundo. Nós sabemos que precisamos de creches para atacar na raiz a desigualdade, e precisamos alfabetizar crianças na idade certa. Porque as crianças que se alfabetizam até os oito anos têm melhores condições de prosseguir no futuro do seu aprendizado. Nós temos que garantir educação em dois turnos, garantir que as crianças aprendam português, matemática, ciência e uma língua no segundo turno também. E para isso precisamos de professores qualificados, valorizados e bem remunerados.

Sem recursos financeiros não se faz isso e nós conseguimos dar esse passo, e esse passo é um passo extremamente significativo. Um país que zela por sua educação, que zela por sua cultura é um país civilizado. Civilização é, sobretudo, ter condições. Sem sombra de dúvidas, é muito importante assegurar os outros serviços públicos. Mas hoje nós estamos aqui em um momento especial, nós estamos falando de cultura e também temos que falar de educação. Não existe uma coisa sem a outra. Para usufruir o PAC Cidades Históricas nós temos que garantir o acesso à educação de alta qualidade, aos nossos brasileirinhos e brasileirinhas e aos jovens brasileiros e brasileiras.

Muito obrigada a todos.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de celebração de um milhão de contratos do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES)
São Paulo-SP, 22 de agosto de 2013**

Eu quero, inicialmente, cumprimentar a Débora Regina Martins Pedaci, a Carolina Rocha Valeska e o Eliseu Aparecido Neto, por meio dos quais eu cumprimento todos os alunos beneficiários do Fies, um milhão de alunos, que é mais um pouco que um milhão já, hoje, porque todo dia cresce um pouco.

Queria cumprimentar o vice-presidente da República, Michel Temer,

O ministro da Educação, Aloizio Mercadante,

Queria dirigir um cumprimento todo especial ao ex-ministro Fernando Haddad, ex-ministro da Educação, e hoje prefeito de São Paulo, que foi um dos artífices desses programas que nós hoje comemoramos. Concebeu, ajudou a conceber, lutou por eles, e nós temos muito orgulho – viu, Fernando? – de tudo que você fez ao longo da sua gestão dentro do Ministério da Educação.

Queria cumprimentar o secretário de Gestão Estratégica do estado de São Paulo, que nos honra com a sua presença, representando aqui o governador Geraldo Alckmin. Cumprimentar o secretário João Carlos Meireles.

Cumprimentar o nosso senador Antônio Carlos Rodrigues aqui presente,

Os deputados federais, o líder do governo na Câmara, Arlindo Chinaglia, o Dr. Ubiali, a Iara Bernardi, o José Mentor, o Newton Lima e o Vanderlei Siraque.

Queria também cumprimentar a vice-prefeita, nossa querida Nádia Campeão, vice-prefeita de São Paulo,

Queria cumprimentar o vereador José Américo, presidente da Câmara Municipal de São Paulo,

Cumprimentar o presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo e do Sistema Sesc-Senac, Abram Szajman,

Cumprimentar o Danilo Santos de Miranda, diretor regional do Sesc São Paulo,
Cumprimentar os parceiros do Fies: o presidente do Banco do Brasil, Aldemir Bendine; e presidente da Caixa, o Jorge Hereda.

Cumprimentar as minhas queridas Virgínia Gomes de Barros e Silva, presidente da UNE e agradecer a bandeira cor-de-rosa, ela nos honra a todas nós, mulheres. Cumprimentar a presidente da União Estadual dos Estudantes de São Paulo, a UEE-SP, que é de São Paulo, Karina Vitral Costa.

Cumprimentar meu caro Maurício Camargo Lima, ex-jogador de vôlei,
Cumprimentar também as senhoras e os senhores reitores, diretores, professores, dirigentes de entidades mantenedoras do ensino privado e público aqui de São Paulo e do Brasil.

Cumprimentar os senhores fotógrafos, os senhores cinegrafistas e cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas. ... Eu sempre cumprimento vocês, pode esperar que sempre eu cumprimento.

Olha, eu acredito que tem um certo tipo de cerimônia que deixa todos aqueles que comparecem a ela muito felizes. E esta cerimônia é uma dessas porque ela liga a experiência de vida das pessoas, o desejo e o sonho das pessoas a uma questão central para o nosso país que é a educação. E todos nós nos comovemos ao ver caminhos e trajetórias extremamente bem sucedidas e pessoas que não perderam a capacidade de querer, de fazer e de acontecer. Eu queria homenagear aqui o fato de uma pessoa de 51 anos que, eu acredito... Você podia levantar? Podia dizer para todo mundo seu nome? Oh, o nome dele é Eliseu, vocês não escutaram, mas, Eliseu. O Eliseu, ele chega a esse momento da vida dele em que ele trabalhou, já construiu a família, e volta a estudar, está fazendo, é o nosso milionésimo, junto com aquela jovem, é o nosso milionésimo estudante, o Eliseu. E ele volta a estudar aos 51 anos de idade, se matricula em Geografia. Isso é muito importante como símbolo, os jovens e os adultos desse país têm direito ao estudo. Obrigada, Eliseu.

Comove a cada um de nós essa capacidade de conquistar. E conquistar é fundamental para todos nós, seres humanos, e nós precisamos de oportunidades para que isso ocorra. E como nós comemoramos o milionésimo brasileiro e brasileira que recebem financiamento do Fies para pagar sua faculdade, nós estamos afirmando aqui que o nosso país tem, dentro da sua população, tem dentro de cada um de nós, o desejo de melhorar e de contribuir com as nossas vidas para que nosso país se desenvolva e cresça. Até a manhã de hoje, quando eu recebi a última informação, nós já tínhamos além do um milhão, mais 33 mil, porque cresce a cada dia. E isso é muito importante, por quê? Ao perceber que cresce a cada dia, nós estamos vendo que aquela frustração de muitas pessoas que tinham um sonho, que era cursar uma universidade, ela... Essa frustração está sendo superada e as pessoas estão buscando e tendo a oportunidade de conseguir, com isso, uma situação muito melhor no mercado de trabalho. Mas não é só uma situação melhor de emprego, é também uma parte da realização de cada um de nós, quando a gente olha para as nossas vidas. Esta é uma das características mais importantes de buscar o conhecimento: é buscar também a realização.

Nós sabemos que, além disso, diploma de curso superior melhora as condições de disputa no mercado de trabalho, melhora para a pessoa e para o país, porque nós

precisamos, cada vez mais, agregar valor de qualidade aos nossos produtos, precisamos, cada vez mais, oferecer aos nossos jovens, aos nossos adultos, oportunidade de trabalho qualificado.

E é interessante o seguinte: a renda de quem possui diploma universitário é quatro vezes maior que a renda da população que não possui diploma universitário. Das dez cidades com maior proporção... as dez cidades com maior proporção de universitários são também aquelas cidades que têm o maior IDH, o maior Índice de Desenvolvimento Humano.

Esses dados, de uma certa forma, confirmam o instinto, a sabedoria de nossos pais, que sempre diziam que era necessário, para eles não é deixar grandes legados para os seus filhos, mas dar uma educação, obter um diploma e dar o caminho da vida. Esse instinto é um instinto da sabedoria popular, característica também do nosso país. E até há pouco tempo atrás este sonho era difícil, as pessoas não conseguiam sonhá-lo vivendo acordados. Hoje, nós demos passos significativos, ao aumentar a soma de oportunidades, tanto na escola pública quanto nas escolas privadas, para o acesso à educação. E aí o ProUni e o Fies, como muito bem disse a nossa presidente da UNE, são as duas faces de uma moeda, completam todo um esforço que nós fizemos para ampliar as universidades, interiorizá-las, levá-las às diferentes regiões do nosso país.

E eu queria dizer para vocês que esse é um processo que deve nos orgulhar muito, porque o Brasil avançou nessa direção. Nós temos muito o que avançar. E aí eu queria, de fato, enfatizar uma coisa que aconteceu na semana passada, que foi a aprovação pelo Congresso Nacional de uma lei que aplica, obrigatoriamente, os recursos do petróleo, uma grande parte deles, na educação. Essa lei destinou 75% dos *royalties* do petróleo e a metade do Fundo Social, provenientes da exploração do pré-sal, para a educação. É uma vitória, é uma vitória histórica da educação brasileira, e é uma vitória que nós comemoramos hoje, mas ela é uma vitória que vai durar em torno de 50 anos, de 50 anos.

Essa é uma vitória que interessa a cada um de nós brasileiros. Assim como o Fies é também uma vitória – porque com o Fies nós podemos dizer o seguinte: dadas as universidades privadas, quem quiser estudar tem acesso e tem condições de estudar. Se for professor, estudar pedagogia ou medicina, tem condições, ao participar dos serviços públicos do SUS, o Sistema Único de Saúde, ou do processo de educação do povo brasileiro, tem condição de não pagar por esses recursos que tomou emprestado através do Fies.

Além disso, tem um tempo razoável, para pagar com seu próprio trabalho, ao longo do dobro mais um ano, tem condição de pagar esse recurso. Mas voltando ao que foi aprovado no Congresso: Para vocês terem uma ideia da importância dessa aprovação, quando eu disse que a gente comemora hoje e isto, é uma vitória que vai durar ao longo dos próximos 50 anos, e para vocês terem uma ideia do tamanho e a importância disso, só com a parte dos *royalties* do petróleo, sem contar, portanto, os recursos do Fundo Social, nós já vamos ter quase R\$ 2 bilhões a mais no orçamento do ano que vem para educação. E esse valor - estou falando só a parte dos *royalties*, que são a parte equivalente ao governo federal – e esse valor só vai crescer. Em 2015, portanto, daqui a dois anos, serão R\$ 3 bilhões. Em 2016, serão R\$ 6 bilhões. E em [20]20, nós

chegaremos a R\$ 20 bilhões, totalizando R\$112 bilhões a mais só nos próximos anos, e isso é muito significativo para o Brasil.

No que se refere à produção do pré-sal, os recursos serão ainda mais expressivos que esses. O volume chega no campo, em relação ao Campo de Libra, a ter uma variação, ele pode... Os limites, para vocês terem uma ideia, em 35 anos, estão entre R\$ 360 bilhões e R\$ 736 bilhões, em 35 anos.

Então, nós estamos falando de recursos significativos para a educação brasileira. E por que é que isso é importante? Vindo da pós-graduação para a creche, é importante porque nós temos que ser capazes de colocar os nossos estudantes brasileiros nas melhores universidades do mundo para fazer curso de pós-graduação, para fazer curso de especialização, para fazer estágios, e para ter acesso a tudo o que há de mais avançado, em matéria de educação, em vários ramos do conhecimento. Porque nós precisamos, como mostrou o ministro Mercadante, ampliar o acesso dos brasileiros aos cursos universitários de qualidade, sejam privados, sejam públicos, porque sem essas condições nós não seremos capazes de criar uma base científica e tecnológica e, de fato, avançar no rumo da economia do conhecimento e também no rumo da geração de inovação incorporadas às atividades econômicas no nosso país.

Nós precisamos também de ensino técnico de alta qualidade, um ensino técnico de alta qualidade formando tecnólogos e formando, também, na escola de nível médio, ensino profissionalizante associado. Sabemos que é muito importante, por exemplo, hoje, o Pronatec, como oportunidade para jovens do ensino médio, trabalhadores que têm que se recapacitar para também, como caminho de sustentação da renda para aqueles que recebem o Bolsa Família. Só para vocês terem uma ideia, no Pronatec Bolsa Família nós estamos formando um milhão, um milhão de brasileiros e brasileiras que estão neste caminho, saindo da miséria.

Continuando o nosso percurso, da pós-graduação para a creche: este país, para se tornar uma grande nação, terá que ter ensino em tempo integral, em dois turnos. Isso é essencial para mudar o padrão educacional no nosso país. Esse ensino em dois turnos, não é para a gente completar os dois turnos com atividades esportivas apenas, apesar das atividades esportivas serem essenciais, nem só com atividades artísticas. As crianças e os jovens terão que estudar, no segundo turno, Português, Matemática, Ciências e, necessariamente, uma língua. Nós precisamos disso para dar base para o Brasil se transformar em uma grande nação que trilha o caminho do conhecimento. Precisamos valorizar o professor alfabetizador e alfabetizar as nossas crianças na idade certa. Até os oito anos tem que saber ler um texto simples, interpretá-lo, fazer as quatro operações. E isso é crucial para o desenvolvimento de toda a sua capacidade na sequência. Para atacar desde cedo a raiz da desigualdade e a diferença de oportunidades, nós temos que dar oportunidades para os brasileirinhos e para as brasileirinhas das creches. Nós sabemos que de zero a três e, obviamente, na sequência, até os seis anos, as crianças definem a sua capacidade de aprendizado. Para nós mulheres, mães, é muito importante que as crianças possam ter acesso à creche. Mas é para as crianças que é mais importante do que para nós mães. Porque a criança, quando ela tem acesso a certos estímulos desde cedo, ela tem necessariamente um caminho de desenvolvimento muito mais acelerado.

Por tudo isso, eu quero dizer para vocês que foi muito importante essa aprovação. E vejam vocês, que, no caso da educação, é como em todas as áreas. Faz diferença às pessoas. E aí eu queria falar dos professores. Nós precisamos desses recursos para pagar professores, para transformar essa profissão em uma das profissões que terão *status* no Brasil. Nós temos que dar *status* ao professor, o professor tem que ser reconhecido. *Status* se reconhece com o quê? Com boa remuneração. Eu sei perfeitamente porque eu sou presidenta do país, mas sei também pelos seus governadores, seus prefeitos, que era preciso, era necessário para mudar a realidade, que nós tivéssemos mais recursos do que temos. E isso eu acho que foi conseguido nessa aprovação no Congresso. É um momento de celebração, como é um momento de celebração com esse um milhão, um pouco mais de um milhão já, mas esse um milhão de matrículas do Fies. Acho que também isso expressa o fato de que nós temos que usar de todos os instrumentos que tivermos para que o Brasil dê esse salto fundamental, que é um salto nessa área que transformará o Brasil, sim, aí, em uma grande potência. Muito obrigada.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na sessão solene do Congresso Nacional para entrega do Relatório Final da CPMI da Violência contra a Mulher
Senado Federal – Brasília-DF, 27 de agosto de 2013

Eu queria cumprimentar o senador Renan Calheiros, presidente do Congresso Nacional, e o deputado Henrique Eduardo Alves, presidente da Câmara dos Deputados.

Queria cumprimentar os senhores deputados e as senhoras deputadas, e dizer que, para mim, é uma grande honra estar aqui presente na 18ª sessão conjunta do Congresso Nacional sobre uma das questões extremamente relevantes para a democracia e para a cultura, para a educação, para a civilidade no nosso país, que é a questão da violência contra a mulher.

Cumprimento também aqui as senhoras e os senhores ministros de Estado que me acompanham nesta cerimônia, cumprimentando primeiro a ministra Eleonora Menicucci, da Secretaria de Políticas para as Mulheres.

Cumprimento a ministra da Cultura, Marta Suplicy, a senadora Marta Suplicy.

Cumprimento a Tereza Campello, ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Cumprimento a ministro do Planejamento, Miriam Belchior.

Cumprimento a ministra da Secretaria de Relações Institucionais, Ideli Salvatti.

A ministra Luiza Bairros, da Secretaria de Políticas e Promoção da Igualdade Racial.

A ministra, deputada Maria do Rosário, Secretária... secretária dos Direitos Humanos.

Cumprimento também os ministros aqui presentes: Aloizio Mercadante, da Educação; Garibaldi Alves, senador, da Previdência Social; ministro Gastão Vieira, deputado, ministro do Turismo; o advogado-geral da União, Luís Inácio Adams.

Saúdo a deputada Jô Moraes, presidente da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência contra a Mulher, e saúdo a senadora Ana Rita, relatora da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Violência contra a Mulher.

Queria também saudar a senadora Vanessa Grazziotin, procuradora especial da mulher no Senado Federal, e a deputada Elcione Barbalho, procuradora da mulher na Câmara dos Deputados.

A essas quatro deputadas e senadoras eu queria manifestar o grande orgulho que nós, mulheres, temos do desempenho delas à frente dessa Comissão. Orgulho pelo fato de que mulheres combatentes mudam o mundo, mas orgulho também pelo fato de que nós amadurecemos para chegar ao ponto de sermos capazes de termos propostas, avaliações e análises muito fundamentadas.

Queria cumprimentar também cada um dos senadores e deputados federais aqui presentes.

Cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, as senhoras e os senhores fotógrafos e cinegrafistas.

Repito que para mim é uma honra estar na 18ª sessão conjunta sobre uma questão tão relevante para a construção de um Brasil civilizado e desenvolvido. A violência, nós sabemos, é um mal que a sociedade precisa combater cotidianamente em todas as áreas em que ela se manifesta. Ela é um mal porque ela tem a capacidade de comprometer, de contaminar as relações entre as pessoas. E nós sabemos que uma das coisas mais importantes, que nos interessa centralmente - nós, os poderes constituídos do país - se trata da relação que nós podemos criar dentro do nosso país; relações civilizadas, não violentas e respeitadas entre as pessoas.

Nós devemos ser intransigentes e obstinados no enfrentamento de qualquer forma de violência. E devemos reconhecer que há formas de violência que são mais abjetas porque são mais destrutivas que as outras, entre essas, sem dúvida nenhuma, a violência contra a mulher é uma delas. Porque faz da mulher vítima do crime pelo simples fato de ela ser mulher, mas também, porque contamina a relação familiar e institui dentro das relações familiares uma vez que a violência contra a mulher, principalmente, vem de parte daqueles que lhes são mais próximos e institui uma relação que é muito pouco educativa e não se constitui em paradigma de comportamentos que sejam adequados a um país que nós queremos: democrático, desenvolvido, respeitador dos direitos humanos.

Esse é um crime – o crime contra a mulher – que deve envergonhar tanto os homens quanto as mulheres. Seu enfrentamento é uma luta de todos nós, das mulheres, sobretudo, mas também dos homens. Porque essa é uma luta que une famílias, gerações e que deve mover governo e sociedade. Tolerância zero com a violência contra a mulher é o compromisso básico de qualquer sociedade, e nós devemos almejar isso para o Brasil. Esse é um padrão de comportamento e de atitude que nos honra como brasileiros.

É isso que lutamos e é para isso que nós estamos hoje aqui nesta 18ª sessão conjunta do Congresso, da Câmara e do Senado, portanto, do Congresso, e isso mostra também uma grande evolução de todos nós.

Eu queria, mais uma vez, reiterar meus imensos agradecimentos, meus cumprimentos pela qualidade que hoje eu assisto aqui, pela qualidade dos relatórios, pela qualidade das atitudes e, sobretudo, por essa ação conjunta de mulheres e de homens.

As mais de mil páginas deste Relatório, fruto de 18 meses de trabalho do Congresso Nacional, elas contam histórias trágicas, que devemos repudiar, que nos emocionam, que

nos afetam e que têm de nos levar a agir com toda nossa determinação para que elas não se repitam, coibi-las.

Trazem também um diagnóstico e um elenco de propostas, o que é muito importante, trazem propostas para os próximos passos que devemos dar para que as mulheres brasileiras vítimas de violência encontrem, na estrutura do Estado, o apoio e a proteção que precisam e que merecem.

Admiro, respeito as mulheres que foram as líderes na elaboração deste Relatório, deputadas e senadoras. Assumo com todos vocês, desde já, o compromisso de utilizar os subsídios concretos contidos neste Relatório para aprimorar políticas que temos implementado e para combater, de forma efetiva, a violência contra as mulheres.

Reitero a disposição do meu governo em atuar junto com todos os poderes da República, com todas as demais instâncias da Federação, com todos os movimentos sociais para o aprimoramento da legislação no fortalecimento do aparato de repressão à violência contra a mulher, na ampliação e na humanização da estrutura de acolhimento, na estrutura de proteção à mulher vítima da violência.

Nós sabemos que acolher e proteger são um dos maiores mecanismos do Estado brasileiro – e aí eu estou falando Estado no sentido de Executivo, do Congresso e também do Judiciário –, são um dos maiores mecanismos de luta contra a violência porque o acolhimento e a proteção significam algo fundamental que é o amparo à vítima da violência, é reconhecer a vítima como vítima e não olhar a vítima como suspeita, como aconteceu durante muito tempo em nosso país.

Agora, nós também devemos reconhecer que é certo que o Brasil avançou muito na luta contra todos os tipos de violência contra a mulher, avançou muito, mas ainda há muito que fazer.

Eu queria destacar a importância fundamental da Lei Maria da Penha, cujo sétimo ano de vigência nós celebramos hoje. A Lei Maria da Penha, sem dúvida, senhoras e senhores deputados e senadores, um marco nessa trajetória de luta contra a violência contra a mulher, é fruto de uma longa luta e é fruto de uma luta levada a cabo por mulheres no cotidiano do nosso país e, por isso, essa lei criou bases para penalizar os agressores e permitiu que crimes contra a mulher passassem a ser tratados como crimes, e não mais pudessem estar abrigados sob a vergonhosa alcunha de crimes de amor.

A Central de Atendimento à Mulher, o Ligue 180, e a ampla rede de serviços de atendimento às mulheres em situação de violência são duas outras conquistas construídas nesses sete meses... nesses últimos sete anos. Nesse período, o Ligue 180 realizou 3 milhões e 300 mil atendimentos, inclusive para brasileiras residentes no exterior.

A rede de proteção do Estado brasileiro à mulher conta hoje com 1.200 serviços, entre eles as delegacias da mulher, juizados, varas e promotorias e defensorias especializadas no atendimento à mulher e casas de abrigo.

Eu lembro da primeira Delegacia da Mulher criada no Brasil, e hoje nós contamos com um serviço em rede bastante efetivo, com a participação também do Executivo... dos estados, dos municípios e também dos órgãos do Judiciário.

Também gostaria de destacar o atendimento das mulheres, o atendimento e também as consultorias dadas às mulheres e as casas de abrigo. Em março deste ano nós lançamos

um programa chamado “Mulher – Viver sem Violência”. Esse programa, ele é centrado na criação da Casa da Mulher Brasileira. A importância desse programa é perceber que essa articulação entre todas as esferas, juizados de menores, todas as esferas sem exceção, permite uma ação muito mais efetiva, muito mais concreta. Nós pretendemos construir 27 Casas da Mulher em cada uma das unidades da federação. E temos a ambição de chegar a inaugurar algumas dessas casas no dia 8 de março do ano que vem. É uma meta da ministra Eleonora e com isso nós queremos implantar, de fato, essa articulação que vai dar um salto na forma pela qual nós enfrentamos a violência contra a mulher. Porque nós concentramos num espaço único todos os serviços para acolher, proteger, acolher comunidade, proteger com eficiência a mulher vítima da violência.

Com esse programa que passa e que tem... aliás que passa, não, que tem a contribuição, a parceria do Judiciário e dos governos estaduais e municipais, nós vamos aumentar nossa capacidade de coerção, nossa capacidade de repressão e de cumprimento da lei no que se refere à proteção da mulher e o combate à violência.

Nós acreditamos que a atenção integral à mulher vítima de violência requer que o estado, o estado brasileiro, coíba a agressão e puna de forma clara o agressor. Que não haja impunidade. A condição para que nós tenhamos eficácia no combate à violência é: não à impunidade. Uma coisa e outra são irmãs siamesas; sem impunidade diminui a violência. Esse é um dos objetivos centrais da Casa da Mulher. É isso que nós queremos que ocorra lá, que haja, de fato, o acolhimento e o efetivo combate a cada uma das formas de violência que atinge a mulher. Requer também que a mulher vítima de violência, ela disponha de orientação, formação e acesso a todas as formas de políticas e a todas as informações que lhe permitam construir também uma nova etapa na sua vida, sem medo e com autonomia e direitos.

A certeza de que nós precisamos dispor de muitas e boas políticas em favor das mulheres tem orientado o meu governo e também o governo do presidente Lula desde 2003. Nós, porque reconhecemos o papel crescente das mulheres como chefes de família e responsáveis pela formação de nossas crianças, de nossos jovens, nós, porque reconhecemos isso é que as tornamos titulares preferenciais de dois programas. Um, o Bolsa Família, pela importância que a mulher tem na estruturação da família, e outro, o Minha Casa Minha Vida, pelo fato de que a casa é um espaço privilegiado de construção das relações familiares, das relações intergeracionais e, sobretudo, da proteção da criança, porque uma família protegida da violência protege a sua criança.

Também foi por termos certeza que atenção de qualidade à saúde da mulher é fundamental que implementamos programas de prevenção e tratamento ao câncer de mama e câncer de colo de útero, os dois cânceres que mais atingem o maior número de mulheres.

E também nós criamos uma outra afirmação... aí, uma afirmação em relação à vida, porque a Jô tem razão. Tem várias palavras femininas, Jô, mas a palavra mais forte é vida, a vida é feminina, e aí a Rede Cegonha tem esse papel, o papel de assegurar que essa vida feminina seja protegida como forma de assistência integral à saúde da mulher, à saúde da mulher e, portanto, também à da criança.

Essa é uma das questões que eu acredito que implicará, necessariamente, numa maior evolução do nosso país, e o Mais Médicos vai estar focado nesse objetivo. O que é

atenção básica, senão essa atenção à vida também, e aí não é doença, é a proteção à saúde, é diferente.

Sabendo também que o cuidado dos filhos não pode ser uma restrição a trabalho, nós estamos ampliando significativamente a oferta de vagas em creches e pré-escolas, mas aí também é um duplo sentido a favor da mulher. Primeiro é por isso, por local de trabalho, mas, em segundo lugar, é porque a nós, mulheres, interessa a raiz da desigualdade, a raiz da desigualdade que compromete, desde a mais tenra idade, as oportunidades de cada uma das crianças, dos brasileirinhos e das brasileirinhas.

Então, o fato de você ter creche e ter uma política em que você pretende dar igualdade de oportunidade às crianças, que nós sabemos, que adquirem as suas capacidades cognitivas de aprendizado justamente nessa fase, permite que nós também construamos sociedades muito mais democráticas, sociedades, de fato, desenvolvidas.

Nós também estamos investindo na educação em tempo integral, na educação em dois turnos, porque isso também modifica as condições de oportunidades, de acesso ao conhecimento que é a base, a fundamental base da sociedade do futuro, e será também a base pela qual as sociedades vão se organizar.

Eu falo desses exemplos de políticas em favor de mulheres, de todas as mulheres, para reafirmar que meu governo é defensor intransigente da igualdade de direitos entre homens e mulheres. Mais que uma bandeira, essa igualdade é uma necessidade estratégica do país, e ela honra homens e mulheres, ela honra e ela cria entre as nossas relações interpessoais no Brasil um padrão de qualidade, um padrão de civilidade que só pode ser compatível com um país que tem intrinsecamente dentro da sua formação essa diversidade de etnias, essa diversidade cultural. E também tem essa capacidade de viver com a diferença de forma extremamente democrática. E essa igualdade, nós sabemos, se concretizará com uma condição, ela se concretizará em toda sua integralidade quando homens e mulheres juntos tiverem tolerância zero com a violência. Quando as crianças desde pequenas souberem que não se faz isso, porque isso é contra si mesmo, é como se você tivesse se auto-atacando, se auto-infringindo violência.

Essa sessão especial em que comemoramos os sete anos da Lei Maria da Penha e o relatório dessa CPMI mostram para toda a sociedade que esse compromisso nos une, mas sobretudo, eu queria dizer que esse relatório da CPMI honra esses sete anos, mostra que nós demos passos e nós avançamos. Eu fico muito feliz, me orgulha muito e acredito que todas as mulheres brasileiras, hoje, estão muito orgulhosas do Congresso Nacional por conta desse relatório da CPMI e nós seguiremos as orientações e as sugestões.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante a cerimônia de formatura de alunos do Pronatec
Belo Horizonte-MG, 27 de agosto de 2013**

Queria iniciar cumprimentando, primeiro, os formandos de camisa vermelha. Uma salva de palmas para eles. E, agora, os formandos de camisa azul. E agora os de camisa vermelha e os de camisa azul.

Meus queridos Sinvaldo Rodrigues, que fez o juramento em nome dos formandos, e Alexis Gonçalves Cruz, orador das turmas, em nome dos quais eu queria dar um abraço de parabéns a cada uma das meninas e a cada um dos meninos aqui presentes. Para vocês, meus parabéns.

Queria cumprimentar o nosso prefeito de Porto Alegre [Belo Horizonte], Márcio Lacerda, Queria cumprimentar os ministros que me acompanham: Aloizio Mercadante, da Educação; Marta Suplicy, da Cultura; e Helena Chagas, da Comunicação Social, Cumprimentar os senhores deputados Miguel Correia Júnior, Odair Cunha, Weliton Prado, Cumprimentar os nossos parceiros do Pronatec: o presidente da Fiemg, Olavo Machado Júnior, e presidente do Conselho do Senai; o presidente da Fecomércio, o Lázaro Luiz Gonzaga; o presidente da Fecomércio, do Sesc, do Senac, dos Sindicatos e do Sebrae, Queria também cumprimentar o Leandro e a Eliziene, que tiveram as suas carteiras assinadas aqui, hoje,

Cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas, os senhores e as senhoras fotógrafos, e os senhores e as senhoras cinegrafistas.

Eu volto aqui à minha querida Belo Horizonte para participar de um momento para mim muito importante e, eu tenho certeza, também muito importante para vocês: a formatura de 2.600 jovens. Essa formatura desses 2.600 jovens é um momento, representa um momento e representa uma iniciativa que, para mim, é muito, mas muito importante mesmo. Primeiro, porque quando a gente tem, no governo, uma ação que beneficia as pessoas, que está focada nas pessoas, na melhoria de vida das pessoas, esta é a ação que de fato importa, gratifica e representa também uma melhoria na vida do nosso país.

Por isso, eu queria também dizer que eu estou aqui hoje em uma situação toda especial, como Presidente da República e como moradora antiga desta cidade. Eu fiquei impressionada com a restauração aqui desta fábrica. Eu disse há pouco para o Márcio Lacerda que aqui em Belo Horizonte nós temos algumas obras que atraem pela beleza. Chegando até aqui eu passei em frente da estação, da velha estação ferroviária, que hoje é uma maravilha de recuperada. E daqui a pouco eu vou estar lá na Praça da Liberdade. Daí porque eu quero dizer para vocês que este é um momento para mim, muito especial. Vocês se esforçaram, vocês obtiveram diploma, vocês deram mais um passo na construção da vida de vocês. Este diploma é muito importante. Olhando para o Leandro que se formou em torneiro mecânico, eu me lembrei do Lula. O Lula me disse uma vez: "Eu tenho dois diplomas. Um diploma de torneiro mecânico, e esse diploma de torneiro mecânico me ajudou a receber o segundo diploma, que foi o diploma de Presidente da República". Então, eu tenho certeza que o símbolo desse diploma, ele, por ser para alguns o primeiro, deve ser um diploma que vocês vão valorizar. São muitas as possibilidades profissionais que hoje eu soube que saem daqui. Exemplo: foram 44 cursos diferentes. Curso de Tecnologia de Informação; Curso de Recepcionista na área do Turismo; Curso de Agente de Comunicação; Curso de Comunicação em Inglês; Curso para Serviços turísticos de recepção; cursos para trabalhar no comércio, como foi o caso da nossa companheira que veio aqui receber, a Eliziene; curso também de garçom; curso de Somelier, provador de vinhos, enfim, as coberturas de cursos são as mais variadas. Cursos nas áreas industriais, como é o caso do operador de máquinas, esse curso de soldador, e todos eles.

Por isso, nós temos aqui o que é importante para o Brasil. Em nenhum país do mundo as pessoas dão passos sem seu próprio esforço e, aqui, o que eu estou vendo é um conjunto de moças e moços, um conjunto de jovens que, pelo seu esforço, dão os grandes passos necessários para a gente ter uma vida digna e boa.

Por isso, eu quero dar um conselho para vocês: estudar nunca é demais. A gente nunca, na vida, aprende o suficiente. Nunca. Sempre é necessário que a gente queira aprender mais, sempre é necessário que a gente queira progredir e, sobretudo, vocês não podem, de jeito nenhum, se conformar com aquilo que conseguirem, a gente sempre pode conseguir mais. E esta, talvez, seja a característica mais bonita de cada um de nós. E os primeiros passos podem parecer difíceis, mas eles abrem o caminho de muitas realizações. Você pode mandar, que depois eu pego.

Com esse curso e o esforço individual de vocês, vocês dão os primeiros passos para conquistar o próprio futuro. Daí porque eu fico muito feliz de estar aqui, tenho certeza que todos os que estão presentes nesta cerimônia também estão muito felizes.

Eu quero dizer que os 2.600 formandos aqui, hoje, fazem parte de um grande esforço que nós fizemos. E quando a gente faz esforço, a gente tem que ter parceiros, e nós tivemos parceiros importantes. Eu queria me referir ao Senai e à Fiemg, aqui, de Minas Gerais; queria me referir ao Senac, à Fecomércio, também de Minas Gerais. São parceiros, e são parceiros especiais porque, junto com as escolas técnicas, eles contribuem para que a gente possa dar o melhor curso possível disponível no Brasil para vocês. Porque não basta dar curso. Nós queremos que vocês tenham os melhores cursos possíveis, porque é isso que importa, é a qualidade do que vocês vão estudar.

E também as vagas de emprego, meu querido. Sabe por quê? Pelo seguinte: veja você, hoje, o Brasil tem uma das menores taxas de desemprego do mundo, 5,6% medidos no mês de julho. O que é que acontece? No Brasil, nós agora precisamos ter cada vez mais qualificação no trabalho. Cada vez mais as empresas e as oportunidades surgirão para quem for qualificado. Nós precisaremos, e por isso que fizemos o Pronac [Pronatec]. Eu agradeço a pergunta que você me fez. Sabe por que é que nós fizemos o Pronatec? O Pronatec foi feito por um motivo muito simples: nós sabemos que o trabalho não especializado tem um limite. A partir daquele limite as empresas estão precisando de trabalho especializado. Então, o que é que acontecia? Você oferecia trabalho não especializado e o pessoal queria trabalho especializado. Aí sobrava trabalhador e faltava trabalhador. Veja que coisa complicada.

O Pronatec é como se fosse uma ponte entre a necessidade que as empresas têm de trabalho qualificado e a necessidade que o Brasil tem de empregar os jovens, de resolver a vida deles, de dar futuro a eles e de garantir que eles subam na vida. É esse o conflito que o Pronatec resolve. Por isso, para nós, hoje, é muito importante. Nós estamos aqui hoje por duas coisas: educação e trabalho. Por essas duas coisas.

O Pronatec é para que os jovens deste país tenham acesso às vagas cada vez mais especializadas que estão sendo colocadas e sendo ofertadas pela indústria, pelo setor de serviços e, inclusive, pela agricultura. Porque a agricultura, hoje, precisa de operador de máquina de alta tecnologia. A máquina faz o buraco, mede a umidade, saca a água e saca a semente, mas a máquina não faz isso sozinha, quem opera são homens e mulheres. Então, o Pronatec é para isso, é para formar gente.

Eu queria dizer para vocês outra coisa: ninguém forma gente sem escola, ninguém forma gente sem curso, e ninguém forma gente sem professor. Professor tem que ser uma das profissões mais valorizadas do Brasil. O professor, junto com a escola, mais o aluno, é a equação que resolve o problema de longo prazo do nosso país.

E aí eu queria falar algumas coisas aqui, para vocês. Para vocês terem uma ideia do esforço que nós estamos fazendo – porque nós estamos fazendo um esforço –, até 2002, o que é que existia de escolas técnicas? Até 2002, existiam 22 escolas técnicas. Nos últimos dez anos e meio foram feitas 27, oito delas no meu governo, e nós vamos fazer mais seis, nós vamos fazer 14 escolas técnicas. Estou falando aqui em Minas Gerais, estou falando aqui em Minas Gerais.

Havia uma lei, eu não sei se vocês sabem, que quando nós chegamos ao governo, havia uma lei que proibia que o governo federal fizesse escola técnica. Nós, primeiro, acabamos com essa lei e, depois, fizemos escola técnica, e demos a essa escola técnica um sentido, um sentido de formação de jovens.

Agora nós fizemos o Pronatec, e o Pronatec combina escolas técnicas federais, combina escolas técnicas estaduais, combina tudo isso com o Sistema S, é uma parceria. Parceria é aquilo que a gente divide e pega junto. A maior parte é justo que seja do governo federal, porque o governo federal tem de ajudar os estados a fazer as suas escolas, a reformá-las, a modernizá-las. O governo federal financia também o Sistema S, para que eles abram cursos, que eles criem, inclusive, aqueles caminhões, aqueles ônibus, que vão de cidade em cidade prestando cursos e dando suporte para os alunos. Tudo isso, para mim, é fundamental e, para mim, o Pronatec é um dos programas estratégicos do país, porque ele ataca, bota o dedo lá, em uma coisa que estava faltando, que é esse caminho para que vocês tenham acesso a emprego de qualidade. Um emprego de qualidade será sempre aquele que combina a pessoa + educação = emprego de qualidade. Ninguém aqui, com emprego de qualidade, vai ficar desprotegido diante da vida. É esta equação que nós aqui estamos celebrando hoje.

Eu repito: a mim me comove o esforço de todos os jovens que estiveram aqui, na sua luta por ter uma boa formação, por procurar melhorar de vida. E eu tenho certeza: a vocês, a cada um de vocês, dá um orgulho danado ter chegado até aqui, agora. Por isso, os parabéns que a gente dedica a vocês são parabéns que nós reconhecemos do fundo do coração.

Eu sempre digo uma coisa: o Brasil só vai se tornar uma nação desenvolvida se nós investirmos fortemente em educação. Por que isso? Porque, qual é a maior riqueza de um país? A maior riqueza do país não são os edifícios, não são as estradas, não são os prédios, não é a riqueza natural, como o petróleo, nem o minério de ferro. A maior riqueza de um país é a sua população, é ela que é a maior riqueza.

Por isso, quando a gente fala que é importante investir em educação, nós estamos falando só uma coisa: é importante investir nas pessoas. Daí porque a gente tem que pegar a riqueza do país, o que há, depois das pessoas, de importante, e colocar na educação. E foi isso que nós fizemos com os recursos do petróleo.

Para vocês terem uma ideia, o que é que significam os recursos do petróleo? O petróleo está lá, no Brasil está no fundo do mar, está em terra e um belo dia a Petrobras foi lá e descobriu que lá no fundo do mar tem uma camada de sal e que abaixo dessa camada de

sal no Brasil tem petróleo, e tem muito petróleo de boa qualidade. Então o que é que o governo federal propôs ao Congresso? Que a gente pegasse o dinheiro que vem dessa receita do petróleo e aplicasse onde? Nas pessoas. Como? Na educação das pessoas. Aplicasse nos professores, aplicasse na garantia de que vocês terão a educação de maior qualidade que esse país puder dar. Aí alguém pode perguntar: “Ah, é, presidente, tá bom. E de onde sai o dinheiro?”. Aí eu vou explicar de onde sai o dinheiro. Porque sempre que alguém falar para vocês: olha, vai melhorar isso, vocês perguntem: de onde sai o dinheiro? É assim na vida da gente, é assim na vida da cidade, não é, Márcio Lacerda? Sempre que você quer fazer alguma coisa aqui em Belo Horizonte, você tem que responder de onde vem o dinheiro. E assim é também com a Presidência da República. Aí é que eu vou falar para vocês de onde sai o dinheiro. O dinheiro sai de onde? O governo federal ganha ao extrair petróleo. As empresas que extraem petróleo são obrigadas a pagar de 10% a 15% para o governo federal de tudo que pegam do subsolo em matéria de petróleo. Pois muito bem. Só a parte do governo federal, que nós destinamos para a educação, aprovada agora em lei, dá R\$ 112 bilhões. Pensa bem, é um número que a gente nem consegue medir porque na vida de nenhum de nós cabe R\$ 112 bilhões. No máximo cabe R\$ 1 mil, R\$ 2 mil. É R\$ 112 bilhões. Mas aí, na vida do país cabe, e na vida da educação cabe também. Daí, nós vamos pegar esse dinheiro e gastar onde? Gastar no seguinte: professor vai ter que ser formado, vai ter que ter pós-graduação, vai ter que ter alta qualificação no Brasil. Nós vamos ter que garantir que as crianças nas escolas tenham recuperação para não ficar tudo na conta das mães. Nós vamos ter que garantir que o ensino técnico de vocês tenha laboratório que vocês possam, quando for o caso de operador de máquina, operar as máquinas; que vocês se forem, se tiver estudantes para somelier – esse nome é fino, não é? Somelier –, é para provação, para provar vinho, que vocês experimentem vinho. Nós temos que dar, dar tecnologia da informação, ou seja, computadores, sistema de redes, os melhores professores possíveis e as melhores técnicas disponíveis.

Isso significa um passo à frente do país, o país dá esse passo à frente. Aí você fala para mim: “Mas R\$ 112 bilhões é pouco para 200 milhões de habitantes, durante 35 anos”. Eu vou falar para vocês: “Tem mais, no Brasil tem mais”. Onde tem mais? Tem mais no pré-sal. O número do pré-sal é mais difícil ainda de imaginar. O número do pré-sal, para vocês terem uma ideia, só de um campo, só de um campo, está entre R\$ 300 e R\$ 700 milhões. Bilhões, eu falei milhões porque tem hora que a gente vai falando e não vai pensando, é bilhões, R\$ 300 a R\$ 700 bilhões.

Então, eu quero dizer para vocês que, de alguma coisa eu tenho orgulho, no meu governo, é que nós deixamos plantadas as condições do presente e do futuro, de assegurar para o nosso povo que nós teremos educação de qualidade. É disso que eu tenho orgulho.

E aqui, hoje, nessa multidão de camisas vermelhas, nessa multidão de camisas azuis, eu tenho certeza que uma parte expressiva do futuro do nosso país está aqui presente. E quero dizer a vocês: o Brasil conta com vocês. O Brasil sabe que vocês são o presente e o futuro.

E, por isso, eu quero dizer mais uma vez a cada um de vocês: primeiro, parabéns; segundo, felicidades; terceiro, muito bom trabalho, muito boas oportunidades de trabalho, melhoria de renda para vocês e para suas famílias.
Um abraço.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração do Centro Cultural Banco do Brasil
Belo Horizonte-MG, 27 de agosto de 2013**

Boa tarde, boa noite a todos vocês.

Eu queria primeiro cumprimentar o governador de Minas Gerais, governador Anastasia.

Cumprimentar o prefeito de Belo Horizonte, Márcio Lacerda, e sua senhora, Regina Lacerda.

Cumprimentar o presidente do Banco do Brasil, Aldenir Bendine, e a senhora Silvana Maria Bendine.

Cumprimentar todos os ministros que me acompanham: a Marta Suplicy, da Cultura; Antônio Andrade, da Agricultura; Aloizio Mercadante, da Educação; e Helena Chagas, da Comunicação Social.

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes: [Miguel] Corrêa Júnior, Odair Cunha, Newton Cardoso, Nilmário Miranda, Wellington Prado.

Cumprimentar o senhor Alexandre Colliex, vice-presidente do Centro Pompidou.

Cumprimentar a senhora Emma Lavigne, curadora da Exposição ELLES – Mulheres Artistas da Coleção do Centro Pompidou.

Cumprimentar todos os presentes, representantes do meio artístico e empresários.

Cumprimentar as senhoras jornalistas, os senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Nós aqui sabemos, todos nós, que tem vários jeitos de se fazer uma declaração de amor. Primeiro a pessoa pode, geralmente, o homem pode se ajoelhar e declarar seu mais absoluto amor por ela. Segundo, é possível também a declaração de amor ser feita por carta. Também é possível a construção de monumentos, como é o caso do Taj Mahal. Aqui nós temos uma declaração de amor feita à cidade de Belo Horizonte pelo Banco do Brasil, em parceria com o governo federal, com o estado e a prefeitura.

Para mim, voltar à Praça da Liberdade é um imenso prazer, e agradeço à minha segurança, porque eles não me deixam fugir sempre e hoje eu fugi para a praça, e fui olhar na praça... Porque quando você revisita um lugar, você acende memórias, então eu fui reacender as minhas memórias na Praça da Liberdade. Eu comecei a caminhar, eu caminhei com 1 ano e pouco, eu não fui daquelas meninas que caminharam rapidinho, não. Caminhei com 1 ano e pouco. E eu caminhei, por acaso, aqui na Praça da Liberdade. Meus primeiros passos foram aqui. Eu morei até uns 10 anos, eu acredito - não tenho muita precisão da data - na rua Sergipe, 1348, e circulei da rua Sergipe para a praça, para o Minas Tênis Clube e para o colégio Isabela Hendrix, onde eu fiz meu pré-primário, durante uma parte muito grande da minha vida. Então, esta praça, ela me traz recordações de muitos anos atrás, e as alamedas da praça, o coreto e eu fico assim extremamente feliz de ver o coreto reconstituído. Já prometi ao Anastasia que se ele me arranjar uma banda eu volto para escutar a banda tocar no coreto. E também admirando

as palmeiras imperiais que fazem o contorno e adornam essa praça. Admirando o prédio do Palácio da Liberdade, que eu sempre achei que fosse um Palácio Hindu pelas características da sua cúpula, e ao mesmo tempo olhando sem ver os prédios das secretarias. Porque as secretarias eram algo anódino na vida da gente.

E hoje eu fico muito feliz em estar aqui junto com o Banco do Brasil, nesse local que faz parte indelével da minha vida, porque eu carrego ela comigo, está na minha memória. Eu fico muito feliz de estar aqui hoje, fazendo com que esse prédio seja visto, seja admirado, seja utilizado, seja usado pelas pessoas de Belo Horizonte. Cumprimento o Banco do Brasil por isso e tenho certeza que a arquitetura que nós hoje vemos aqui, que entregamos para usufruto da cidade, os espaços, o cuidado na restauração e o fato de se transformar no espaço de cultura e arte vai fazer a diferença para a melhoria da qualidade de vida dos belorizontinos.

Como sede do governo mineiro essa praça foi objeto e foi espaço, e foi lugar de vida e de muitas situações históricas no nosso país. Por isso, nada mais importante do que também preservar nossa história, porque é preservar nossa memória, é preservar a nossa cultura. E, sobretudo, fazê-lo utilizando, usando, usufruindo, que é o princípio de plenitude que cerca a vida.

Agora eu tenho certeza, ao ver tudo isso que eu vi hoje, que essa Praça da Liberdade está sendo reinventada. E reinventar é algo muito importante, reinventar é uma forma de preservar avançando. A parceria entre o governo de Minas Gerais e o governo federal, por meio do Banco do Brasil, da Universidade Federal de Minas Gerais e das empresas privadas, tenho certeza que vai transformar essa praça em um dos maiores complexos culturais do Brasil, complexos culturais desses que o Brasil precisa sobremaneira para poder de fato se transformar numa nação desenvolvida.

Nós, mineiros, temos de nos orgulhar da praça. Eu acho muito interessante falar em nós mineiros, porque a ditadura me tirou de Minas Gerais e aí eu fui acolhida no Rio Grande do Sul. Então, aqui em Minas Gerais tem algumas pessoas que dizem que eu não sou mineira. Agora, lá no Rio Grande do Sul, também as pessoas que não gostam de mim dizem que eu não sou gaúcha. Que eu não sou gaúcha, eu acho que fica um pouco óbvio porque ninguém fala “ocê” no Rio Grande do Sul, nem fala “uai”, mas também eu já misturei um pouco porque eu falo “barbaridade”. Então, eu sou essa mistura. Mas essa mistura tem um ponto de partida que é essa Praça da Liberdade em todos os sentidos. Acho que aqui em Minas Gerais nós tivemos sempre o valor dessa palavra: liberdade.

Esse momento é muito importante, e esse Espaço Cultural do Banco do Brasil, como nós sabemos, se soma a outros aqui nesta praça, e isso vai contribuir para que o povo belohorizontino, o povo mineiro, e os brasileiros que por aqui transitam, tenham acesso a algo fundamental para um país como o nosso, que avança na direção do desenvolvimento, que é um espaço de popularização da cultura.

Cumprimento também a ministra Marta, pelo fato de que hoje nós estamos publicando o Vale-Cultura. Popularizar a cultura implica não só em dizer “devemos popularizar a cultura”, mas em criar e oferecer, e tornar disponível todos os instrumentos para isso. E, sem dúvida nenhuma, nós temos certeza que o Vale-Cultura vai ser um instrumento dessa popularização e do acesso.

Aqui em Minas Gerais eu fiquei encantada quando o prefeito acaba de dizer, o prefeito de Belo Horizonte acaba de dizer que aqui se consome mais cultura ao se consumir teatro e livros. Eu só tenho uma questão a colocar: eu sempre pensei que sempre se consumiu – viu, Márcio? – porque eu lembro, ou seja, todo o meu acesso à cultura também se deu aqui, se deu no espaço do Centro de Estudos Cinematográfico, se deu no fato de a gente ir em pequenos teatros, isso há – eu não vou dizer há quantos anos atrás – mas há muitos anos atrás. Então, eu acredito que Minas tem uma tradição literária, tem uma tradição de literatos e uma tradição de levar as pessoas a usufruir da Cultura.

Queria dizer, também, que o valor cultural no Brasil é algo muito importante. Nós estamos num estado muito especial. E eu queria falar rapidamente sobre a questão do programa PAC Cidades Históricas, porque ele beneficiará, sobretudo, o estado de Minas Gerais, principalmente porque nós temos aqui concentrado aqui, em Minas Gerais, um patrimônio histórico e cultural de envergadura invejável. Na semana passada nós anunciamos, em São João del-Rei, as 425 obras nas 44 cidades dos 20 estados da Federação. Minas Gerais foi o estado contemplado com o maior volume de recursos. Serão R\$ 257 milhões para obras em oito municípios: Belo Horizonte, Congonhas, Diamantina, Mariana, Ouro Preto, Sabará, São João del-Rei e Serro.

Aqui em Belo Horizonte, por exemplo, nós vamos restaurar o Museu de Arte e a Igreja de São Francisco de Assis, lá na Pampulha. Aliás, é importante a gente dizer isso quando a gente vê o que é a qualidade de uma restauração e como é possível, ao restaurar, usar, usufruir e dar um sentido às nossas vidas. Então, continuando, na região da Praça da Estação nós vamos restaurar a Casa do Conde, que abriga a Casa do Patrimônio, sede do Iphan, e o galpão da antiga oficina. Vamos restaurar também três casas da antiga Rede Ferroviária Federal, que serão integradas ao Museu de Artes de Ofícios, dona Ângela, e instalar a Escola Livre de Artes lá onde fica a antiga hospedaria, também na Praça da Estação.

Esses investimentos na Pampulha e na Praça da Estação têm o mesmo sentido dos que estão sendo feitos aqui, na Praça da Liberdade: reintegrar prédios históricos à vida da cidade, permitindo que a população se aproprie deles, que a população tenha a lembrança histórica do que aconteceu, mas que usufrua deles, viva neles. Afinal, o sentido último de todo o esforço que fazemos para preservar a nossa história e a nossa cultura é beneficiar a vida da nossa população.

Por isso, eu quero parabenizar o Banco do Brasil, seus diretores aqui presentes, parabenizar o presidente Bendine, parabenizar o governo do estado e, principalmente, eu quero parabenizar essa parceria com Centro Pompidou por escolher o tema, como abertura, o tema Mulher.

Esta ideia de contar a história da arte universal exclusivamente com trabalhos feitos por mulheres surgiu de uma iniciativa do Centro Pompidou. A excelência das obras e o encantamento que elas causam mais que justificam a importância dessa exposição, sobretudo porque durante muitos anos foi dito que as mulheres não tinham o extraordinário talento para pintar.

Cada um de nós sonha com alguma coisa, tem uns que sonham em ser cantores; outros, pianistas; outros, jogadores de futebol; outros, grandes esgrimistas; eu sempre quis ser pintora. Não tenho o menor talento, mas sei admirar. Admirar é algo muito importante. E a

pintura, quando você admira, te faz abrir uma porta para a compreensão dessa trajetória que é a nossa presença sob a face da terra. Por isso, eu queria dizer que a pintura Mulheres coloca uma reflexão para nós, uma reflexão sobre o papel das mulheres nas sociedades, sobre a importância que as mulheres têm numa sociedade civilizada e democrática, sobre o fato de que – eu aí fecho o ciclo do meu dia – eu estive na Câmara recebendo o relatório da CPMI sobre a violência contra a mulher. Esta exposição, ela completa a visão necessária para a questão da mulher na sociedade brasileira que é o repúdio, primeiro, à violência contra as mulheres, mas também a imensa capacidade das mulheres de gerar vida, de gerar arte e gerar esperança.

Boa Noite.

Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na cerimônia de posse do Ministro de Estado das Relações Exteriores, Luiz Alberto Figueiredo Machado Palácio do Planalto, 28 de agosto de 2013

Senhor vice-presidente da República, Michel Temer.

Senador Renan Calheiros, presidente do Congresso Nacional.

Ministro Joaquim Barbosa, presidente do Supremo Tribunal Federal.

Senhoras e senhores chefes de missão diplomática acreditados junto ao meu governo.

Embaixador Luiz Alberto Figueiredo Machado, ministro das Relações Exteriores.

Embaixador Antonio Patriota.

Senhoras e senhores ministros de Estado aqui presentes.

Senhores comandantes de Força.

Senhor vice-governador da Paraíba, Rômulo Gouveia.

Senhoras e senhores senadores: Jorge Viana, Vanessa Grazziotin.

Senhores deputados federais: Arlindo Chinaglia, líder do governo na Câmara dos Deputados; Antonio Brito; Fábio Reis; Fernando Ferro; Luci Choinak; Luis Alberto; Marcelo Aguiar.

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Minhas primeiras palavras são para um agradecimento caloroso ao ministro Antonio Patriota pelo importante trabalho de qualificação da política externa brasileira que realizou à frente do Itamaraty. Meu governo não pode e não quer prescindir de sua experiência, de seu conhecimento e do respeito que desfruta como diplomata. Por isso continuará contando com sua colaboração na função de embaixador do Brasil na Organização das Nações Unidas. Os desafios que o ministro Patriota terá pela frente são de grande relevância e urgência para o Brasil.

Dou as boas vindas ao ministro Luiz Alberto Figueiredo igualmente experiente e também merecedor de amplo respeito de seus pares. É reconhecido por sua formação e capacidade como embaixador, como negociador, como homem público. Estou certa que está qualificado para exercer a função de chanceler e que está plenamente afinado com a agenda da política externa brasileira.

Compartilhei com o embaixador Figueiredo boas experiências como membros da delegação brasileira na COP-15, a Conferência do Clima, de Copenhague, em 2009. Naquele que foi um dos mais importantes encontros multilaterais sobre o meio ambiente

até então realizados fui testemunha da capacidade da competência do ministro Figueiredo, e sei que o Brasil lá apresentou propostas ousadas e pautou debates de grande relevância. Construímos ali uma profunda e profícua parceria que nos ajudará muito nas tarefas que temos pela frente na condução da nossa política externa.

Senhoras e senhores,

Nos últimos anos, o prestígio internacional do Brasil cresceu muito. Nosso país tornou-se voz ativa, voz a ser ouvida, opinião a ser consultada nas grandes decisões. Assumimos papel de protagonista num mundo em intenso processo de mudança e o mundo exige que nos comportemos a partir desses padrões elevados. Aliás, nossa parceria com os países emergentes, sobretudo com os BRICS é cada vez mais sólida. Nossa relação com os países do Sul se estreitou, em especial com os países africanos, com os quais mantemos laços históricos e culturais e termos forjado fortes compromissos em favor de seu desenvolvimento. Somos referência e jamais recusaremos apoio aos países mais pobres, que lutam contra o atraso e buscam elevar seus povos a paradigmas básicos de civilização. Trabalhamos permanentemente para construir uma relação profícua e produtiva com as nações desenvolvidas. O alicerce de nossa política externa é a relação harmônica e respeitosa com nossos irmãos latino-americanos. A eles sempre devemos dar o melhor de nós. A maior de nossas prioridades é a integração regional, principalmente com nossos vizinhos da América do Sul. Somos 12 países irmãos, iguais em direitos, merecedores do mesmo respeito, democráticos. Um continente como o nosso, que já foi uma espécie de área de risco para a democracia, nós nos lembramos bem disso, marcado por ditaduras, cruentadas e duradouras, vive hoje um estágio de modernização política que o distingue entre as regiões do mundo afetadas por conflitos étnicos e religiosos e pelas marchas e pelas contra-marchas das lutas por liberdade em todo o espaço do mundo ainda sob grande tensão e conflito.

Temos orgulho, muito orgulho do Mercosul, Unasul e Celac, pois essas entidades são, para nossa política externa, instâncias fundamentais para continuarmos trilhando o caminho do desenvolvimento e do fortalecimento de nossas instituições democráticas. Além de respeito, os 12 países deste continente merecem de nós uma atitude de solidariedade e cooperação.

Senhoras e senhores,

O Brasil acredita no multilateralismo como única forma eficiente e perene de produzir consensos estáveis em âmbito internacional, de construir harmonia onde há só a guerra e os conflitos. Foi assim que viemos conquistando o respeito do mundo. Foi assim que alcançamos grandes vitórias recentes de nossa diplomacia, como o documento de consenso, cuja produção conseguimos capitanear, e o embaixador Figueiredo, nessa oportunidade, teve um papel estratégico e relevante. Pois bem, que conseguimos capitanear na Rio+20, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. Foi assim com a eleição de nosso companheiro José Graziano para a FAO, da eleição do ex-ministro Paulo Vanucchi para a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA, e agora, mais recentemente, com a eleição do Roberto Azevêdo, o embaixador Roberto Azevêdo, para o cargo de Diretor-Geral da Organização Mundial de Comércio.

Essas conquistas, nossas conquistas, são frutos da coerência e da consistência de nossos princípios; não interferimos na vida dos outros países; não colocamos a vida de quem quer que seja, em risco, cidadãos brasileiros ou de qualquer nacionalidade, adotamos rigoroso conceito de não-intervenção e só aprovamos ações excepcionais em defesa da preservação de vidas humanas, se passarem pelo devido escrutínio e se tiverem o amparo da ONU; defendemos soluções negociadas para crises externas e internas; propugnamos pelo respeito e soberania de todos os povos; postulamos a democracia como saída para as crises políticas; perseguimos a prática de relações comerciais justas e éticas; consideramos o desenvolvimento sustentável um compromisso necessário e urgente com as atuais e as futuras gerações; apoiamos a erradicação da miséria e da pobreza e a redução da desigualdade em todos os quadrantes do globo e oferecemos as nossas tecnologias sociais em suporte a todas as iniciativas nessa direção.

É muito sólida e bem sucedida a atuação do Itamaraty como formulador e executor da diplomacia ao longo dos séculos e, justamente, dessa diplomacia ativa, democrática e multilateral. Seus quadros são respeitados por essas qualidades, e no passado muitos deles contribuíram, sem conflitos e sem guerra, para conformar a extensão e a territorialidade do Brasil nos transformando também numa grande nação. Fazem jus a essa tradição Antonio Patriota e Luiz Alberto Figueiredo. São eles dois dos nossos diplomatas mais qualificados. Feliz do governo que pode contar com a colaboração de ambos. Aos dois, desejo boa sorte diante dos novos desafios que estão assumindo.

Muito obrigada.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de 520 unidades habitacionais no Residencial Campinas Sirius
Campinas-SP, 29 de agosto de 2013**

Eu quero dirigir um cumprimento especial à senhora Expedita Maria da Conceição, e em nome da Expedita, eu vou saudar todos os beneficiários do Programa Minha Casa, Minha Vida aqui do conjunto habitacional Sirius.

Cumprimentar o prefeito Jonas Donizette Ferreira, prefeito de Campinas e a senhora Sandra Ferreira.

Queria cumprimentar aqui os ministros de Estado que me acompanham hoje nessa visita a Campinas: o ministro Aguinaldo Ribeiro, das Cidades; Aloizio Mercadante, da Educação; Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – se você quiser eu te dou meu copo.

Queria cumprimentar o deputado federal Arlindo Chinaglia.

Queria cumprimentar os deputados e deputadas estaduais: Ana Perugini, Antonio Mentor, Edinho Silva, Francisco Tito, Gerson Bittencourt.

Cumprimentar o vice-prefeito de Campinas, Henrique Magalhães Teixeira.

Cumprimentar o presidente da Câmara dos Vereadores de Campinas, Campos Filho.

Cumprimentar o senhor Jorge Hereda, presidente da Caixa Econômica Federal.

Cumprimentar a senhora Luiza Helena Trajano Inácio, vice-presidente do Instituto de Desenvolvimento do Varejo.

Queria cumprimentar o presidente da construtora PDG, Carlos Augusto Varejo.
Queria cumprimentar os jornalistas, as senhoras jornalistas, os fotógrafos presentes e os cinegrafistas.

Senhoras e senhores,

Eu quero começar contando uma história para vocês de uma mulher que estudou somente até a 5ª série ginásial, aliás, a 5ª série do curso fundamental, porque vivia na roça com mais nove irmãos e não teve condições de continuar estudando. Mas essa mulher, eu vou tratar dela na próxima cerimônia que eu vou participar aqui em Campinas, que é a formação do Bolsa Família. O que é a formação do Bolsa Família? Quando a gente dá o Bolsa Família, nós estamos permitindo que as pessoas sobrevivam. Quando a gente dá o Bolsa Família, nós temos de dar também condições para as pessoas mudarem de vida. Mudar de vida, você muda de várias formas. Primeiro, estudando. Então, eu vim aqui para fazer dois atos para as pessoas mudarem de vida, dois atos. Primeiro, a casa própria; e segundo, o curso profissionalizante para a pessoa ter a carteira assinada e poder conseguir um emprego.

Então, eu estou feliz, bastante feliz, porque hoje aqui em Campinas é minha primeira visita como presidente. E como presidente eu venho fazer dois atos que são essenciais para mudar a vida das pessoas: casa própria de um lado, formação profissional de outro lado. Que é isso? Isso significa dar para as pessoas um caminho para elas poderem melhorar a vida. Aqui eu estou no conjunto habitacional Sirius. Esse é um conjunto muito importante. Nós vamos entregar aqui nesse residencial 2.620 casas que o governo federal, através da Caixa Econômica Federal, vai entregar esses móveis. Hoje, nós estamos entregando 1060, 1060 moradias que são na verdade, não são construção, porque uma casa pode ser de material, pode ter azulejo, ferro, aço, alumínio, mas uma casa não é isso. Uma casa é onde a gente cria os filhos, onde a gente mora com a família, onde a gente recebe os amigos, onde a gente cria os laços afetivos que qualquer ser humano quer carregar ao longo da sua vida. Então, essa casa, essas casas desses imóveis fazem parte de um projeto que é um olhar diferente sobre as pessoas. Um belo dia esse país parou, fez um investimento, há muitos anos atrás, no BNH. O BNH construiu 500 mil casas, nós, depois de anos e anos sem ter um único investimento na área da habitação popular, nós voltamos a investir. E aí é que entra a questão. Mas o que nós estamos fazendo aqui? O que nós fizemos com esse programa Minha Casa, Minha Vida? Nós fizemos uma coisa que foi importantíssima para as pessoas. Veja bem, se a pessoa ganha até R\$ 1.600 e a moradia custa, no mínimo, R\$ 50 mil, como é que ela compra? Como é que ela consegue comprar uma moradia, um apartamento, uma casa, se ela ganha R\$ 1.600 e ela custa R\$ 50 mil? Não tem jeito. Aí entra quem? Entra o governo federal. O que governo federal fez? O governo federal colocou o dinheiro que arrecadou dos impostos... onde ele colocou? Na construção dessas casas. Por que é prestação entre R\$ 25 ou R\$ 80? Porque nós pagamos o resto. É por isso que custa entre R\$ 25 e R\$ 80. Porque até R\$ 1.600 nós pagamos o resto.

Aqui em Campinas, em todos os estados da federação, em cada um dos municípios que tem Minha Casa, Minha Vida, nós tratamos os moradores que recebem o Minha Casa, Minha Vida da mesma forma. Esse programa é um programa para o Brasil inteiro. Qual é a grande característica aqui de Campinas? É que Campinas tem tido, ao longo dos anos,

um ótimo desempenho no Minha Casa, Minha Vida, um ótimo desempenho. Nós temos visto, não só aqui na cidade de Campinas, mas aqui estão os prefeitos da região metropolitana de Campinas, nós temos tido um desempenho bastante bom. Mas a gente fica contente com isso? Não, a gente não pode ficar contente, não. Nós queremos avançar. E é bom que você saiba que ainda tem quase 900 mil moradias ainda para ser contratadas pelo Brasil a fora. E é óbvio que a hora que a gente concluir essa fase que é de 2,75 milhões de moradias, nós vamos continuar construindo mais casas populares, porque o déficit habitacional do Brasil é muito grande. Nós só não conseguimos construir todas de uma vez. Posso até contar um caso para vocês. Eu sou mineira e mineira conta caso, então, eu vou contar um caso: quando nós começamos a fazer esse programa, lá atrás, eu chamei o presidente Lula me pediu que eu dirigisse esse programa, e eu fui dirigir o programa. Aí chamamos os empresários, e eu falei para os empresários: “vem cá – todos os empresários da construção civil – vem cá, quantas casa vocês acham que dá para fazer?” A primeira vez me falaram 200 mil. Eu falei: “assim não dá. 200 mil não dá, o déficit é muito grande”. “Então, quem sabe, 500 mil?”. Aí nós fomos chegando, fomos chegando e, hoje, nós estamos construindo 3 milhões e 750 mil casas. É isso que nós estamos construindo.

Eu sei... Nós já entregamos, até agora, 1 milhão e 300 mil moradias. Essas famílias que receberam essas moradias, elas moravam precariamente, elas viviam de favor, muitas vezes nos fundos de uma outra casa, casa de parente, casa de amigo ou pagavam aluguel e pagavam aluguel a preços incompatíveis com a sua renda, ou viviam em habitações precárias, em locais muito difíceis, em submoradias, até.

Por isso, eu estou muito feliz, porque eu entro lá nos apartamentos para olhar o quê? Eu olho o chão, eu olho se o chão está coberto. A moça ali me perguntou, porque antes não se cobria o chão. A primeira fase, a primeira fase não se cobria o chão, agora que se começou a cobrir. Nós decidimos várias coisas, melhorias, porque você vai aprendendo. Agora é obrigado – é bom vocês saberem o que é obrigado a fazer: por exemplo, o chão tem de estar coberto, ou por madeira ou cerâmica, e a área social também. Se o seu não estava, ele terá de estar. Não é possível fazer 1 milhão ao mesmo tempo, então será feito, eu garanto a vocês que será feito, a Caixa tem obrigação de fazer. As novas todas já saem assim. E eu quero avisar que tem mais novas do que velhas, velhas são aquelas da primeira fase. Quem ganhou primeiro tem a vantagem de ter ganhado primeiro, agora espera um pouquinho, vão cobrir o chão direitinho. Pode deixar que essa é uma questão minha.

Além disso, nós olhamos, agora, o tamanho das janelas, aumentamos as portas, porque tem pessoas deficientes e tem cadeirantes. Esses cadeirantes precisam de ter uma abertura maior nas portas para entrar nessas portas. E isso é fundamental, porque nós somos um país que respeita o deficiente e tem de ter com ele uma relação de dignidade.

E agora também eu quero dizer uma coisa para vocês: esse programa, esse programa é um programa muito importante. Ele foi feito com essa parceria e com essa visão de que o povo brasileiro não tinha condições, uma parte deles, não tinha condições de ter, de ter uma casa própria, se o governo federal não ajudar, e é dever do governo federal ajudar.

Além disso, as outras, são três faixas: tem essa faixa primeira, que é até R\$ 1.600,00; tem uma outra faixa, que é entre R\$ 1.600 e R\$ 3.200; e tem uma terceira, que vai até R\$

5.000, são três faixas. Todas essas faixas têm uma forma de pagamento, cada vez o pagamento aumenta de acordo com a renda. É altamente democrático o Programa Minha Casa, Minha Vida. Todos os eventuais problemas que ele tenha a Caixa está pronta para resolver. Tem até um 0800, não é, presidente da Caixa? Tem um 0800 – ele desceu ali para responder perguntas. O 0800 responde às reclamações de todos os usuários do Minha Casa, Minha Vida.

Agora, eu quero contar para vocês um outro programa, o Minha Casa Melhor. O Minha Casa Melhor, ele é programa que é um cartão que, quem teve acesso ao Minha Casa, Minha Vida, tem direito. Esse cartão é um cartão de crédito até R\$ 5.000. Nesse cartão de crédito até R\$ 5.000 nós elencamos o que pode ser comprado. Aqui está a Vanessa Evangelista, que recebeu a chave, ela pegou o financiamento do Minha Casa Melhor, comprou um jogo de sofá, mesa de jantar e armário, e cama, e um computador. Cada um... Por que eu dei o exemplo da Vanessa? Porque você tem R\$ 5.000, você pode comprar uma lista de móveis e uma lista de eletrodomésticos, que dá um total de R\$ 5.000. De onde surgiu os R\$ 5.000? Surgiu de uma negociação que nós fizemos com as lojas de varejo do Brasil. Nós chamamos as grandes lojas do varejo, através do IDVB, está aqui Luiza Trajano, do Magazine Luiza.

As lojas do varejo foram extremamente, extremamente corretas, todas elas. Todas elas se dispuseram a participar desse programa. Por quê? Porque o varejo sabe que o consumo é fundamental para o Brasil, é fundamental para o conforto das pessoas, porque quem tem uma casa nova quer móveis e eletrodomésticos novos, mas também é fundamental porque gera emprego, gera demanda para a indústria, gera investimento. Então nós chamamos o IDV... o IDVB, né, ministro? O IDV, o Instituto de Desenvolvimento do Varejo. Eu pensava que era do varejo brasileiro. Está bom, mas é Instituto de Desenvolvimento do Varejo. Chamamos eles e fizemos uma negociação. Os imóveis... os móveis são esses e os eletrodomésticos são esses.

Eu sou, como vocês... hoje eu não sou dona de casa porque eu sou presidente, mas eu fui dona de casa até pouco tempo atrás. Quero dizer para vocês que, como qualquer dona de casa, vocês têm de fazer o seguinte: vocês têm de olhar os preços nas lojas. E olhar o preço, ver qual é o melhor e comprar o que é melhor. Isso é fundamental. Agora, não vai ter todos os produtos, não. Tem aquilo... porque nós não podemos achar que pode ir além de R\$ 5 mil. Nós estamos fazendo com R\$ 5 mil para dar para o maior número de pessoas. É isso que nós queremos, que cada um do Minha Casa Minha Vida tenha direito a um cartão do Minha Casa Melhor.

E aí, por que é que nós estamos fazendo isso? Eu pergunto para vocês. Eu volto àquele começo que eu disse que eu vim aqui por duas coisas muito boas. Uma coisa é a casa própria e a outra coisa é a formação profissional. Eu volto para esse começo para dizer o seguinte. Tem duas formas do Brasil se livrar da pobreza, e aí eu falo em geral, duas formas. Uma delas, para os adultos, é emprego. Para os jovens e para os adultos é emprego, e emprego no Brasil precisa ser de qualidade, precisa ter formação profissional. A outra forma de se livrar da pobreza é educação, a educação. Então nós temos esse caminho. Agora, ao mesmo tempo que tem essas duas formas, tem uma coisa que todo mundo quer. Se você perguntar para qualquer pessoa neste país “qual é a coisa mais importante para você?” É a minha casa. Entre todos os bens é a minha casa. Eu quero a

minha casa. Agora, como a gente é humano, depois que a gente quer a casa, a gente quer melhorar um pouco. Aí você já não quer só a casa. Você está querendo melhorar a sua geladeira. As mulheres não estão querendo mais o “diabo” do tanquinho, porque o tanquinho implica que a gente lave, fique esfregando. Então querem uma máquina de lavar, direita. E isso, gente, é o que faz o mundo mover, o que faz a gente crescer e é justo que vocês queiram. Por isso que nós fizemos o Minha Casa Melhor, para juntar todas essas coisas.

Se houver algum problema com vocês, se vocês acharem que é bom que tenha mais outro produto, o pessoal da Caixa abriu uma linha só para escutar sugestão. Eu já escutei duas, duas, por onde eu tenho andado já me falaram duas coisas. Um pessoal, lá em Minas Gerais, falou para mim: “Presidenta, faz o seguinte: bota não só a cama e o colchão, a mesa e as cadeiras, o armário, o armário do quarto e as camas, bota também o armário de cozinha”. Nós vamos fazer uma revisão e, se der certo na discussão com o varejo, nós vamos botar armário de cozinha.

Em outro lugar já falaram assim para mim: “Ah, mas além disso, lá no eletrodoméstico, além do fogão, da máquina de lavar, da geladeira, do computador, o outro eu esqueci, me ajuda aí o pessoal...” Bom, os universitários aqui não estão funcionando... Eles estão pedindo microondas também. Então, nós vamos olhar, no balanço, no balanço nós vamos olhar esses dois. Para vocês entenderem como a coisa funciona: nós começamos com isso, agora pediram mais duas coisas, a gente vai avaliar, é assim que funciona, porque nós vivemos numa democracia. Conversando e discutindo, e escutando o povo, a gente se entende e resolve os problemas.

Então, eu quero dizer para vocês que eu estou muito feliz aqui. Estou muito feliz porque eu estou aqui com casa nova, casa nova no Residencial Sirius, a estrela mais brilhante do nosso firmamento. E estou aqui também comemorando R\$ 1 bilhão, R\$ 1 bilhão já atingiu o Minhas Casa Melhor, R\$ 1 bilhão. Nós lançamos o Minha Casa Melhor em junho, metade de junho. Passou metade de junho, julho, e estamos chegando no fim de agosto, 2 meses e meio, já chegamos a R\$ 1 bilhão.

Então, eu sei que vai ser um programa bem-sucedido, vamos escutar as sugestões de cada um e de cada uma, e vamos garantir que as pessoas... porque é isso que o governo tem de fazer: garantir que o povo deste país tenha uma vida melhor. Casa Melhor e Minha Casa, Minha Vida significa vida melhor.

Um beijo no coração de cada uma e de cada um.

**Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de formatura de 1.700 alunos do Pronatec Brasil Sem Miséria – Campinas/SP
Campinas-SP, 29 de agosto de 2013**

Boa tarde. Boa tarde para todos os formandos aqui presentes, mas muito boa tarde. Agora, depois do boa tarde é parabéns para vocês. Parabéns para os formandos, porque é um momento especial, esse é um momento especial.

Queria, por isso, cumprimentar duas pessoas que vieram aqui, que representam vocês. Uma, o Giovani, nosso Giovani aqui, o Giovani orador da turma. Eu disse para o Giovani que além da formação profissional que ele tem, ele é um excelente orador, um ótimo

orador. E também a Sara Cruz, que agora recebeu também, fez a leitura do juramento em nome de todos. E também a nossa companheirinha que assinou, que teve a carteira de trabalho assinada, uma salva de palmas para ela. Levanta, Giovani, levanta Sara.

Cumprimentar o prefeito Jonas Donizette,

Cumprimentar Sandra Ciocci,

Cumprimentar essas autoridades aqui de Campinas,

Queria também dirigir um cumprimento aos ministros que me acompanham aqui nesse ato, hoje: a ministra Tereza Campello, do ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e o ministro Mercadante, que é o ministro da Educação do nosso país.

Agradecer a presença dos deputados federais, que são parceiros em toda essa trajetória do governo com outros deputados, mas os aqui presentes: Arlindo Chinaglia, Guilherme Campos e Newton Lima.

Cumprimentar o vice-prefeito de Campinas, Henrique Teixeira.

Cumprimentar o secretário de Educação Profissional e Tecnologia do Ministério da Educação, um representante aqui da Unicamp também, que é o Marco Antônio. Todo mundo hoje agradeceu o Marco Antônio, como vocês viram, porque o Marco Antônio é um técnico importantíssimo, porque ele leva à frente, ajuda o ministro, junto com outros membros da equipe, mas ajuda o ministro a colocar o Pronatec em marcha.

Queria cumprimentar também Ana Maria de Ascensão, gerente de operações do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Senac, e agradecer à Ana Maria essa parceria fantástica que o governo federal, por meio de seus institutos e escolas técnicas, tem construído com o Sistema S, no caso, o Senac.

Cumprimentar o Ricardo Terra, diretor técnico do Senai aqui no estado de São Paulo, agradecer a ele também a parceria porque a gente tem de reconhecer a importância dessa parceria para o sucesso desse programa que é o Pronatec.

Queria cumprimentar também o Carlos Pavan, conselheiro regional do Sest/Senat, e a ele também fazer o mesmo agradecimento.

Senhoras e senhores jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas, meus cumprimentos.

Eu quero começar hoje aqui contando a história de uma mulher e essa mulher é uma mulher guerreira, como todas as mulheres deste país são mulheres guerreiras. A vida cotidiana ensina a mulher a lutar, a batalhar pelos filhos, pela família, a buscar o crescimento familiar, e até por que, em muitos casos, a mulher está sozinha. Nós temos muitas famílias brasileiras, cujo chefe de família é uma mulher.

Mas eu vou contar a história dessa mulher, que é a Maria Salete de Moraes, que é uma mulher que tem um marido e três filhos, uma família. A Maria Salete, ela trabalhou na roça, ela veio da roça, e veio para a cidade e trabalhou como babá e doméstica. E, apesar da vida para a Maria Salete ter sido muito difícil, ela, a partir de um determinado momento, teve dificuldades e se inscreveu no Cadastro Único dos programas sociais do governo federal. Ela não recebia o Bolsa Família por causa da renda que conseguia fazendo bicos.

A história da Maria Salete é parecida com a história de muitas pessoas, milhões de brasileiros e brasileiras. Começou a mudar quando ela foi lá num posto do sistema Sine, do Sine, do Ministério do Trabalho. Foi lá em busca de um curso, um curso, ela queria fazer um curso profissional porque ela pensou corretamente: "Se eu tiver um curso

profissional, eu vou conseguir um emprego melhor”, porque ela sabia que ela não conseguia um emprego melhor porque ela não tinha a carteira assinada.

Graças ao Pronatec Brasil sem Miséria, a Maria Salete pôde fazer o curso de camareira em hotéis, em hospedagens, enfim, no sistema de turismo do nosso país. Melhor ainda, a Maria Salete está empregada agora, com carteira assinada, mais cesta básica que ela recebe, mais convênio médico e os benefícios que ela conseguiu ganhar.

Ela gostou tanto da experiência que, a exemplo do que faz o Giovani, ela vai conseguir continuar os estudos, porque para a gente continuar, eu falei a palavra conseguir porque para a gente conseguir continuar os estudos tem uma coisa que é necessária antes: a gente tem de querer, e a Maria Salete quis, assim como você, Giovani. Quis e começou, agora, a buscar... a fazer o supletivo e outros cursos profissionalizantes fora do horário de trabalho.

Segundo ela... ela disse que ela sempre foi muito tímida. Todo mundo se acha meio tímido. Eu me acho meio tímida, tenho certeza que vocês todos se acham meio tímidos, porque na hora de chegar e falar em público todo mundo tem um pouco de vergonha. Mas a Maria sempre se achou meio tímida, e o curso, ela disse o seguinte, uma coisa interessante que também eu ouvi no discurso do Giovani: a questão dos amigos. A Maria se entrosou bastante com os colegas e esse foi um fator de melhoria para ela, e ela percebeu uma coisa que é muito importante quando a gente percebe, quando a gente percebe que é capaz, quando a gente sabe que a gente, lutando a gente consegue, quando a gente sabe que ser capaz nasce, não de fora, nasce aqui dentro. A gente é capaz e, por isso, faz.

Histórias como a da Maria Salete estão sendo construídas hoje, de norte a sul do Brasil. Com o Pronatec nós estamos formando profissionais nas mais diferentes ocupações. Aqui hoje, entre as 1.700, como a Tereza explicou nem todos os 1.700 estão aqui porque alguns, inclusive, estão trabalhando. Mas esses 1.700 que hoje se formam e recebem o certificado, tem gente se formando, para vocês terem uma ideia, em 47 cursos, 47 cursos, gente, é muita diversidade, e é por isso que é importante, porque esses 47 cursos têm a ver com o que a gente percebe, que é a demanda das empresas das diferentes áreas aqui na região metropolitana de Campinas.

Então, resumindo, tem três fatores que explicam o sucesso do Pronatec – três – e é muito importante a gente ter consciência deles. Primeiro, eu repito, a qualidade da parceria. A gente combina escola técnica federal do MEC, Instituto Federal Tecnológico, que garante um padrão de formação profissional, com o quê? Com o que há de melhor no Brasil, em termos de formação profissional, de profissionalização, que é os cursos ministrados pelo Sistema S. Então, primeira explicação para o Pronatec dar certo? Qualidade, a qualidade do curso. A segunda é essa diversidade de cursos, porque as pessoas se encaixam: um quer ser eletricitista predial, o outro quer ser operador de máquina, uma terceira quer ser cabeleireira, um quarto quer ser... aliás, outro dia eu estive numa formatura, eu achei interessantíssimo, foi a primeira vez que eu vi, tinha um grupo se formando numa coisa chamada *sommelier*, e *sommelier* é o provador de vinho, então ele ia ser provador de vinho, porque tinha demanda para o provador de vinho. Aqui me disseram que tinha também uma grande demanda por técnico em refrigeração e climatização. E o fato de a gente escolher o curso, olhar o curso, ver qual é a demanda da região ajuda também a

criar essa relação boa entre o Pronatec e as empresas, entre o Pronatec e a demanda do mercado de trabalho e, portanto, o Pronatec com carteira assinada. Então é essa qualidade, primeiro, e diversidade dos cursos, segundo.

Mas tem uma coisa que sem ela os outros dois não adiantam, e essa coisa são vocês, está dentro de vocês, que é a vontade, a vontade e o empenho de estudar. Nenhum país do mundo, em nenhum país do mundo houve avanços significativos enquanto as pessoas não estudaram. Por isso, para nós, para o meu governo, a questão da educação é algo fundamental. E, para ter educação, aí eu quero parar e cumprimentar os nossos professores que estão aqui, porque para ter educação precisa de ter professor de qualidade, o professor tem que ser valorizado.

E o professor, o professor, a pessoa professor e professora, nós, sociedade brasileira, governo, estudantes, nós temos de valorizar. Ele se sentindo valorizado, ele vai valorizar também seu aluno. Ele, o professor, não vai deixar de ir à aula. Ele vai receber um salário melhor, mas não vai deixar de ir à aula. Ele vai se empenhar para ensinar as crianças, vai se empenhar para dar o melhor curso técnico possível. Por quê? Porque ele ocupa e é valorizado.

Por isso é que nós sabíamos sempre que a educação no Brasil precisava de mais recursos. A educação no Brasil precisava de mais recursos porque não se faz educação de qualidade sem investir no professor, e aí é formação e salário. Não se faz educação de qualidade, no Brasil, se eu não começo da base. Eu tenho de construir as condições. Quais são? O ministro falou: creche, educação em tempo integral.

Mas tem uma outra coisa aí, nós chegamos aqui: não se faz educação de qualidade sem uma educação profissional de alta qualidade. Vocês estão dando o primeiro passo nessa educação. Daqui uns dez anos nós vamos olhar para trás e o que nós queremos deixar é uma valorização da educação profissional, da formação técnica do mesmo padrão que nós valorizamos hoje em universidades. Para vocês terem uma ideia, a Alemanha é um dos países mais desenvolvidos em termos de indústria. A Alemanha é onde se tem aqueles produtos de precisão, de alta qualidade técnica. Mesmo quando eles estão em crise, eles exportam para o resto do mundo porque os produtos deles são muito bons, devido a quê? Devido ao fato de a Alemanha ser reconhecida como um dos países onde tem a melhor educação profissional e técnica do mundo.

Nós queremos para o Pronatec... porque o Pronatec tem três áreas. Tem uma área que é o ensino médio profissionalizante. Tem outra área que é o trabalhador que está trabalhando, que quer uma formação. E tem essa área que é esse caminho, que é o Pronatec do pessoal do Cadastro Único, que vai passar a ser Pronatec depois da formação profissional mais avançada, que depois pode até querer voltar a estudar e fazer um curso técnico profissionalizante de nível médio. Enfim, esse é o início do caminho.

E uma coisa que eu me orgulho muito, eu quero dizer para vocês, é o fato de que eu vejo as pessoas de uma certa faixa etária, uma certa faixa etária, e eu acho que tem uma quarta questão que a gente nunca pode esquecer: nós todos na vida, de presidente da República à criança pequena, temos de sempre estudar. Ninguém pode parar de estudar. Estudar não é um momento na vida, estudar e aprender é a vida inteira. E eu admiro muito pessoas adultas que se dispõem a fazer um curso, que dão o primeiro passo, dão o segundo, dão o terceiro, dão o quarto. A gente tem de teimar, teimar, em Minas a gente

diz muito isso. Aquele pessoal ali teima, teima, teima é um pouco insiste, você não desiste, você não entrega os pontos, tem mais.

E eu vejo um brilho nos olhos dos formandos, e esse brilho nos olhos é aquilo que nós carregamos. Independentemente de quem quer que seja, nós carregamos a educação que nós conquistamos para nós. Por isso, eu queria dizer para vocês: hoje vocês abriram um caminho, não percam esse caminho, não larguem esse caminho de lado.

E eu quero dizer também uma outra coisa: o Brasil precisa imensamente disso. O Brasil precisa imensamente de profissionais com capacidade de trabalho que tenham uma especialização. Por quê? Nós somos um país que está se desenvolvendo rapidamente. Cada vez mais os trabalhos menos especializados vão perder importância e, cada vez mais, os trabalhos, mesmo os aqueles que pareciam não especializados, eles vão mudar, eles vão mudar, a forma deles ser vai mudar, com a chegada do computador, as máquinas.

Outro dia eu estive numa formatura, para vocês terem uma ideia, uma formatura na área agrícola. Era uma formatura do Pronatec Brasil Sem Miséria ligado à área rural, estavam formando um conjunto de moças como operadoras de máquina. Por que tem curso de operação de máquina hoje na área agrícola? Sabe Por quê? Porque a máquina, na prática, é um computador, e o computador define o buraco, mede o nível de umidade do solo, coloca a semente, tampa a semente, enfim é um trabalho complexo. A máquina não faz nada sozinha, e aí é que entra a operadora de máquinas, uma porção de moças e rapazes formando em operação de máquina. Todo mundo pensava que o trabalho rural no Brasil é enxada, era enxada.

Eu queria também dizer para vocês uma outra coisa. Eu quero falar para vocês aqui, aproveitar a presença de vocês e falar que nós estamos atuando nessa área da educação como prioritária, e tem uma outra área em que nós também estamos atuando como prioritária. Essa área é a área dos médicos, a área da saúde, e eu queria explicar rapidamente para vocês.

Vocês estão vendo na televisão, nos jornais, na rádio essa discussão toda sobre esse programa chamado Mais Médicos. Por que é que nós fizemos esse programa? Porque é visível, há uma reclamação, e um governo que não escutar reclamação do povo, ele não é um bom governo. Nós temos de escutar, de ver o que o povo fala, de perceber o que está acontecendo e só tem um jeito de perceber. Como você não está em todos os lugares, escuta muito. Então, o que é que nós escutamos? Nós escutamos que a saúde tem um problema e as pessoas falam que o problema é o atendimento: “Eu não consigo ser atendida porque não tenho médico”, etc. “E também porque eu quero um atendimento mais humano, eu quero um atendimento humano na hora em que eu chegar lá para ser atendido.”

Então, nós fizemos um programa de chamamento dos médicos para preencher os locais onde não tinha médicos suficientes. Aqui no Brasil tem municípios onde não tem nenhum médico que lá more. São 700 municípios nessa situação. Nenhum médico mora lá. Eventualmente um médico chega lá, mas vai embora. Então, portanto, a minha filha, por exemplo, teve asma. Mãe com filho asmático sabe perfeitamente que parece até combinado, mas a asma só acontece de madrugada. Ao meio-dia eu nunca vi criança ter crise de asma, mas é “batata”: duas horas da manhã tem crise de asma. Então o que é

que a mãe faz? Para onde ela corre? Quem é que vai ajudá-la? Óbvio que o Brasil precisa então de mais médicos.

Além disso, além desses 700, somando dá uns 2.300 municípios que têm menos de um médico [em atenção básica] para cada 3 mil habitantes. O que é um médico para cada 3 mil? É o que a Organização Mundial de Saúde receita para um bom atendimento mínimo, mínimo. Tem lugares que é um por 2 mil. Tem outros lugares que é um por mil e quinhentos habitantes. No Brasil, nós queremos chegar a 1 por 3 mil.

Então, nós abrimos uma chamada pública para médicos formados no Brasil. Ele pode ser até estrangeiro, mas se ele for formado no Brasil, ele é chamado médico brasileiro. E chamamos esses médicos. Não veio o número de médicos suficiente. Então, a partir do momento que não veio, e não veio para onde? Não veio para alguns lugares do Brasil. Geralmente tem menos médicos nas grandes regiões metropolitanas, nas periferias; menos médicos nos municípios do interior, principalmente em zona de fronteira, semiárido nordestino, Amazônia; e menos médicos em algumas regiões de grande... aliás, de grande pobreza, com o chamado Índice de Desenvolvimento Urbano muito baixo.

Nós fizemos uma consulta aos municípios e os municípios pediram 15 mil médicos – é 15 mil e algum quebrado –, quinze mil médicos. Nós não conseguimos esses 15 mil médicos serem atendidos por brasileiro, pelo contrário, veio menos do que a gente esperava. E agora nós estamos preenchendo, sim, com médicos vindos de outro lugar.

Eu queria dar um número aqui, para vocês, para vocês saberem como é que os outros países funcionam, porque é muito importante a gente saber como é que os outros funcionam. Por exemplo, se a gente olhar os nossos vizinhos, a Argentina e o Uruguai, eles têm mais médicos do que nós. Nós temos 1,8 médico por mil habitantes, na média geral. Você sabe que, na média, o cara pode estar com a cabeça na geladeira e o pé no fogareiro e no meio, aqui, no umbigo, ele estar com a temperatura normal. Na distribuição é a mesma coisa, tem gente que tem muito médico, no Brasil, e tem gente que não tem nenhum, mas é 1,8. Sabem quanto que é na Argentina e no Uruguai? Na Argentina é 3,2, no Uruguai é 3,7. Mas esse é um dos dados?

O outro dado que eu acho muito importante vocês saberem é como é que funciona o resto do mundo. Vamos pegar os países ricos. Você supõe que um país rico pode pagar e formar todos os seus médicos, não é isso? É, ele pode, mas ele combina as duas coisas. Por exemplo, o percentual de médicos que se graduaram no exterior e exercem sua profissão nos Estados Unidos é 25%, ou seja, de cada cem médicos, 25 médicos – de cada cem médicos, 25 médicos – nos Estados Unidos vieram de fora, se diplomaram lá fora. Na Inglaterra, de cada cem médicos, 37 se formaram lá fora. Na Austrália, de cada cem, 22. No Canadá, de cada cem, 17. No Brasil, de cada cem, 1,7.

Portanto, o que nós estamos fazendo é ampliar, ampliar o atendimento médico no Brasil. Aonde? Na atenção básica, porque eu não sei se vocês sabem, mas quase 90% dos requerimentos de saúde deste país, entre 80 e 90, eu não vou falar 90, vou falar entre 80 e 90, é hipertensão, diabetes e outras doenças, mas essas duas concentram o tratamento que tem de ser dado cotidianamente.

Além disso, você vê criança com asma, com diarreia. Você tem aquelas chamadas doenças... a pessoa pegou uma bronquite, a pessoa está num tratamento de gripe, que é aquilo que ataca cada um de nós, fora quando a gente tem uma doença mais grave que

tem de ir, sim, para o hospital. Nós temos de melhorar também a qualidade do atendimento nos hospitais, mas nós vamos primeiro atacar o grosso. Levar médico aonde não tem, garantir que o médico atenda e trabalhe oito horas por dia. Isso nós vamos fazer, pagando esses médicos, formados lá fora e formados aqui dentro, uma bolsa de 10 mil reais. Eles ficam três anos fazendo isso, eles vão trabalhar nisso de segunda a sexta, óbvio, vão ter uma ajuda de custo, mas o objetivo disso é assegurar que aquelas pessoas no Brasil que não têm recurso suficiente tenham acesso a um médico também.

Na sequência nós iremos também aumentar... nós queremos aumentar o número de especialistas. O Brasil precisa de pediatra, o Brasil precisa de anestesista, o Brasil precisa de oncologista, que vai tratar das doenças do câncer, o Brasil precisa de ginecologista. Então nós vamos abrir 11 mil vagas de graduação e 12 mil de residência porque nós vamos combinar todas as formas para melhorar o atendimento da saúde da população. Com isso, eu aproveitei essa formatura para explicar para cidadãos e cidadãs brasileiras o Programa Mais Médicos.

Mas eu não posso deixar de encerrar... aliás, deixar de encerrar eu não posso mesmo, não vou ficar falando aqui a vida inteira. Mas eu não posso, antes de encerrar, dizer algumas coisas para vocês.

O meu governo quer que todo mundo que queira estudar, estude. Então, nós estamos fazendo um sistema de financiamento que chama financiamento da educação em geral, o FIES. E quero dizer para vocês que aqueles também que fizerem seu supletivo, quiserem tentar uma universidade, tem várias alternativas. Se quiser continuar a fazer um curso de tecnólogo – viu, Giovani? – você pode fazer a sua formação, fazer o seu supletivo e se inscrever no vestibular dessas escolas que são institutos federais de tecnologia e educação, você vai virar um engenheiro tecnólogo, um biotecnólogo, você vai ter uma formação superior sofisticada, assim, em termos de formação técnica.

Mas também você pode resolver que não, que você quer entrar numa escola privada. Então, você tem dois caminhos, se você quiser ir para a escola privada. Você pode tentar o ProUni, você vai ter de ter um desempenho no Enem e vai tentar o ProUni. Mas se você também não quiser fazer o ProUni? Você pode recorrer ao financiamento chamado FIES. E é importante saber: em dois casos, a pessoa recebe o FIES, e se ela trabalhar ou como professora no serviço público ou como médico no Sistema Único de Saúde, ela ganha o financiamento e ela não pagará o financiamento se ela trabalhar durante um tempo nesses dois cursos.

Por que nós estamos fazendo isso? Justamente por essa prioridade, para a educação e saúde. Um país tem de ter educação e saúde. Vai ter de ter mobilidade urbana também, mas outro dia eu venho cá falar em mobilidade urbana, hoje eu falo de educação e saúde. E por isso o meu governo fará o possível e o impossível para viabilizar a melhor educação e a melhor saúde para a população brasileira.

Um beijo a todos.